

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

ERIKA KRESS

SENTIDOS DE MATERNIDADE NO DISCURSO DIGITAL

**POUSO ALEGRE/MG
2020**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

ERIKA KRESS

SENTIDOS DE MATERNIDADE NO DISCURSO DIGITAL

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade

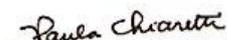
Linha de Pesquisa: Linguagem, Conhecimento e suas Tecnologias

Orientadora: Prof.^a. Dr^a. Paula Chiaretti

**POUSO ALEGRE/MG
2020**

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

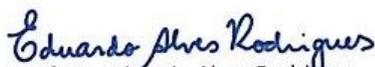
Certificamos que a tese intitulada "SENTIDOS DE MATERNIDADE NO DISCURSO DIGITAL" foi defendida, em 24 de junho de 2020, por ERIKA KRESS, aluna regularmente matriculada no Doutorado em Ciências da Linguagem, sob o Registro Acadêmico nº 98010044, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



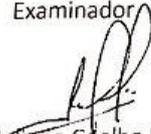
Profa. Dra. Paula Chiaretti
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora



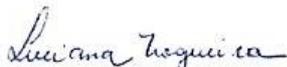
Profa. Dra. Cristiane Dias
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Examinadora



Prof. Dr. Eduardo Alves Rodrigues
Universidade Virtual do Estado de São Paulo – UNIVESP
Examinador



Prof. Dr. Juliano Coelho Miranda
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
Examinador



Profa. Dra. Luciana Nogueira
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora

KRESS, Erika.

Sentidos de Maternidade. Sentidos de Maternidade / Paula Chiaretti. - 2020.

118f.: il

Tese (Doutorado) em Ciências da Linguagem – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Paula Chiaretti

1. Discurso digital. 2. Maternidade. 3. Aplicativo. 4. BabyCenter.
5. Funcionamento algorítmico.

CDD 410

Aos meus pais, Kress e Valdecir *in*
memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me criou e foi muito criativo nessa tarefa. Seu sopro de vida em mim foi o que me deu sustento e coragem para sempre questionar realidades e buscar propor um novo universo de possibilidades.

À professora Dra. Paula Chiaretti, orientadora desse trabalho. Sua dedicação, presteza, paciência e capacidade intelectual foram determinantes e indispensáveis para que este trabalho se tornasse de fato possível. A cada orientação, tive a oportunidade e fui desafiada a ir além das compreensões básicas sobre o tema.

Aos membros da banca de qualificação, professores Dr. Eduardo Alves Rodrigues e Dra. Luciana Nogueira que, com atenção e muita competência, contribuíram, significativamente, para a composição desse trabalho, conduzindo-me na reflexão acerca do percurso realizado para a realização dessa pesquisa e que, solícitamente, concordaram em participar da Banca Examinadora.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e funcionários da UNIVAS, em especial, às professoras Dras. Eni Orlandi, Greciely Costa e Débora Massmann, que, desde a minha entrada no programa, contribuíram significativamente com dicas de leituras e reflexões pertinentes, as quais foram sempre acolhidas, compondo agora esse trabalho.

À professora Dra. Cristiane Dias, LABJOR/UNICAMP, pelas valiosas colaborações alcançadas por meio da leitura de seus artigos e livros, suas palestras, suas aulas *online* que muito me inspiraram a seguir na árdua escrita de um tema ainda tão pouco explorado e também por ter aceitado participar da Banca Examinadora.

Agradeço também ao secretário do PPGCL-UNIVAS, Guilherme Oliveira Santos, pela imensa contribuição, imprescindível para que a jornada burocrática fosse atravessada e o momento da defesa se tornasse realidade.

Vários amigos são parte fundamental deste trabalho, afinal, foi com eles que compartilhei meu sonho de escrever essa tese. Em primeiro lugar, agradeço à amiga e professora Dra. Carina Adriele Duarte Melo Figueiredo, que, em nosso primeiro contato no CEFET-MG de Varginha, me contagiou com sua determinação em estar, àquela altura, escrevendo um projeto de pesquisa para o seu Doutorado do PPGCL-UNIVAS e, também, por tempos depois, ter me “levado pela mão” para fazer a primeira disciplina e ali ter me apresentado a minha futura orientadora.

Agradeço a Ma. Carolina do Prado Franco, amiga e professora, também ex-aluna do programa de Mestrado, que foi parceira em mais de uma disciplina e sempre cuidou para que eu estivesse estimulada nas aulas e nas leituras após atravessar a rodovia Fernão Dias.

Também é preciso agradecer a Dra. Márcia da Conceição Pereira Alves, amiga e responsável pelo LNA – Lab. Nacional de Astrofísica, ex-aluna do programa de Doutorado PPGCL-UNIVAS, que, durante uma das disciplinas que juntas fizemos com o professor Dr. Eduardo, me ajudou a conceber o meu objeto de pesquisa. Obrigada por ter me mostrado “o mundo mágico da matemática algorítmica e seus aplicativos”.

Ao amigo e professor Dr. Juliano Coelho Miranda do CEFET-MG, Varginha, que me incentivou a entrar para o programa de pós-graduação, ficando sempre à disposição para me ajudar no que fosse preciso junto ao CEFET-MG em Varginha e que, gentilmente, aceitou participar da Banca Examinadora.

Aos amigos e professores Dr. Daniel Guimarães do Lago e Me. Marcelo Côrrea Mussel do CEFET-MG, Varginha, que, com determinação e muita paciência, me atenderam e sanaram minhas dúvidas na parte técnica de desenvolvimento de algoritmos, explicando-me seu funcionamento e tudo o mais que me fosse necessário na área de Infomática.

Aos amigos e professores Dr. André Rodrigues Monticeli e Dr. Paulo César Mappa do CEFET-MG, Varginha, que, sabedores das minhas adversidades, souberam me acolher e esperar o meu retorno.

Ao CEFET-MG, na pessoa do Diretor-Geral, Flávio Antônio Santos, pela bolsa de Doutorado, suporte essencial e pareceres indispensáveis ao desenvolvimento do trabalho.

Aos meus amigos e alunos que me aguardavam enquanto eu escrevia.

À toda minha família, em especial, Helga e Liz, as mulheres da minha vida.

A minha funcionária, Jandira, que cuidou de mim, da casa e dos pets com carinho e atenção para que eu pudesse tantas vezes estar ausente.

E, por fim, a minha eterna gratidão ao meu companheiro de vida, Bruno Prado, posto que, sem ele, esse sonho não teria se concretizado.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para esse momento estar sendo vivido, o meu mais sincero muito obrigada.

*A tarefa não é tanto ver o
que ninguém viu ainda, mas
pensar o que ninguém pensou
sobre algo que todos veem.*

A. Schopenhauer

KRESS, E. *Sentidos de Maternidade no Discurso Digital*. 2020. 118f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020.

RESUMO

Tendo em vista que o discurso digital é um processo de produção de sentidos, o digital não pode mais ser visto apenas como uma questão de tecnologia, entendida como uma técnica neutra. Inscrito na perspectiva teórica e analítica da Análise de Discurso de Michel Pêcheux na França e de Eni Orlandi no Brasil, este trabalho tem como objetivo compreender os sentidos postos em funcionamento na materialidade discursiva do digital própria a certos aplicativos móveis voltados para o acompanhamento da maternidade. O *corpus* analítico constitui-se a partir do aplicativo móvel *Minha Gravidez e o Bebê hoje* do *BabyCenter*, utilizado por mulheres tentantes/gestantes/mães no Brasil, como uma ferramenta de busca de toda a sorte de informações utilizadas antes, durante e após o período gestacional. Para tanto, levamos em conta alguns conceitos e noções que foram produzidos e/ou que tiveram desdobramentos teóricos na análise do discurso digital, sobretudo a partir dos estudos de Pêcheux, Orlandi e Dias. Nessa perspectiva, buscamos compreender de que forma o modo de individuação do sujeito neoliberal produz efeitos nos processos de identificação pelo discurso da tecnologia. Mais especificamente, buscamos refletir sobre o modo como o algoritmo do aplicativo *BabyCenter*, desenvolvido para o “mercado da maternidade”, significa a mulher-mãe-gestante-usuária inserida em uma formação social capitalista. Essa questão torna-se relevante em nosso tempo quando, cada vez mais, a forma-sujeito de direito está relacionada à discursividade do sujeito de dados, afetando o modo como ele pode/deve se conformar socialmente e em que a linguagem algorítmica parece dissimular a completude da linguagem e do sujeito.

Palavras-chave: Discurso digital. Maternidade. Aplicativo. *BabyCenter*. Funcionamento algorítmico.

KRESS, E. *Senses of Motherhood in Digital Discourse*. 2020. 118f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020.

ABSTRACT

Bearing in mind that digital discourse is a process of producing senses, digital can no longer be seen only as a matter of technology, understood as a neutral technique. Inscribed in the theoretical and analytical perspective of Michel Pêcheux in France and Eni Orlandi in Brazil of Discourse Analysis, this work aims to understand the meanings put into operation in the digital discursive materiality, regarding some mobile applications aimed at monitoring maternity. The analytical *corpus* is based on the *BabyCenter* mobile application used by women who are would-be pregnant / pregnant / mothers / consumers in Brazil, as a searching tool for all sorts of information used before, during, and after the gestational period. For that, we take into account some concepts and notions that were produced and / or that had theoretical consequences in the analysis of digital discourse, especially from the studies of Pêcheux, Orlandi, and Dias. In this perspective, we seek to understand how the mode of individuation of the neoliberal subject produces effects in the processes of identification through the discourse of technology. More specifically, we aim to reflect on how the algorithm of this application, developed for the “maternity market”, means the woman-mother-pregnant-user-consumer inserted in a capitalist social formation. This issue becomes relevant in our research field when, more and more, the subject-form of law is being related to the discourse of the data subject, affecting the way he can / should conform socially and in which the algorithmic language seems to hide the completeness of language and subject.

Keywords: Digital discourse. Maternity. App. *BabyCenter*. Algorithm operation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Informe retirado da seção “Quem Somos” do <i>website BabyCenter</i>	56
Figura 2 – Aplicativo móvel para maternidade <i>Sprout</i>	64
Figura 3 – Aplicativo móvel para maternidade Meu Pré-Natal	65
Figura 4 – Aplicativo móvel para maternidade Gravidez +.....	66
Figura 5 – Aplicativo móvel para maternidade Canguru Gravidez	67
Figura 6 – Aplicativo móvel para maternidade Minha Gravidez, Meu Bebê hoje	68
Figura 7 – Página inicial do <i>website BabyCenter</i>	69
Figura 8 – Ferramentas para a Gravidez	72
Figura 9 – Ferramentas de Segurança para a Gravidez: Saúde.....	73
Figura 10 – User Data Discovering – UDD (Descobridor de Dados de Usuário)	83
Figura 11 – Ferramenta para o acompanhamento semanal do desenvolvimento do bebê.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 SENTIDOS DE MATERNIDADE EM CONSTRUÇÃO	28
2.1 Da constituição do <i>corpus</i>	39
3 TECNOLOGIA DIGITAL E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	44
3.1 Internet e redes sociais	47
3.2. A discursividade do digital	55
3.3 Aplicativos móveis.....	58
4 MATERNIDADE ALGORÍTMICA NO APLICATIVO BABYCENTER.....	63
4.1 Funcionamento oracular no digital	72
4.2 Controle: <i>login</i> e subjetividade.....	76
4.3 Publicidade e consumo	79
4.4 Da <i>opinião</i> ao conhecimento: personalização no digital	80
4.5 O <i>i-Bebê</i>	85
4.6 Vulgarização científica ou produção de conhecimento?	89
4.7 Maravilhamento e completude.....	91
4.8 Da imagem como representação	93
4.9 “Oráculo de Delfos” científico.....	98
4.10 Prescritividade no aplicativo.....	103
.....	103
4.11 Cientificidade ou experiência?	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

INTRODUÇÃO

It will be very hard for people to watch or consume something that has not in some sense been tailored for them.

Eric Schmidt, CEO Google, 2015

O aplicativo sempre esteve ali, na teia, na tela, no *touch* para que tod@s pudessem dele desfrutar. Era de graça. Era fácil. Era simples. Era questão de fazer um *download* e começar a navegar... 9 meses, ou um pouco mais para aquel@s marinheir@s que ainda não estivessem pront@s, era o tempo que duraria a viagem nesse “Titanic de emoções” que é o *BabyCenter* – um centro para o bebê, sobre o bebê, onde a promessa seria ter tudo o que você, mãe, tentante ou gestante, precisasse saber, aprender; conhecer sobre a maternidade estaria ao “alcance das mãos” num simples clique mágico. E, assim, a aventura dessa pesquisa começou...

Sempre fui fascinada em observar como a tecnologia proporcionou ao mundo a possibilidade de realização de seus delírios. Sendo uma jovem que assistiu a primeira trilogia de *Star Wars* ou *De volta para o futuro* ainda nas telas do cinema, pude dividir com meus pares toda a vontade de ver aquelas bugigangas eletrônicas se tornarem realidade. Todorov (1975, p. 31) aborda o caráter maravilhoso, que ele chama de *maravilhoso instrumental*, desses pequenos objetos, que considera “adiantamentos técnicos irrealizáveis na época descrita, mas, depois de tudo, perfeitamente possíveis”. Quando pensamos em “adiantamentos”, estamos diante do caráter *inovador*, que pode ser tomado como uma palavra de ordem da atualidade, que esses artifícios apresentam. Carros que atendem ao comando de voz, computadores de bordo que calculam tempo e distâncias a serem percorridas, capacidade de entrar em contato com outros mundos, enfim, toda uma gama de possibilidades a nosso serviço para nosso conforto e felicidade.

Avançando um pouco mais, agora já cursando as disciplinas do Doutorado, entro em contato com as pesquisas no campo do discurso digital e vejo que nele estão depositadas algumas de minhas dúvidas, pois, é, nesse discurso, que encontro os efeitos do “maravilhamento da tecnologia” sendo colocados à disposição do mercado neoliberal em uma condição de colonialismo que tanto me incomoda. Olho ao redor e vejo a sociedade brasileira passar da televisão para o computador, do cinema para o *streaming*, do CD para o mp3 num movimento rápido de obediência cega, digna

daqueles que não se importam em questionar nada, pois importante mesmo é consumir e aproveitar desses pequenos dispositivos lógicos que parecem fazer mágica num cotidiano tão rotineiro de nossas vidas.

Os estudos em sala de aula continuam e a ideia inicial de estudar a tecnologia e o maravilhamento que ela produz nos sujeitos encontra um momento especial que finalmente serve para a nossa observação. Minha filha engravida e passo a acompanhá-la em sua jornada gestacional. Confirmando, mais uma vez, como a tecnologia também está naturalizada nesse extrato da sociedade, no momento em que, em uma de nossas idas aos vários médicos obstetras que ela escolhe para conhecer, percebo um traço em comum entre eles: o uso de aplicativos para “monitorar a gravidez”. Antes mesmo da tradicional pergunta sobre a data provável do último ciclo menstrual, o profissional a questiona para descobrir se ela já conhece e se fez o download do aplicativo para o celular, que irá ajudá-la no monitoramento de sua gestação.

Em um primeiro momento, a questão que ressoa em mim é: aplicativos para acompanhar a gestação? Tecnologia sendo usada em substituição a consultas presenciais padrão? Atendimento *online*? Saúde sendo digitalizada? Maternidade algorítmica? Um estranhamento atrás do outro, muitas perguntas para serem respondidas, um único comportamento em comum – todos os profissionais visitados e a maioria das gestantes/mães que conviveriam conosco a partir de então usando o aplicativo com a mais absoluta naturalidade.

Levo essa realidade para discussão durante uma aula e percebo que tenho nas mãos um objeto muito interessante para despertar a minha questão de tese. Sabemos que, desde a chegada dos *smartphones* às nossas vidas, o mundo dos aplicativos girou mais rápido e eles passaram a conviver conosco na tentativa de minimizar nossas demandas diárias em um tempo rápido. Portabilidade e eficiência. Carregar um dispositivo móvel na bolsa, que te ajude a encontrar uma rua, informe o saldo bancário ou ainda organize sua agenda parece ser algo irresistível e necessário para a sobrevivência de qualquer ser humano no séc. XXI.

Todavia, quando entramos na questão da maternidade, a tecnologia parece ter tocado em um lugar mais sagrado, se podemos assim considerá-la. Dessa maneira, a partir dessa primeira questão, podemos dizer que buscamos, nessa tese, compreender os efeitos de sentido produzidos pelo discurso digital sobre os sujeitos e a sociedade, pois são esses efeitos que vêm determinando os hábitos, os

comportamentos, as trajetórias e até as formas de se relacionar no mundo contemporâneo.

A partir da experiência familiar vivida, decido que irei explorar o que chamei naquele momento de “loucura compulsória”, pois a situação não nos permitia escolhas: era fazer o *download* do aplicativo *BabyCenter*, da Johnson & Johnson, sugerido pela maioria dos médicos e seguir adiante ou não pertencer àquele mundo. Desse modo, com o aplicativo instalado no meu celular, começo a acompanhar o passo a passo das intervenções diárias que o mesmo realiza na vida da gestante e vou compartilhando a minha estarecedora posição de “avó de aplicativo” e me abro para as questões que surgem. Poderíamos mesmo confiar nesse monitoramento? Quem responde por esse acompanhamento gestacional? O que está sendo acompanhado seria mesmo a gravidez da usuária, digo, uma gravidez única, singular, em particular? Ou estaríamos diante uma gravidez genérica, homogeneizada, algorítmica?

Médicos e outros profissionais da saúde, que não o da usuária em particular, respondem a questões e prescrevem comportamentos para o dia a dia da gestante/mãe, bem como apresentam vídeos e tabelas para complementar o acompanhamento do desenvolvimento fetal. Tudo isso atravessado por muitas avaliações de usuárias e inserção de dados digitais pessoais a partir do *login* inicial, que abre as portas do algoritmo¹ do aplicativo *BabyCenter* – objeto de nossa pesquisa – para as interessadas. Questões que, entre outras, vão sendo levantadas e que foram exploradas no decorrer de nosso trabalho por meio de análises de recortes selecionados.

Ancoramo-nos na disciplina de interpretação denominada “Análise de Discurso”, que vai ter sua fundação na França do final dos anos 1960 com Michel Pêcheux e a sua continuidade no Brasil nos anos seguintes com Eni Orlandi e outros relevantes teóricos. Ela nos pareceu a escolha certa para investigar como essa tecnologia significa maternidade na vida dessas usuárias de aplicativos que

¹ De acordo com Araújo (2017, p. 306), “algoritmo é um termo com significados diversos, que variam dramaticamente em diferentes contextos. Nas últimas décadas, algoritmo passou a integrar as conversações sobre o efeito dos processos computacionais na vida coletiva (SANDVIG, 2014), sendo muitas vezes usados como sinônimo de termos com significado amplo como sistema, software e tecnologia (ZIEWITZ, 2015). A origem etimológica desse termo remete à Europa do período Medieval (MIYAZAKI, 2012), mas, ao ser entendido como método recursivo e processual para realização de uma tarefa, é considerado um conceito geral presente em sociedades ancestrais (CHABERT et al., 1999). Na computação, algoritmo é definido como uma série de passos para a realização de uma determinada tarefa (CORMEN, 2013) e como ideia abstrata por trás de todo programa de computador (SKIENA, 2008). No debate acadêmico sobre as tecnologias digitais, algoritmo tem sido observado como uma cultura específica sobre informação, que molda as maneiras como produzimos, encontramos e acessamos informações em ambientes digitais”.

acompanham a gestação. Tomando a língua como sistema relativamente autônomo – porque é afetado pela história – a Análise de Discurso desloca o próprio conceito de linguagem, compreendendo-a como prática social que funciona na constituição dos sentidos e dos sujeitos. Assim, não falamos de uma língua “instrumento”, mas de uma língua constitutiva do sujeito, ao mesmo tempo em que é constituída por ele.

Inscritos nessa perspectiva teórica e analítica, buscamos compreender os sentidos postos em funcionamento na materialidade discursiva do digital em aplicativos voltados para o acompanhamento da maternidade. E, para tal, mobilizamos tanto o website quanto o aplicativo *Minha Gravidez, Meu Bebê hoje* do *BabyCenter*, que, como mostrado no decorrer da pesquisa, são hoje líderes absolutos no momento da escolha das tentantes, gestantes e mães para acompanhá-las durante sua gestação. Para tanto, o *corpus* analítico foi construído como um *corpus* heterogêneo em sua materialidade específica, indo desde a configuração do *website* e do aplicativo, passando pela avaliação dos produtos e serviços, peças publicitárias, recortes de seções variadas que aparecem no site, enfim, tudo aquilo que, nesse universo mais ou menos disperso da maternidade no e pelo digital, pudesse nos auxiliar na construção do objeto discursivo.

Ao longo da pesquisa, pudemos observar que o funcionamento da programação do *BabyCenter* faz parecer que tudo é muito natural, espontâneo, muitas vezes, dissimulando até a própria existência de haver um programa instalado para fazer o aplicativo funcionar. Além disso, também percebemos que o *website* e o aplicativo oferecem produtos e serviços que se pretendem suficientes e adequados para esse “monitorar a gestação” desde o momento da concepção, apresentando uma interface amigável, ou seja, que se aproxima da usuária por meio de recursos tecnológicos que facilitam a navegação e, conseqüentemente, a utilização dos serviços e produtos disponibilizados.

Posto isto, para que as análises procedessem, levamos em conta alguns conceitos e noções que foram produzidos e/ou que tiveram desdobramentos teóricos na análise do discurso digital com os estudos de Pêcheux, Orlandi e Dias. E, ainda nessa perspectiva, buscamos compreender de que forma o modo de individuação do sujeito neoliberal produziu efeitos nos processos de identificação pelo discurso da tecnologia. Mais especificamente, refletimos sobre o modo como o algoritmo desse aplicativo significou a usuária/gestante/mãe/consumidora inserida em uma formação social neoliberal. Essa questão se tornou relevante na contemporaneidade, porque,

cada vez mais, a forma-sujeito de direito está relacionada à discursividade do sujeito de dados, afetando o modo como ele pode/deve se conformar socialmente e em que essa linguagem algorítmica do aplicativo parece dissimular a completude da linguagem e do sujeito.

Exposto o caminho percorrido para chegarmos à configuração dessa tese, passaremos agora a explicar o que é tratado em cada um dos capítulos que a compõe.

Iniciamos o primeiro capítulo com a descrição da história da maternidade, deslocando-a de sua naturalidade por meio do que alguns teóricos, como por exemplo, Badinter, Forna e Bowers publicaram.

Em nossas leituras, vimos como a maternidade se apresenta sob as mais diversas formas quando levamos em consideração a produção de sentidos da maternidade de acordo com as condições de produção. Badinter (1985) rompe com a noção de amor natural que mães devem sentir por seus filhos, crivando o termo o “mito do amor materno”, uma invenção surgida através dos tempos, conforme discorreremos ao longo do capítulo 1, que mostra como as mulheres passam de uma quase total nulidade no papel de mãe, bastando a elas parir os filhos, que seriam amamentados, cuidados e criados por outras pessoas até, num passado mais recente, a essas figuras maternas, responsáveis por quase tudo que diz respeito à maternagem, isto é, a parir, cuidar, aleitar e, o mais importante em nossa pesquisa, acompanhar seus filhos desde a concepção.

Forna (1999) recupera esses sentidos de maternagem em sua obra *A Mãe de Todos os Mitos* ao nos lembrar que tudo começa com o filósofo Rousseau, que critica tais mães que repassam, sem o menor escrúpulo, os cuidados maternos a terceiros, chegando até a um momento de, em um total estado de subserviência, a mulher passar a ser valorizada tão somente pelo número de filhos que tem e que igualmente cuida ao longo de sua existência. Bowers (1996) contribui para o nosso trabalho ao conduzir um olhar sobre a maternidade com base em políticas públicas do governo imperialista britânico, que foram desenvolvidas sempre pensando, em primeiro lugar, nos interesses do capital, isto é, mais uma vez, são outros interesses que não os dela própria que direcionam a mulher à situação de maternidade.

Descrevemos ainda que esse papel de mãe amorosa é construído por toda uma sociedade interessada em fixar na mulher esse papel. Médicos, políticos, família, enfim, a própria sociedade já impõe a ela essa condição desde o momento em que se torna um ser fértil, capaz de prover ao mundo herdeiros. Não se cogita que uma

mulher não deseje ou, uma vez gerado, não ame seu filho. A sociedade, como aparece em Badinter (1985, p. 53), “após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães a cuidarem dos filhos e lhes ‘ordenam’ amamentá-los”, define que a ela caberá essa função e de outro modo a roda não poderá girar. Toda essa discussão nos interessa, à medida em que os aplicativos para acompanhamento da maternidade surgem como resposta a uma demanda que se coloca retroativamente como anterior, efeito de pré-construído, já que a mulher, não sabendo “como ser mãe” deve ser “informada” pelo aplicativo, como veremos mais adiante. Feita a reflexão das condições de produção que determinam os sentidos da maternidade ao longo da história da humanidade, terminamos o capítulo exibindo um olhar sobre a maternidade no Brasil, onde sabemos que as relações de desigualdade social também foram fundamentais para aqui se estabelecer sentidos outros para a maternidade.

No segundo capítulo, tratamos do dispositivo teórico-analítico, a Análise do discurso (AD) e também da constituição do *corpus* de análise. O que pretendemos nesse capítulo foi mostrar que essa filiação teórica da AD, que é baseada na materialidade da linguagem e traz seu viés pela compreensão dos sentidos em relação a, sustenta-nos naquilo que desejamos expor como funcionamento da linguagem. Pêcheux ([1975]1988), rompe com a noção de como estrutura da língua entendida na Linguística como um sistema autônomo e aponta para a materialidade o discurso, que ao considerar a ideologia, demonstra como o indivíduo é interpelado em sujeito e passa a se identificar com a formação discursiva a qual está ligado.

Ainda nessa seção, descrevemos quais materiais de análise foram mobilizados na construção do *corpus* analítico que buscou responder à questão sobre como se constituem os sentidos de maternidade no e pelo digital. Justificamos a heterogeneidade dos materiais em sua natureza (sites, *apps*, comentários, imagens, etc.) pelo fato de que esses materiais respondem aos objetivos da tese, permitindo o delineamento de um objeto discursivo que buscamos construir e compreender, a saber, a maternidade algorítmica do digital.

No terceiro capítulo, trazemos a historicidade da tecnologia, ou seja, optamos em recuperar como a perspectiva teórico-analítica da AD pesa a tecnologia em sua relação com o discurso, já que em nossa questão buscamos compreender os processos de produção de sentido da maternidade no/pelo digital e essa revisão do sentido de tecnologia pode contribuir com a compreensão da especificidade da materialidade do digital.

Sendo assim, o percurso tomado é construído primeiramente pela apresentação dos possíveis sentidos dicionarizados da palavra “tecnologia”. Dito de outro modo, como os dicionários apresentam o verbete com várias acepções sem, contudo, esgotar as possibilidades. Levando em consideração as palavras de Nunes (2010) quando escreve que “o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade para um público leitor, em certas condições sociais e históricas”, podemos destacar a relevância que há em dizer que, para a sociedade, certos sentidos de tecnologia passaram a ser cristalizados, ao passo que outros foram sendo apagados e como isso é relevante na forma como entendemos tecnologia nessa pesquisa.

Continuando no primeiro subcapítulo denominado “Internet e redes sociais”, trazemos o contexto histórico em que a rede mundial de computadores surgiu, iniciando-se na época da Guerra Fria, atravessando toda a questão militar americana e soviética e indo parar nas salas de aula das universidades americanas. É nesse momento que a Internet atinge uma parte da camada pensante dos jovens universitários que, tocados pelos excessos da guerra e das mazelas sociais por ela provocadas, tentam alternativas de convivência e de relacionamentos pessoais comunitários.

São eles que apontam já nessa fase da humanidade para a utopia da difusão da informação, isto é, acreditava-se, nesse momento, em um estilo de vida pautado na solidariedade, no compartilhamento e, ao levar isso para a área da tecnologia, com o decorrer dos anos, temos o surgimento do aclamado Vale do Silício e dos softwares de compartilhamento da já estabelecida rede mundial de computadores começando a ser desenhados. Castells (2000) afirma que “a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural” e, assim, ela pode ser estruturada tendo como base a comunicação não hierarquizada, ou seja, livre de governança e feita livre para todos – uma utopia que se quer até hoje.

Não nos estendendo por demais, veremos que, com o passar do tempo e com o avanço tecnológico cada vez maior, a realidade da Internet torna-se um fato para a sociedade e uma grande parte da população mundial, que têm a oportunidade de ter acesso à rede, passa a se utilizar desses softwares até a chegada dos *smartphones* – celulares inteligentes e seus aplicativos. E, nessa miríade de opções, a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora chega ao aplicativo de monitoramento da

maternidade – *Minha Gravidez e Meu Bebê hoje* da marca *BabyCenter*, objeto de estudo desse trabalho.

Assim, do movimento da Contracultura nos idos de 1960, que pregava a liberdade de escolha para o cidadão e a vida compartilhada em comunidades, chegamos ao séc. XXI quando o sujeito da forma neoliberal surge e sofre os efeitos nos processos de identificação pelo discurso da tecnologia.

Dito isso e buscando compreender de que forma o modo de individuação do sujeito neoliberal produz esses efeitos, damos início ao estudo do funcionamento dos algoritmos, mostrando, em especial, o funcionamento dos *learning algorithms*, especializados em “tudo verem, tudo ouvirem, tudo saberem”, a fim de aprender “tudo” sobre o usuário de maneira privada e subliminar. Em nossos materiais de análise, demonstraremos como isso ocorre no aplicativo *BabyCenter* e como a opacidade desse aplicativo direciona as escolhas da usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora, prendendo-as em uma “bolha de opções”, chamado por Pariser (2012) de “existência filtrada”, cuja consequência maior seria promover uma homogeneidade tal e determinada pelos conteúdos do que já foi acessado, clicado e ranqueado na rede, que impediria a formulação de sentidos outros.

Dito de outra maneira, buscamos mostrar como o algoritmo do aplicativo *BabyCenter*, a partir de um mecanismo conhecido como personalização, rastreia os dados digitais de quem acessa o aplicativo por meio de senha e *login* e, desse modo, gera *input*, ou seja, retroalimenta essas mesmas usuárias em outros acessos com escolhas e preferências, que são identificadas e reconhecidas por elas numa ilusão como tendo sido feita por elas e não pelo algoritmo. Isso é representativo da estabilidade das coisas buscadas pelo ser humano, o “já-estar aí” descrito por Pêcheux, que sob a ótica do funcionamento algorítmico e a discursividade do digital mostram “o que realmente esse usuário quer”.

Afinal, de acordo com Lago (2018), o algoritmo seria “apenas um nome dado a uma sequência de passos que você escolhe para resolver determinado problema”. A sequência de passos, no caso, estaria relacionada a esse *input* que é feito toda vez que o aplicativo é acionado por meio de uma senha e um *login*. Nesse momento, os passos sequenciados irão informando ao programa do *BabyCenter* os fatores de tendência, aquilo para o qual a usuária aponta como o que ela “quer saber” do aplicativo, utilizando-se dos próprios dados que ela inseriu ali.

Passando para o segundo subcapítulo, aprofundamos mais essa questão da discursividade do digital, mostrando com os conceitos teóricos da AD, tais como ideologia, formação ideológica e formação discursiva, podem nos ajudar a compreender um pouco mais de como a significação de “tecnologia” fica cada vez mais transparente para a sociedade, que, pelo funcionamento da memória discursiva, traz o já-dito e já-conhecido para solidificar um lugar para a tecnologia que passa confiança, credibilidade ao usuário de tal forma, que ele não colocará em dúvida o que existe, quer no funcionamento do aplicativo quer nos produtos e serviços oferecidos durante a sua utilização. Lembramos Winner (1986, p.1) quando ele cita que nas controvérsias sobre tecnologia e sociedade, “nenhuma ideia se mostra mais provocativa do que a noção de que coisas técnicas possuem qualidades políticas”.

Começaremos aqui a tratar da perspectiva discursiva do algoritmo e, para tanto, descreveremos o que o teórico francês Michel Pêcheux chamou de ideologia, de formação ideológica (FI) e de formação discursiva (FD), quando da construção teórica da Análise de Discurso. Utilizando as articulações teóricas de Orlandi (2012, p. 65), explicamos que “ideologia não é um conteúdo X, mas o mecanismo de produzi-lo”. É interessante, para nós, desde o momento da concepção do objeto de pesquisa, que não deixemos de lado as implicações que esse comportamento de aceitação desse sentido cristalizado de tecnologia como a saída para todos os problemas sociais e das políticas públicas voltadas para tão somente o campo técnico-tecnológico seriam suficientes podem provocar a formação de uma massa humana manipulada. E, assim, passamos a pensar o algoritmo pela articulação teórica da AD que nos ajuda a expor essa tendência por meio dos recortes que serão apresentados no quarto capítulo.

Ainda finalizando o terceiro capítulo, vamos descrever com mais detalhamento sobre os aplicativos móveis em um terceiro subcapítulo assim intitulado, uma vez que é importante dizer que o *BabyCenter* se mostra em suas primeiras versões na forma de um *website* até chegar a ser desenvolvido o seu aplicativo *Minha Gravidez e Meu Bebê hoje*. Trazemos uma categorização dos tipos de aplicativos móveis existentes no mercado e seguimos com a discussão sobre o dizer “móvel” que acompanha o aplicativo. Refletimos sobre a importância que essa mobilidade traz na adoção desses miniaturizados objetos de desejo, já que a aceitação dos mesmos passa pela facilitação que o discurso tecnológico encerra em si ao estarem sempre ali, à disposição de seus usuários na ilusão da completude da tecnologia e na opacidade da linguagem.

Chegando ao quarto e último capítulo, nosso trabalho vai tratar de apresentar o que chamamos de “maternidade algorítmica” no aplicativo *BabyCenter*. Sendo nosso objetivo compreender os sentidos postos em funcionamento na materialidade discursiva do digital própria a certos aplicativos móveis voltados para o acompanhamento da maternidade, é nesse momento que iremos mostrar esse funcionamento, tendo o aplicativo *Minha Gravidez Meu bebê hoje* do *BabyCenter* como *corpus* analítico.

Por meio de recortes analíticos dos mais variados materiais encontrados durante a navegação pelo aplicativo em questão e mobilizando conceitos teórico-analíticos da AD, pretendemos mostrar como os sentidos da maternidade no digital estão sendo produzidos. Trata-se de um funcionamento algorítmico e, para falar sobre ele, retomamos o que já dissemos nos capítulos anteriores acerca de tecnologia, mobilidade, facilitação, ubiquidade, opacidade da linguagem e completude do digital, que aparecem à medida em que as análises vão sendo realizadas, num batimento de descrição-interpretação dos recortes.

Passando para o primeiro subcapítulo, denominado “Funcionamento oracular no digital”, apresentamos os materiais inicialmente selecionados para a análise e exploramos as formulações que os acompanham. A ferramenta escolhida para tratar desse funcionamento recebe o nome com o emprego de um questionamento: “É seguro? ”, em que pudemos observar a evidência da completude sendo posta.

Ademais, é relevante dizer que observamos pelo funcionamento do aplicativo *BabyCenter*, que a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora que está acessando o aplicativo em busca de informações sobre “segurança”, é vista de maneira uniforme, homogênea. Algo como se todas as gestantes no mundo do *BabyCenter* fossem iguais, assim como seus bebês, sem qualquer diferenciação quer de idade, quer pela presença de alguma doença pré-existente ou qualquer outra razão.

Podemos afirmar que, ainda na discursividade envolvida na formulação, advém da ilusão construída a partir de uma memória discursiva já em curso, que produz sentidos para a “tecnologia” vinculados ao imaginário da inevitabilidade de uma mudança social em progresso: a onipresença de objetos tecnológicos, seja um celular, seja um aplicativo móvel no meio digital.

Nessa ferramenta, a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora encontra um conjunto de informações acerca de comportamentos que podem ou não colocar em risco o período gestacional dela. Dessa forma, o aplicativo ganha esse aspecto de

“oráculo de Delfos”² numa retomada daquele que, na Antiguidade, servia para aconselhar e orientar as decisões a serem tomadas para que o futuro fosse melhor.

Dando continuidade às análises, chegamos ao segundo subcapítulo intitulado “Controle: login e subjetividade” quando tratamos da nova identificação do sujeito sendo feita por meio dos *logins*, que a identidade do digital reconhece o indivíduo e a ele dá entrada ou não para o mundo digital dos acessos. Nesse momento, trazemos Deleuze (2000) para nos ajudar a dizer das “sociedades de controle”, que se estabilizaram após o declínio das “sociedades disciplinares” e acrescentamos, dessa forma, que, na contemporaneidade, “o essencial não seria mais a assinatura nem um número, mas uma cifra: a cifra que é uma senha”. A segurança que está em jogo agora é controlada não por portões, guardas ou fronteiras, mas pela impossível repetibilidade dos logins. Tudo controlado quer o digital.

Finalmente, aprofundaremos o nosso olhar sobre o funcionamento algorítmico da retroalimentação (*feedback*), que, como explicamos ao longo das análises, serve para fidelizar esse usuário-cliente, que precisa ser constantemente monitorado e rastreado, de sorte a ter seu perfil computacional traçado.

Como Bruno (2013, p.148) nos lembra se tratar de uma vigilância que “opera menos com o olhar do que com sistemas informacionais; menos sobre corpos do que sobre dados e rastros; menos com o fim de corrigir e reformar do que com o fim de antecipar tendências, preferências, interesses”. Para tal, exploramos as avaliações ou *ranqueamentos* que estão a todo momento sendo expressos pelas usuárias e que também contribuem nesse processo de constituição dessa memória algorítmica que se faz com a retroalimentação.

No terceiro subcapítulo chamado “Publicidade e consumo”, apresentamos algumas peças publicitárias, que circulam como material de divulgação do aplicativo e que, por meio do apelo que as avaliações das usuárias são expressas nessas peças, demonstram os primeiros sinais para nós de opacidade nas formulações e também um funcionamento de exaustividade no querer poder apresentar respostas para tudo aquilo que se precisa, deve e pode ser dito sobre maternidade no/pelo discurso digital.

Na esteira desses recortes, seguem-se outros sobre as ferramentas e as seções do aplicativo *BabyCenter* que vão trazendo à superfície como a própria linguagem do programa é dissimulada para que as usuárias sintam como se não

² Fonte: Bullfinch (2000) Livro de ouro da Mitologia

houvesse ali um objeto maquínico, mas sim um objeto que pudesse suportar todas as suas dúvidas, com uma interface simples, de rápida aprendizagem e em que pudesse ocorrer uma interação plena e segura.

Apresentamos, então, o quarto subcapítulo que mostra, por meio de um recorte analítico baseado em uma peça de publicidade, relatos de uma usuária real, alguém com conhecimento para atestar sobre esse produto, o aplicativo *BabyCenter*. Essa experiência nos é muito cara, pois ela representa uma opinião, é a fala de quem experimentou o produto/ serviço oferecido por esse aplicativo e, por esse motivo, encontra-se na posição de portadora de um saber supostamente inquestionável sobre esse aplicativo. Buscamos mostrar nesse subcapítulo o funcionamento dessa publicidade para angariar mais usuárias/tentantes/gestantes/consumidoras para esse lugar de “segurança e conforto”, em que a gravidez pode acontecer para elas.

Pelas imagens em 3-D e pelos vídeos analisados, chegamos quinto subcapítulo e ao *i-Bebê*, uma criatura criada pela arte algorítmica e que, para a usuária, vem na evidência de ser o bebê concebido, existente em seu útero. A magia das ferramentas tecnológicas, tão opaca quanto as formulações do aplicativo produz na usuária esse efeito de verdade, em que ela é convidada a acompanhar o desenvolvimento de um bebê que não é o seu, nem o de ninguém, mas é outra vez algo da ordem da exaustividade que se apresenta no digital, que a tudo quer responder, sem falhas. Num efeito previsível, oracular, a maternidade algorítmica é construída.

No sexto subcapítulo “Vulgarização científica ou produção de conhecimento?” interessou-nos apresentar uma ferramenta em que o desenvolvimento fetal semanal é mostrado para a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora. Com essa ferramenta, ela consegue fazer o acompanhamento da gestação, semana após semana, criando, dessa maneira, um vínculo ainda maior com o aplicativo.

Esse recurso será responsável por atrair esse público-alvo, entre outras coisas, devido aos dispositivos imagéticos – ícones – que, sendo de fácil compreensão, permitem uma associação rápida com o que se deseja descobrir. Todavia, mostramos que, em seu funcionamento pouco é trazido das pesquisas científicas e de sua precisão. Nesse espaço, surge a vulgarização da divulgação científica, que pode transformar os resultados da ciência em mera notícia informativa.

Dito de outra maneira, nos parece ser pouco provável que uma imagem de uma abóbora, por exemplo, represente um bebê em equivalência ao seu tamanho e peso, quando o falamos do discurso científico. Desse modo, o aplicativo parece tomar para

si essa dificuldade da publicização dos conhecimentos científicos e se aproveita para cativar ainda mais as suas usuárias no tocante ao utilitarismo dessa tecnologia.

Chegando ao sétimo subcapítulo “Maravilhamento e completude”, questionamos esse efeito de “maravilhamento” dos homens frente à ciência e à tecnologia. Apoiados em Vieira Pinto (2005, p. 219-220), que nos aponta “os efeitos ideológicos” do modo como o conceito de tecnologia foi se constituindo e se formulando nesse modelo econômico-político neoliberal com o qual a sociedade contemporânea está comprometida fortemente”.

O filósofo trata da “ideologização da técnica”, ou seja, o uso que o poder dominante faz da tecnologia para constitui-la em ideologia e é essa ideologização que parece responder pelo fato de usuárias/tentantes/gestantes/mães/consumidoras em vários lugares do mundo aderirem ao uso de um aplicativo como o *BabyCenter* para fazer o acompanhamento da maternidade.

No oitavo subcapítulo, “Da imagem como representação”, vamos tratar da equivocidade das imagens que aparecem ao longo da navegação pelo aplicativo. Dentre elas, a escolha do recorte foi feita pela imagem do bebê dentro da cavidade uterina durante seu processo evolutivo gestacional.

É oferecido à usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora uma imagem que se quer equivale a do bebê por ela concebido. Contudo, o que é apresentado na imagem estaria relacionado ao efeito de equivalência ou coincidência entre o bebê gerado por ela e o da imagem. Surge para ela o que optamos chamar de *i-Bebê*.

Realiza-se nessas imagens um desenvolvimento gestacional de um *i-Bebê*, branco, saudável, perfeito e feliz, já que desenvolvido num corpo virtual e controlado em suas falhas orgânicas por meio do algoritmo que o constitui. Dito de outra forma, mais uma vez, é a opacidade das imagens que são, de fato, polissêmicas e que, portanto, admitem outras articulações no âmbito da memória, que circulam no aplicativo e promovem a produção de sentidos de um ser diferente do que está na barriga da usuária do aplicativo.

Adentrando pelo “Oráculo de Delfos científico” no nono capítulo, iremos retomar a questão da infalibilidade, em o que se busca no aplicativo *BabyCenter* é o bebê concebido por uma maternidade algorítmica, que se pretende, pela memória, fazer funcionar como o bebê natural dessa usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora.

Ainda apelando para a opacidade das imagens que circulam pelo aplicativo, iremos mostrar como, pelo funcionamento algorítmico, apaga-se o fato, outra vez, de

que ali se encontra o *i-Bebê*. Também, nesse subcapítulo, traremos um enunciado que aparece como legenda de uma das imagens, em que o funcionamento do aplicativo faz alusão a uma situação de futuro quando chama a usuária/tentante/gestante/mãe consumidora a sentir os “chutes” daquele bebê num funcionamento oracular de previsões sem base científica alguma.

Outra categoria analisada dentro dessa seção, é a presença das calculadoras – de ovulação, data provável de nascimento do bebê e, até mesmo, do sexo da criança. Tudo mostrado de forma muito lúdica e atraindo a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora pelo apela ao entretenimento em meio a uma fase em que ela se encontra muitas vezes mais sensível. Afinal quem não acharia interessante uma ferramenta que “calculasse” esses acontecimentos? Buscamos tratar essa questão, mostrando que, pelo funcionamento do próprio aplicativo, as respostas são dadas e tornam a interface ainda mais amigável e dissimulada de seu funcionamento algorítmico.

Encerrando as análises dos recortes selecionados por nós, chegamos ao décimo subcapítulo, intitulado “Prescritividade no aplicativo”, em que buscamos compreender o aplicativo *BabyCenter* ao expor o passo a passo que irá assegurar às gestantes uma gravidez sem riscos desnecessários. Para tanto, o aplicativo funciona também com um comportamento prescritivo outrora encontrado nos manuais de pediatria acerca dos primeiros momentos do bebê – da concepção à gestação.

Chiaretti (2013, p. 93), ao falar da prescritividade presente em manuais de autoajuda afirma que “é, na medida em que condutas se colocam como universais por um encadeamento prescritivo de passos, que o discurso do livro de autoajuda se aproxima da forma do discurso religioso”. Dessa forma, o aplicativo *BabyCenter* é formulado de tal maneira que a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora passe a ler esses conselhos como algo dado, uma ordem, uma verdade absoluta, na ilusão da transparência da linguagem.

Dessa forma, podemos concluir dizendo que a maternidade se significa a partir de certas condições materiais de produção. Vimos como, através dos tempos, a maternidade teve seus sentidos construídos, tendo sempre uma forte relação com a questão econômica. O que não há (ou melhor, há pouco) é algo de natural, de espontâneo sobre a maternidade, muito embora saibamos que ela esteja relacionada ao corpo orgânico.

Sendo assim, considerando o percurso apresentado, acreditamos que o desafio de uma abordagem sobre os sentidos de maternidade possa ter sido aceito e daremos prosseguimento com a apresentação minuciosa dos capítulos e subcapítulos apresentados nessa breve, porém, criteriosa introdução.

1 SENTIDOS DE MATERNIDADE EM CONSTRUÇÃO

O desejo de ter filhos não é constante nem universal; algumas o querem, outras não os querem mais; outras, enfim, nunca os quiseram.

E. Badinter

Diversos estudos desconstruíram a maternidade como um acontecimento natural (BOWERS, 1996; BADINTER, 1985; FORNA, 1999). Tratar a maternidade como uma construção social e cultural que se apresenta de diferentes maneiras ao longo do tempo nos permite considerar que as condições de produção determinam os sentidos de maternidade.

Bowers (1996), em seu livro de *The Politics of Motherhood: British Writing and Culture, 1680–1760*, por exemplo, mostra como as políticas reprodutivas durante o Império Britânico se configuram a partir de demandas econômicas do imperialismo. Ao tratar a maternidade com uma construção, e não mais como algo inato, torna-se possível reconhecer as diferentes atualizações (paráfrases) que sofre ao longo da história. Forna (1999), nos conta em *A Mãe de Todos Os Mitos*, que esse estilo de maternagem, isto é, os cuidados com a mãe e com o bebê, teve seu início em 1762, a partir da publicação de *Émile*, por Rousseau, quando este criticou as mães que enviavam os filhos para as amas-de-leite, o que era bastante comum até esta época. Ele recomendava, enfaticamente, que as próprias mães amamentassem e criassem seus filhos e as recriminava por darem preferência a outros interesses. Segundo Badinter (1985), dá-se aí o início à injunção obrigatória do amor materno.

A autora narra em *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno* sobre esse amor e seus desdobramentos sociais e políticos, buscando compreender como um sentimento pode passar por variações tão profundas, indo de uma indiferença aos cuidados dos filhos para uma situação – em que a mãe passa a ver vista e cobrada socialmente pelos cuidados das crianças. Isso é descrito por Badinter na sociedade francesa, ao longo do período que se estende do século XVII ao XX, quando a experiência da maternidade passa a ser elemento-chave para compreender as transformações e os processos da luta pela igualdade e emancipação política das mulheres.

A exaltação ao “amor materno” é fato relativamente recente dentro da história da civilização ocidental, constituindo-se esse tipo de vínculo, tradicionalmente descrito como “instintivo” e “natural”, em um mito construído pelos discursos filosófico, médico e político a partir do século XVIII.

Ao indagarmos às pessoas o que elas compreendem por “amor materno”, observaremos respostas ligadas aos mais diferentes valores. “Sensação de completude”, “amor divinal”, “sentimento único”, “felicidade eterna” podem ser alguns dos exemplos elencados para a possível definição desse “amor”. Mas será que essas definições apareceriam em outros períodos da História? Ao buscarmos essas definições, outras perguntas surgiram: o amor materno faria parte da natureza feminina ou seria uma construção social estabelecida na relação da mãe com o filho? Seria possível pensar em predisposição à maternidade?

Assim, o que pretendemos nesse capítulo é apresentar as diferentes formas de entender a manifestação do “amor materno”, uma vez que, ao estudarmos a relação da criança da nossa época com sua mãe e a compararmos com a que existia nas gerações anteriores, descobrimos várias diferenças. Por isso, resolvemos investigar o impacto dessas diferentes formas de significar a maternidade por meio de um breve estudo histórico, de modo a expor, ao longo desse capítulo, como o amor de mãe veio sofrendo transformações ao longo do tempo.

Vale destacar que esse procedimento tem ancoragem na perspectiva discursiva que busca ‘desnaturalizar’ os sentidos. A maternidade como lugar de forte significação ligada historicamente à “natureza da mulher” configura-se como um objeto simbólico dado seu caráter fluido e mutante na produção de sentidos.

Retomando os estudos da filósofa francesa, Elizabeth Badinter, autora da obra *“Um amor conquistado: o mito do amor materno”*, na França dos séculos XVI, XVII e meados do XVIII, as mulheres de diversas classes sociais não cuidavam de seus filhos; existia uma desvalorização dada à maternidade, que fazia com que as mães transferissem essas responsabilidades a terceiros com a costumeira entrega às amas de leite, em especial, e ao abandono, quando necessário, nas Rodas dos Expostos e em locais públicos.

Mulheres artesãs consideravam que deviam se ocupar do serviço ao lado do resto da família e não tinham tempo disponível para se ocupar do cuidado dos filhos. Já as nobres acreditavam que a amamentação e o cuidado dos menores fossem um ultraje, algo que não era esperado da mulher, dependendo de sua condição social.

Em relação à amamentação, defendiam precisar do leite para si próprias, para sua subsistência, além da circunstância de que a amamentação poderia ser vista como algo indigno, impuro e com grande conotação sexual. Em um de seus estudos sobre maternidade, Forna (1999) afirma que, de acordo com alguns autores, esse “abandono” materno acontecia não somente com vistas a beneficiar a mulher, como também a própria criança.

O leite das aristocratas era considerado fraco e carente de nutrientes em comparação com a dieta saudável oferecida pelas mulheres dos fazendeiros [...] e a cidade era considerada [...] um ambiente carregado de doenças para os bebês. As mulheres acreditavam que mandavam os filhos para longe para o próprio bem deles (FORNA, 1999, p. 40).

Essa desvalorização à maternagem também foi apontada pela autora como relacionada à ênfase dada ao poder paterno que acompanhava a autoridade marital. O homem era, então, percebido durante toda a Idade Média como superior à mulher e à criança, diferença entendida como inerente à condição humana, que daria ao homem uma autoridade “natural”. Desse modo, a instituição família era completamente diferente, até o século XVIII, das formas de organização encontradas posteriormente e que seriam predominantes no período moderno. Sentimentos de ternura e intimidade ligando pais e filhos ou até mesmo a valorização da criança só então apareceria.

Ainda sobre esse comportamento, podemos dizer que a distância entre filhos e pais não se resumia ao período da amamentação somente. Badinter (1985) nos lembra que, após voltarem para o convívio familiar, algo que se dava quando as crianças completavam 4 anos, as meninas eram entregues a uma governanta e os meninos, aos preceptores, que seriam responsáveis por sua formação e crescimento, não entrando em contato, portanto, com seus progenitores. E esse desapego seguia, pois, ao completarem 7 anos, as garotas eram enviadas para os conventos e os garotos, para os internatos. Assim, nos explica Forna (1999):

A maternidade não tinha um status especial, deveres ou pressupostos especiais. A mulher dava à luz e pronto. Não se presumia que ela fosse amar o filho, a não ser que se resolvesse a amá-lo. Não se esperava sequer que ela cuidasse do bebê. Na verdade, em casos de divórcio na Inglaterra, França e América do Norte, geralmente era o pai que tinha a custódia dos filhos [...]. As mulheres eram consideradas muito amorais, inferiores e fracas para assumir tais responsabilidades (FORNA, 1999, p. 44).

Conforme um texto de J. L. Vivés, do século XV, citado por Badinter (1985), momentos de ternura deveriam ser evitados pelas mães, pois poderiam incentivar a

formação de adolescentes repleto de vícios indesejáveis e, ao contrário do que se poderia imaginar na contemporaneidade, castigos e punições por parte da responsabilidade parental eram as escolhas mais adequadas para a educação dos filhos.

Posto isto, podemos considerar que aquelas mães estavam simplesmente seguindo as normas propostas pela sociedade de então, que estava mais preocupada com a formação de um adulto bem-educado e menos com a existência de laços afetivos entre mães e filhos. Dessa forma, cabe compreender que o amor materno já existia no século XV, no entanto, apareceria representado conforme outros critérios. De fato, podemos dizer que seria inadequado afirmar que, em algum momento da História, esse amor não deixou suas marcas.

Continuando o resgate do modelo de relação entre mães e filhos em séculos passados, podemos dizer que a concepção de amor materno que temos no mundo moderno é bastante recente. O que se encontra em alguns autores é que, na contemporaneidade, a maternidade vem sendo explicada por meio de valores resultantes de um processo histórico-cultural.

Elizabeth Badinter afirma também em seu livro que o vínculo afetivo entre mãe e bebê não é natural, inato, instintivo, mas, sim, construído. Ela adverte que o “amor materno” foi por tanto tempo considerado um instinto, que ficou difícil compreendê-lo como não sendo parte da natureza feminina.

A nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que, ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez, deva corresponder determinada atitude maternal (BADINTER, 1985, p. 19).

Ainda com base em seus estudos, Badinter (1985) mostra que não é apenas o amor que faz com que a mulher cumpra com seus “deveres maternais”, pois, para a autora francesa, os valores sociais, religiosos, econômicos e culturais são variáveis fundamentais para moldar nossos comportamentos e, entre eles, o “amor materno”. Segundo a filósofa francesa, “é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho” (BADINTER, 1985, p. 23). Para exemplificar tal afirmação, trazemos novamente o fato de que ela nos lembra da recusa materna em alimentar – famílias

aristocráticas já deixavam essa função para as chamadas amas de leite – que irá atravessar todo o século XVIII.

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães a cuidarem dos filhos e lhes “ordenam” amamentá-los. Elas impõem à mulher a obrigação de ser mãe antes de tudo e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno ou do amor espontâneo de toda a mãe pelo filho (BADINTER, 1985, p. 120).

Dessa forma, a partir de 1760, muitas publicações passam a exaltar o “amor materno” e a imagem da mãe e a relação dela com seus filhos passam a ser valorizadas e esse amor será exaltado como um valor natural, social e indispensável a qualquer sociedade de bem. A mulher é incentivada, assim, a assumir diretamente os cuidados da prole. Questiona-se: o que poderia ter provocado essa alteração na mentalidade de então? O percurso histórico indica que as demandas sociais assim exigiram. Em defesa da criança, dois discursos se integraram para modificar esse padrão comportamental da mulher: um discurso econômico, apoiado em estudos demográficos – a preocupação com o declínio das populações em geral, e outro, econômico, do liberalismo, que chegava favorecendo ideais de liberdade, igualdade e felicidade individual.

Em rápidas palavras, Badinter (1985), traça os três movimentos envolvidos nessa transformação, a saber, primeiro, uma taxa de mortalidade infantil elevada, que levaria à diminuição da mão de obra e, por conseguinte, a uma produção reduzida; outro aspecto, seria a difusão da filosofia da felicidade e da igualdade – as mulheres passaram a defender a felicidade como essencial à vida e as crianças ganharam um novo tratamento, em que suas necessidades passaram a ser mais respeitadas – de forma que o espaço da família torna-se o ideal para a propagação do valor coletivo em detrimento do individual e, por último, as mulheres passaram a ser veneradas pelo dom da maternidade.

O “amor materno” começa a ser visto como um “modelo de amor altruísta”, quer dizer, no qual é enfatizado o componente “cuidado”. Esse cuidado é intrínseco, não demandando o mesmo retorno daquele a quem foi dirigido: “é cuidando do outro e fazendo todo o possível pela sua felicidade que o indivíduo motivado por este tipo de amor encontra sentido e satisfação em sua própria vida” (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2009, p. 325).

A relação conjugal também sofre alterações, já que o antigo modelo de casamento por contrato não mais se adequava aos novos ventos libertários e igualitários da época e, portanto, o casamento por amor entra em moda e a felicidade conjugal passa a ser importante. A família é o foco, muito embora a relação homem-mulher permaneça desequilibrada, a consciência social se faz alterando profundamente as relações pais-filhos, marido-esposa.

Estudos atuais mostram como a vida coletiva vai dando lugar a um espaço privado de vida. As casas modificam sua arquitetura para reservar aos indivíduos locais privados; os nomes se individualizam; roupas, guardanapos e lençóis ganham marcas, de modo a permitir sua identificação. A vida do trabalho sai da casa para a fábrica, modificando o caráter da vida pública. A casa torna-se um lugar reservado à família, que, em seu interior, divide espaços, de forma a permitir lugares mais individuais e privados (BOCK, 2001, p. 19).

Inicia-se, nessa época, a reverência/manipulação da mulher no que concerne à maternidade. Se por um lado, ela ganha status de ter mais direitos e valor, por outro, surgem as ameaças por parte da religião e também da medicina. Para reforçar os interesses econômicos do Estado, surge também, nesse contexto, o discurso de médicos, moralistas, administradores e chefes de polícia que afirmam ser essa a forma mais "natural" e adequada para se cuidar de uma criança. A premissa parte da noção de que só a mulher é capaz de gestar e parir e, desse modo, a ela cabe, graças à sua "natureza feminina", igualmente os cuidados e a educação da prole.

Outro fato relevante para essa contextualização foi a publicação do romance "Emílio ou Da Educação" por Rousseau na segunda metade do século XVIII, que veio para corroborar a ligação da maternidade com a moralidade. É esse filósofo que defende a criança, ao mesmo tempo em que coloca, para a mulher, um papel de submissão, fraqueza e passividade, cabendo a ela obedecer ao homem e preparar os filhos para a vida. A maternidade, agora vista como natural – tratava-se de uma força da natureza – tornaria a mãe pronta para esse sacrifício. Dito de outra forma, a mulher abriria mão de tudo para se sacrificar pelos filhos que viessem.

Transformados em objetos privilegiados pela atenção materna, bebê e criança passam a desenhar uma nova imagem da relação com a maternidade. A devoção e a vigilância diária por parte da mãe passam a ser consideradas elementos essenciais à vida. Afirma-se que, sem esses cuidados maternos, a preservação da prole estará ameaçada. Sendo assim, ampliam-se as responsabilidades da progenitora e, junto com isso, há uma crescente valorização da mulher-mãe, a "rainha do lar", dotada de

poder e respeitabilidade, desde que ela não ultrapassasse as fronteiras do espaço doméstico.

Com esta conquista de valor, pensando na sua nova posição de prestígio, a mulher inicia o século XIX completamente consciente e devotada aos cuidados filiais, tais como o aleitamento, a higiene da casa, a presença diária e a educação deles. A mãe distante e desinteressada pela prole não mais existe. Nasce, assim, o protótipo da “mãe perfeita e ideal”, um dos pilares da família burguesa desse século, que irá sobreviver até os dias atuais. Podemos afirmar, então, que o “amor materno” é real, mas nos parece que sempre moldado pelos fatores culturais de cada época. O “amor materno” é o resultado do que fazemos dele.

Dessa forma, restaria acrescentar como foi esse processo de transformação da maternidade no Brasil. É sabido que, enquanto na Europa esse processo acompanhou a constituição dos Estados Modernos, em especial no período das revoluções liberais, no Brasil, as transformações ocorreram à luz da passagem da condição de Colônia para nação. A chegada da Família Real é um fato histórico decisivo para o desenvolvimento da organização da família moderna e de seus sentimentos, podendo ser elencados, entre alguns, aqueles relacionados quer à maternidade, quer à maternagem.

Durante os séculos XVI a XVIII, segundo Algranthi (1997), a organização familiar colonial recebeu fortes influências, que se estenderam do urbano ao rural, do privado ao público:

Nos núcleos urbanos, o que se nota é a sociabilidade que corre de modo predominantemente fora da casa, pautada por um mundo em que todos se conhecem (...) no mundo rural, as grandes distâncias e o isolamento nem sempre favoreceram a intimidade, quer pela presença de escravos nos latifúndios, quer pelo próprio caráter das relações de dominação típicas da sociedade colonial (ALGRANTHI, 1997, p. 152).

Havia uma indefinição do que era o espaço doméstico no Brasil Colônia, de tal forma que, nas casas, a convivência entre os familiares se misturava ao trabalho, não se conseguindo distinguir nem quais eram os cômodos de uso privado e os de uso público. Da mesma maneira, encontravam-se os cuidados com a criança – nenhum espaço especial era reservado a ela, nem tampouco recebia um tratamento diferenciado dos familiares no seu cotidiano.

É, portanto, no início do séc. XIX, que, com a recém-chegada administração portuguesa, as cidades brasileiras começam a sofrer um processo conhecido como

“reeuropeização” dos costumes coloniais, responsável pela importação de hábitos culturais da Europa. Entre esses hábitos, temos a valorização da mulher e da criança, dando destaque a essa nova “família amorosa”.

Segundo Costa (2010), o Estado novo brasileiro encontrou na família colonial um forte empecilho à sua consolidação, em consequência do extenso período que o Brasil viveu desde o descobrimento até o século XVIII e das características daí adquiridas pela sociedade de então.

Devido ao fato de o colono ter ficado longe dos olhos do poder da Coroa Portuguesa, ele veio a se estabelecer como único dono do território ocupado. Nesse viés, aprendemos que “a família latifundiária acumulou uma massa de poder da metrópole, que, em breve, competiria com o poder da metrópole” (COSTA, 2010, p. 36).

Essa família colonial tinha por principal marca a valorização do poder paterno, aquele que assegurava ao pai a figura de protetor e provedor, deixando a mulher e a criança serem vistas como elementos a serviço desse patriarca. Ainda segundo esse mesmo autor, com o processo de estatização dos indivíduos no Brasil, surge um forte efeito sobre essas mulheres-mães da Colônia: sua imagem passa para a da “mãe higiênica”, possível somente pela junção dos interesses da família com o poder médico.

Esse novo papel das mulheres trazido pelo discurso higienista ocorre tanto no Brasil como na Europa, mas, no caso do nosso país, ele é fundamental para combater o chamado aleitamento mercenário – feito pelas escravas – visto como responsável pela mortalidade infantil e também a suposta deformação moral das crianças trazida pela convivência com serviçais negros cotidianamente.

No curso do Segundo Império, sobretudo, a medicina social vai dirigir-se à família burguesa citadina, procurando modificar a conduta física, moral e intelectual, sexual e social dos seus membros com vistas à sua adaptação ao sistema econômico e político (COSTA, 2010, p. 78).

O aleitamento materno, agora valorizado no Brasil, vai permitir a regulação da vida da mulher, que passará a ficar mais tempo no ambiente doméstico próxima à prole, assumindo a responsabilidade da maternagem das crianças. Esses cuidados maternos ganham um novo status de relevância e a manifestação do “amor materno” torna-se não somente desejável, como também “natural”. Dessa forma, durante o séc. XIX, o modelo da família burguesa europeia é adotado pela sociedade colonial brasileira.

Baseados nessa breve trajetória, concluímos que o mito do “amor materno” é o que vem para desnaturalizar a maternidade (e também a maternagem), visto que, não sendo algo da ordem do natural, é que ela vem sendo significada de maneiras diferentes ao longo dos tempos. O aplicativo *BabyCenter*, que serviu de objeto de estudo para essa tese, marca também essa desnaturalização e foi, por meio de análises das produções de usuárias referidas ao contexto brasileiro, que ressaltamos tais práticas no discurso digital.

Acrescentamos ainda algo sobre o fenômeno da “terceirização da maternidade e da maternagem”, isto é, quando quem cuida não é a mãe biológica, não sendo algo dos tempos atuais. Pelo que pudemos perceber, nesse breve histórico, a responsabilidade compartilhada sempre existiu, muito embora, em cada época, fosse tratada de uma maneira. Se no Brasil Colônia, eram as amas de leite; na República, mães e avós passaram a assumir esse papel. Com o passar do tempo e a entrada delas no mercado neoliberal, surgem as babás e as profissionais da creche.

E hoje, com a Internet, chegamos aos aplicativos de monitoramento da maternidade, que foram instalados nos celulares para tentarem dar conta desse papel.

Não podemos deixar de afirmar que o papel da maternidade na sociedade, portanto, é um lugar de regulação quer pela moral, quando dela é esperado que desde sempre ela se prepare e deseje ser mãe, quer pelo jurídico, quando cabe a ela a responsabilização plena por essa criança que nasceu, afinal, na certidão de nascimento, o nome do pai pode estar ausente, mas o da mãe, jamais.

Tudo isso aponta para a relevância que vemos na questão abordada nessa tese, uma vez que os sentidos de maternidade, ainda que tenham sido construídos ao longo de uma trajetória sócio-histórica marcada pelas especificidades desses momentos, eles sempre tiveram em sua base a regulação de um papel que coube tão somente à mulher, não se preocupando muito em ouvi-la durante a sua formação.

Posto isso, o que pretendemos fazer em nossa pesquisa é um recorte nessa trajetória – a maternidade na era digital. E, a fim de compreender um dos modos como a maternidade funciona na contemporaneidade, elegemos alguns materiais do aplicativo móvel *BabyCenter*, sabendo que poderemos acessar outros recortes, à medida que a pesquisa assim nos solicite.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-ANALÍTICO

O que há são versões.

E. Orlandi

A nossa história pode ser contada de muitas maneiras e compreendida por meio de diferentes propostas de análise. A que escolhemos para apresentar neste trabalho inscreve-se na filiação teórica da análise de discurso francesa pecheuxtiana e também nos trabalhos de Orlandi e Dias, em que a materialidade da linguagem é o fio condutor da compreensão dos sentidos e esses nunca existem em si, mas sempre em “relação a”, isto é, nas relações que se estabelecem em sua produção. Sendo assim, partindo do princípio de que a linguagem não é transparente e de que tais sentidos derivam da inscrição da língua na história, buscaremos compreender a constituição, formulação e circulação dos aplicativos desenvolvidos para usuárias, isto é, mulheres, gestantes e mães, durante a fase pré, pós e gestacional. Tendo em vista que trabalhamos aqui com discurso digital, nos interessam fortemente os conceitos de “arquivo”, “formação discursiva”, em especial, a “formação algorítmica” (FERRAGUT, 2014) – conceito ainda em estudo, mas que se adequa a especificidade do nosso material de análise e que iremos explicar mais adiante.

Voltando à Orlandi, com ela, lê-se que o objeto específico da análise do discurso é o discurso e não a língua e que sua unidade de análise é o texto e não o signo ou a frase, explicitando que texto nessa compreensão “não é o seu aspecto extensional, mas qualitativo, como unidade significativa da linguagem em uso, logo unidade de natureza pragmática” (ORLANDI, 1986, p. 107). Para a autora, não se trata de mais uma teoria linguística que se estenda ao seu discurso, mas de uma teoria do discurso, uma vez que seu objeto é específico e diferente. E que o termo discurso apresenta diferentes concepções – nenhuma pronta, nenhuma definitiva.

Em Pêcheux ([1975]1988), temos a ruptura com a noção de língua como um sistema ou uma estrutura. Para ele, língua é materialidade do discurso que traz a ideologia, pois o indivíduo é interpelado em sujeito por essa própria ideologia. Desse modo, para se chegar às noções de sujeito e sentido em Análise de Discurso, dois conceitos essenciais para se compreender o discurso, este teórico demonstra inquietude diante do fato de que o significado das coisas esteja intrincado a uma

concepção estruturalista e critica todo aquele que tende a homogeneização semântica, desconsiderando outros elementos do ato enunciativo.

Ideologia e história. Pêcheux nos remete ainda à importância socio-histórica como forma de compreensão daquilo que é efetivamente enunciado. O estudioso francês é direcionado pela relação da língua com a história e com os sujeitos falantes e, nessa trajetória, chegamos ao materialismo histórico e à formulação de uma teoria que tenta explicar os processos de significação não mais com a lógica estruturalista.

Nessa medida, e especialmente no que diz respeito à Semântica, o estruturalismo linguístico não pode deixar de desembocar em um estruturalismo filosófico que tenta abarcar no explicável o resíduo do inexplicável (PÊCHEUX, [1975]1988, p. 23).

A preocupação de Pêcheux ainda o leva a teorizar sobre o apagamento da ideologia que ocorre na análise linguística de textos. Pêcheux ousa adentrar na noção de sentido e romper com a perspectiva lógico-estrutural: divisão de classes, interpelação cultural e sócio-histórica do sujeito passam a ser determinantes para o estudo dos sentidos.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição [...] não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido, segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160).

Sujeito e discurso. Para essa teoria, o sujeito do discurso é aquele que, para evidenciar uma posição-sujeito enunciativa, inscreve-se em dado lugar discursivo, pois, ao enunciar, manifesta-se inscrito em determinada formação discursiva. Pêcheux (Ibidem, p 160-161) apresenta a formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. E acrescentando à teoria do discurso, o linguista afirma que “não se trata de uma transmissão de informação de A e B, mas, de modo geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, [1969], 1990, p. 82), e aqui cabe dizer que Orlandi (2009) alerta-nos para o fato de que tais sentidos, todavia, não se encontrarem soltos, não se fazendo qualquer interpretação, muito pelo contrário, “os sentidos estão sempre ‘administrados’”, conforme as regularidades que os compõem.

E, assim, chegamos ao questionamento sobre qual metodologia deve ser utilizada nesse campo de pesquisa, a Análise de Discurso (AD). Iniciamos dizendo que a AD não possui uma metodologia pronta, o que significa também dizer que, no tocante à metodologia, será necessário que o analista do discurso lance mão dos elementos constitutivos do arcabouço teórico que balizarão sua (s) análise (s), e, simultaneamente, também levante os seus dispositivos metodológicos. Teoria e análise. Inseparáveis.

Sendo assim, não há análise quantitativa de dados. As pesquisas em AD possuem sempre um caráter qualitativo-interpretativista. Como dispositivo analítico, buscamos realizar uma “exaustividade vertical” (ORLANDI, 2009, p. 62), considerando os objetivos da pesquisa anteriormente explicitados, podemos incluir os efeitos de memória, da história, ideologias, heterogeneidade constitutiva, os não ditos, entre outros. No afã de compreendermos os efeitos de sentidos produzidos pela materialidade linguística e também não linguística, podemos ainda observar elementos imagéticos, icônicos, gráficos, como veremos ao longo dessa pesquisa.

Em AD, sabe-se que a metodologia de análise não prevê uma leitura horizontal (do início ao fim do texto), como se tentássemos compreender tudo o que esse texto diz, significa, uma vez que todo discurso é incompleto. De fato, o que se dá é uma análise em profundidade. E essa análise surge com o procedimento por meio do batimento da descrição-interpretação. Nesse batimento, o analista verifica posições-sujeito, lugares e imagens construídos a partir de regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades selecionadas e, à medida que a análise do objeto de pesquisa vai acontecendo, o analista vai recorrendo à teoria, nesse vai e vem entre a descrição e a interpretação, de acordo com o enfoque da pesquisa.

2.1 Da constituição do *corpus*

Assim, sob essa base teórico-metodológica, dá-se a análise, nunca em busca de um sentido único e verdadeiro, mas do “real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”, como nos ensina Orlandi (2009, p. 59). Cabe ao analista, lembrar sempre de reconhecer as margens discursivas, de considerar a opacidade, a não rigidez dos sentidos, as contradições, as inconsistências e as heterogeneidades próprias do discurso.

Nesse momento, gostaríamos de lembrar que a Análise de Discurso foi uma teoria cercada por rupturas e reformulada até o falecimento de seu teórico em 1983. E Pêcheux sabia que esse campo teórico precisaria se manter aberto para possíveis reconfigurações epistemológicas, visto que novos suportes, em nosso caso particular, os dispositivos tecnológicos da era digital, surgiriam e reclamariam por novos dispositivos analíticos. Nas palavras de Pêcheux:

O paradoxo da Análise do Discurso encontra-se na prática indissociável da reflexão crítica que ela exerce sobre si mesma sob a pressão de duas determinações maiores: de um lado, a evolução problemática das teorias linguísticas; e, de outro, as transformações no campo político-histórico. São, portanto, dois estados de crise que se encontram no ponto crítico da Análise do Discurso (PÊCHEUX, [1981] 2009, p. 21).

Posto isso, seguiremos mostrando que, para o estabelecimento do dispositivo analítico, duas noções nos parecem imperiosas em pesquisas vinculadas aos pressupostos da teoria da Análise de Discurso (AD): a noção do arquivo e os gestos de interpretação. Para Pêcheux ([1982] 1994, p. 57), arquivo é “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. De acordo com o modo como se concebe a noção de arquivo, torna-se possível constituir o corpus de análise, isto é, compreender a transição do arquivo para o corpus. Devemos lembrar que essa transição dependerá não só da própria constituição do arquivo da pesquisa, mas também do corpus de análise, colocando em questão os gestos de interpretação naquilo que concerne a produção de sentidos.

Para Orlandi (2001, p. 27), “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. Desse modo, tratar da constituição do arquivo aparece para o analista como o primeiro passo dos procedimentos analíticos que irão fazer parte do desenvolvimento da pesquisa e, uma vez organizado o arquivo, passamos à constituição do *corpus* analítico, entendido como “um sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, inteiramente contraditório e não um reservatório homogêneo de informações ou de justaposição de homogeneidades contrastadas” (PÊCHEUX & LEON, 2011 [1982], p. 165).

O arquivo do ponto de vista discursivo configura-se como um objeto linguístico e histórico, situado entre a materialidade da língua e da história, como ratifica Pêcheux (1994 [1982]) e é a relação entre língua e história que permite a introdução dos gestos de interpretação, que, ao partir da base linguística, explica como a língua se inscreve

na história, produzindo sentidos. Dessa forma, estabelece-se que a língua é “capaz de contradições, de jogo com e sobre os sentidos, porque a língua, como sabemos, tem mecanismos de resistência, não é transparente, e não o é porque se inscreve na história” (ROMÃO; FERREIRA; DELA-SILVA, 2011, p. 13).

Portanto, ao trabalharmos com a noção de arquivo, devemos levar em conta a opacidade da língua e a determinação histórica que lhe afeta e compreendermos que o arquivo é afetado pela historicidade. Assim, a materialidade produzirá sentidos, já que, como nos ensina Orlandi (2012, p. 44), “o objeto já vem, pois, significados, dadas as condições verbais de sua existência. Isto é historicidade, interdiscurso, memória discursiva”.

Ainda sobre a constituição do arquivo, conforme estabelece Pêcheux, ela está também relacionada aos gestos de leitura, nossa segunda noção imperiosa, que apontam para a possibilidade de diferentes “maneiras de ler” ou de formas diferentes de apreender e interpretar os documentos pertencentes a um certo arquivo. Dito de outra forma, isso questiona “o trabalho do arquivo, enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho de memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (PÊCHEUX, 1994 [1982], p. 57). É, por isso que, lançando mão do trabalho do arquivo e da memória histórica, conseguiremos investir nos gestos de interpretação na discursividade que constitui o arquivo selecionado para a nossa pesquisa, lembrando que cada gesto de interpretação é único e necessário para a produção dos mais diversos efeitos de sentido.

Outro ponto relevante a ser posto é dizer que pensar o arquivo é pensar o institucional e o político – forças que determinam o que pode e deve ou o que não pode nem deve ser dito, isto é, feito circular pelo arquivo. O institucional tende a estabilizar efeitos e cristalizar sentidos. A memória do institucional, ao contrário da memória associada ao interdiscurso, produz efeitos de fechamento sobre o arquivo por fazer parte do pressuposto de que “o dizer é documento, atestação de sentidos, efeito de relações de forças” (ORLANDI, 2003, p. 15). O arquivo constituído por esse efeito produz uma memória que

Tem a forma da instituição que congela, que organiza, que distribui sentidos. O dizer nessa relação é datado. Reduz-se ao contexto, à situação de época, ao pragmático. Enquanto interdiscursivo, porém, a memória é historicidade e a relação com a exterioridade alarga, abre para outros sentidos, dispersa, põe em movimento (ORLANDI, 2003, p. 15).

Daí a relevância do gesto de leitura que permitirá que os gestos de interpretação produzam sentidos outros que não aqueles já estabilizados e que serão apreciados pelo analista ao longo da pesquisa.

Ademais, essa segunda noção, o gesto de interpretação no viés discursivo, relaciona-se com o modo como se considera a interpretação pela teoria da AD. Dito de outra maneira, a interpretação é entendida como um 'gesto' que se instaura em função de o espaço simbólico ser marcado pela incompletude e por estar em relação com o silêncio. Segundo Orlandi (2004), a interpretação é “um vestígio do possível” – lugar onde observamos o funcionamento da ideologia. A autora ainda nos lembra da importância da história para a interpretação, pois “ela sempre se dá em algum lugar da história e da sociedade e tem uma direção, que é o que chamamos de político” (ORLANDI, 2004, p. 18-19) e, assim, podemos compreender como a materialidade discursiva é afetada pela ideologia, pela história e pelo político.

Ainda acerca da interpretação, cabe lembrar que, em relação ao arquivo, é necessário que se refira a uma forma distinta, associada à divisão social do trabalho de leitura. Pêcheux em seu artigo “Ler o arquivo hoje” – retomado por Orlandi – propõe pensar a leitura e, também, afirma que a interpretação não é um ato de decodificação do sistema linguístico, mas sim uma produção de sentidos. Posto isso, compreendemos que tais gestos de interpretação se vinculam por intermédio da leitura, à maneira como devemos trabalhar com a “materialidade da língua na discursividade do arquivo” (ZOPPI-FONTANA, 2005, s.p.) e, dessa forma, os efeitos de sentido podem ser produzidos.

Outro papel importante para o campo de pesquisas da AD é desestruturar o pressuposto de que o arquivo é constituído por um sentido único, estável, que não leva em consideração a determinação histórica e ideológica. Sendo assim, a leitura do arquivo pelo analista precisa lançar mão desses gestos de interpretação sobre a discursividade do arquivo, buscando compreender os efeitos de sentidos que surgem por meio da articulação entre língua e história. Como nos aponta Pêcheux, é “esta relação entre língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de trabalho de arquivo” (1994 [1982], p. 63, grifos do autor).

É por meio da discursividade do arquivo que o corpus de análise pode se organizar, ou seja, essa discursividade possibilita o movimento do arquivo para o *corpus* e, assim também, a produção dos efeitos de sentido. Zoppi-Fontana (2005)

escolhe para o *corpus* de análise uma concepção dinâmica, uma vez que o considera algo em constante construção, nos ajudando a entender que esse corpus não é dado, já posto, mas sim algo que é organizado, conforme as análises.

Para além dessas noções de arquivo e constituição do corpus analítico, devemos também considerar a noção de recorte discursivo que permite o recorte, isto é, a fragmentação do objeto de pesquisa, sendo cada recorte uma unidade de análise constituída por uma forma material. Orlandi (1984, p. 14) nos explica que essas unidades de análise estão ligadas a uma 'linguagem-e-situação' e o critério de seleção dos recortes poderá variar "segundo os tipos de discursos, segundo a configuração das condições de produção e mesmo o objetivo e o alcance da análise".

Considerando o que já posto no primeiro capítulo, de que a maternidade não seria algo "natural" ou "inato", mas que, ao contrário, sofreria modalizações ao longo da história, e tendo em vista que a presente tese se ocupa da questão *Como a maternidade é significada pelo e no digital?*, a constituição do *corpus* buscará responder a essa questão por meio da construção de um objeto discursivo, a maternidade algorítmica do aplicativo. Dessa forma, construiu-se um *corpus* heterogêneo em sua materialidade específica, que foi constituído utilizando-se da configuração dos aplicativos, das avaliações de seus usuários, peças de publicidade, diferentes seções do site, enfim, tudo aquilo que, nesse universo, mais ou menos disperso da maternidade no e pelo digital, possa nossa auxiliar na construção do objeto discursivo.

Finalizando, vale a pena nesse momento lembrar que para a teoria da AD cada texto é um conjunto de recortes discursivos que se entrecruzam e se dispersam. Um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise ocorreu mediante a seleção dessas unidades a partir de um corpus em especial ou, ainda, de recortes de um recorte, sempre dizendo respeito aos objetivos da pesquisa.

3 TECNOLOGIA DIGITAL E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Toda vigilância, como se sabe, implica não apenas a observação de indivíduos e populações, mas a produção de um saber que permita governar as suas condutas.

M. Foucault

Os métodos de monitoramento vão desde o rastreamento de cliques e a mensuração do tempo dedicado a cada página web até a captura automatizada do que teclamos quando visitamos um site, por exemplo. Os seus propósitos são diversos, ressaltando mais uma vez o caráter distribuído dos processos de vigilância.

F. Bruno

Uma vez que buscamos compreender os processos de produção de sentido de maternidade no e pelo digital, torna-se necessário retomar de que modo a AD considera a tecnologia na relação com a o discurso, isto é, compreender a especificidade da materialidade que ora denominamos digital para compreender os materiais de análise. Para tanto, faz-se necessária uma revisão sobre o modo como tecnologia vem sendo tratada na área da Análise de Discurso.

Poderíamos começar dizendo que, muito embora tenhamos um conhecimento que nos permita compreender a palavra “tecnologia”, uma definição para essa palavra que nos satisfaça ainda parece ser uma tarefa difícil a ser cumprida. Se decidimos pelo caminho mais comum que parece ser a busca dessa definição em um dicionário, iremos encontrar diversas acepções. Entretanto, é preciso lembrar que, mesmo esse conjunto de acepções disponíveis, será sempre insuficiente, visto que um dicionário nunca dará conta de apresentar todos os sentidos possíveis e previstos para uma palavra. De toda a forma, não deixa de ser significativa essa busca, uma vez que essas acepções significam a partir do sentido das palavras e do modo como esses sentidos foram ficando cristalizados ou até mesmo sendo apagados.

É o que nos lembra José Horta Nunes (2010), quando coloca que

[...] o dicionário não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas “condições de produção dos discursos”. E as palavras não são tomadas como algo abstrato [...]. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade para um público leitor, em certas condições sociais e históricas (NUNES, 2010, p. 6-7).

Desse modo, é importante dizer que, embora as definições encontradas em um dicionário não sejam completamente satisfatórias, elas apontam para alguns sentidos que mais circulam. E, para pensarmos sobre isso, podemos observar o verbete “tecnologia” disponibilizado pelo dicionário online Caldas Aulete:

(tec.no.lo.gi.a)³

Tec.

sf.1. Conjunto das técnicas, processos e métodos específicos de uma ciência, ofício, indústria etc.; ciência que trata dos métodos e do desenvolvimento das artes industriais: a tecnologia das telecomunicações. 2. Explicação dos termos próprios das artes, ofícios; linguagem especial das ciências, indústrias, artes etc. 3. O estado de desenvolvimento das tecnologias como um todo: A tecnologia é fator fundamental do desenvolvimento econômico. [F.: Do fr. technologie, deriv. do gr. technología. Cf.: técnica. Ideia de: tecn (o) -, -tecnica, -logia.]

O verbete “tecnologia”, assim, é apresentado com três acepções diferentes. A primeira o descreve como um conjunto de técnicas, processos e métodos, relacionando-o também a uma ciência e sendo exemplificado com a tecnologia das comunicações. Numa segunda acepção, “tecnologia” surge como “explicação dos termos”, significando tecnologia como linguagem e, na última acepção, aparece o sentido que circula fortemente a respeito de tecnologia, ou seja, o sentido que significa tecnologia como desenvolvimento econômico, dito de outra maneira, como sucesso no mundo do capital.

Para a nossa sociedade, a palavra “tecnologia” vem sendo utilizada com uma significação que nos remete a um já-sabido, a um processo ideológico de produção de evidência de sentidos. Muito menos associado a processos e métodos específicos de uma ciência, de um ofício, presentes na primeira acepção do dicionário, o termo “tecnologia” encontra-se hoje sendo largamente usado em associação às tecnologias de informação e comunicação. Algo em torno do campo da informática, como já dissemos, mas também dos aplicativos, sites e internet, isto é, tudo aquilo que, na nossa sociedade de formação capitalista, deve significar progresso e desenvolvimento. É como se fosse assumido que, sem tecnologia, não há mundo

³ Verbetes disponíveis em: <http://www.aulete.com.br/tecnologia>

desenvolvido; o futuro das nações está comprometido e os cidadãos, excluídos do sinal digital, não teriam chance de sobrevivência.

Como afirma Mariani (2018),

o termo “tecnologia”, nessa perspectiva, deve ser tomado como uma noção que encerra em sua compreensão sua constituição ideológica, seu caráter contraditório e paradoxal, as distintas inscrições que, a partir desse campo sentido – sempre é preciso dizer – levantam a bandeira do progresso (MARIANI, 2018, p. 374).

Para falarmos da historicidade da tecnologia, devemos ainda lembrar que, de acordo com a teoria da Análise de Discurso, os sentidos têm história e esses sentidos encontram-se esboçados na memória discursiva constituída pelo esquecimento – ou interdiscurso – definida por Pêcheux (1997b) em relação às formações discursivas e às formações ideológicas, lembrando que uma formação discursiva determina o que pode e deve ser dito a partir de uma formação imaginária dada. O interdiscurso recobre e recorta as diferentes formações discursivas, sendo ele “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 1999, p. 33).

Portanto, ao historicizar os processos de produção de sentido do termo “tecnologia”, o que buscamos é desestabilizar esse já-sabido, esse já-dito presente em nossa sociedade, que confere a esse termo um efeito de transparência que afeta as formulações em que ele se encontra presente. A fim de mostrar esse processo de produção de sentidos e seus efeitos de transparência, é necessário retomar o próprio processo de constituição dos sentidos. Segundo Orlandi (2012), haveria três momentos do processo de produção dos discursos, a saber, a formulação, a constituição e a circulação. Processos que funcionam juntos e que são inseparáveis.

A autora afirma ainda que esses momentos são imprescindíveis para entendermos a produção de sentidos. Assim, já que nosso objetivo é compreender como o website e o aplicativo *BabyCenter* significam maternidade no discurso digital, torna-se necessário pensar os processos de significação e os efeitos sobre maternidade de sentidos produzidos pelo e no discurso digital. Também será importante para nossa tese lembrar a afirmação de Dias (2018), sobre discurso digital, quando ela coloca que “o que sustenta a formulação é a sua circulação”, sendo assim a responsável pelo processo de produção de sentidos que investigamos. Destacamos sobre o momento da circulação no digital, os compartilhamentos, *links*, fóruns,

comentários, postagens, que aparecem em nosso material e que iremos detalhar com nossas análises mais adiante.

Dito isso, seguiremos fazendo uma breve apresentação acerca do surgimento da era da Internet que nos dará a base para as considerações posteriores sobre a questão dos algoritmos e da sua discursividade, assunto que aparecerá mais amiúde no decorrer desse trabalho.

3.1 Internet e redes sociais

A Internet começa a ser pensada a partir de pesquisas militares durante a complexidade dos acontecimentos da chamada “Guerra Fria”. O contexto histórico de então poderia ser traduzido por dois blocos ideológicos e politicamente antagônicos, que exerciam enorme controle e influência no mundo. Explorava-se qualquer possibilidade de inovação tecnológica que pudesse contribuir para vencer essa batalha de gigantes – Estados Unidos e União Soviética, duas superpotências, que compreendiam a eficácia e a necessidade absoluta da implementação de meios de comunicação rápidos e seguros.

Nessa perspectiva, o governo americano temia um ataque russo às suas bases militares, que viesse trazer a público informações sigilosas, tornando os EUA uma nação vulnerável e, assim, coube aos militares americanos a tarefa de idealizar um modelo de troca e compartilhamento de informações que permitisse a sua descentralização. Assim, se locais de segurança máxima, como o Pentágono, fossem atingidos, as informações ali armazenadas estariam salvaguardadas. Desse esforço estratégico militar, surgiu a primeira rede – ARPANET, desenvolvida pela *Advanced Research Projects Agency*.

Com o passar dos anos, as diferenças entre as duas nações foram sendo diminuídas e, da preocupação com a segurança de seus dados, o governo americano passou para estimular que os pesquisadores da área acadêmica fizessem estudos sobre defesa utilizando a ARPANET. O que se verificou foi que, a partir dessa primeira expansão da rede, fez-se necessária uma divisão em duas “sub-redes”, de forma que uma continuaria a atender aos militares e a outra, aos acadêmicos. E, em seguida, isso chegou até aos alunos universitários e a seus amigos, que passaram a ter acesso não só à rede, como também aos estudos que a fizeram desenvolver cada vez mais.

Essa mesma lógica iria se repetir com a Internet. No movimento conhecido como “Contracultura”, jovens americanos, entre as décadas de 1950 e 1960, engajaram-se em estabelecer novos modelos de convivência mútua, tentando quebrar com padrões anteriores de liderança e hierarquia. Acreditava-se, nessa época, que os embates existentes entre as comunidades eram devido ao excesso de intervenções por elas sofrido e que a paz seria somente alcançada, caso fosse permitido ao ser humano viver de uma forma “natural”, sem que intervenções fossem impostas a essas comunidades. A sociedade seria livre e, conseqüentemente, equilibrada.

No documentário “*All Watched Over by Machines of Loving Grace*” (CURTIS, 2011), assistimos à formação das chamadas sociedades alternativas e também como os elementos dessas sociedades podem ser reconhecidos como os que primeiramente pensaram em uma rede mundial de computadores. Eles precisavam e desejavam a utopia da difusão da informação, ou seja, a comunicação em massa e fora do controle dos órgãos de governança era essencial no projeto de vida que emergia entre eles. Castells (2000) já nos alertava que “a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural”, visto o modo como esses jovens influenciaram no desenvolvimento da rede tal como a vimos a partir daquele momento.

Com a entrada de pesquisadores do MIT⁴, tantos outros avanços ocorreram, que, todavia, não nos aprofundaremos por aqui, mas que servirão para apontar um fato muito importante para nossa pesquisa: o surgimento das tentativas de prever as reações dos usuários baseadas em coleta de dados. Vários softwares foram desenvolvidos desde essa época até chegarmos na chamada lógica do capitalismo de vigilância dos dias atuais, cuja base é algorítmica e está também presente no funcionamento do aplicativo *BabyCenter*, fazendo parte dos materiais de análise que abordaremos mais adiante.

Lembrando Orlandi (1998, p. 74) que nos indica que, “o político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história” gostaríamos, nesse momento, de fazer uma ressalva sobre o que foi dito até agora acerca desse caminho tomado para o surgimento da Internet tal como a conhecemos hoje em dia. Essas pesquisas desenvolvidas pelos técnicos, engenheiros e afins quase sempre se mostraram colocadas como algo fora

⁴ Massachusetts Institute of Technology, EUA

do político. Dizendo de outra forma, percebemos que os campos das ciências responsáveis pelo desenvolvimento da rede e suas possibilidades foram sendo apresentados de forma tal como se fosse tudo dito na transparência da linguagem, sem levar em consideração sua opacidade. Sem falhas.

É importante registrar, nesse momento da pesquisa, que, independente da teoria tentada para equacionar os erros em seus projetos tecnológicos das redes, quer nessa coleta de dados, quer na execução dos comandos, os cientistas envolvidos na produção desses dados colhidos em campo foram/são interpelados pela ideologia e, dessa forma, sofreram/sofrem o efeito ideológico elementar (ALTHUSSER, 1980).

Não levar em consideração que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos que praticam tais ciências provoca, de acordo com a teoria da AD, um apagamento do fato de sermos sujeitos de linguagem, cujos sentidos são divididos (político) e que sempre podem ser outros. É pelo funcionamento da ideologia que as verdades científicas ganham seu valor absoluto, seu caráter “evidente”. Mais adiante, por meio de nossas análises, poderemos ver como tal tentativa de apagamento deixa de ser eficaz, uma vez que, como nos ensina Pêcheux (1999, p. 11) “a ideologia é um ritual com falhas” e, como dissemos, a língua não funciona fechada sobre si mesma, ela se abre para o equívoco”, isto é, ainda que a ideologia aja para apagar as possíveis diferenças entre os sujeitos por ela interpelados, é esse mesmo sujeito quem fura a estabilidade pretendida.

Um exemplo disso é, retomando o documentário citado anteriormente, o quanto as comunidades da Contracultura tentaram, sem êxito, se afastar das práticas hierárquicas, posto que sempre era necessário que, pelo menos, um ou dois membros fossem eleitos para designar e acompanhar a execução de tarefas para o bem-comum e, até mesmo, para cumprir o papel punitivo sob aqueles que não o fizessem dentro das regras. Assim, era a ideologia de sociedades alternativas enquanto o ritual falhava.

Outro fato de relevância para encerrarmos a explanação da chegada da Internet no séc. XX, é a publicação, em 1954, do livro “Cibernética e Sociedade” de Norbert Wiener. A obra provocou reviravoltas no campo dos estudos quer das ciências exatas, quer da psicanálise e sociologia.

Segundo Boulanger (*apud* LAFONTAINE, 2004, p. 24),

A cibernética – e é essa sua razão de existir – pretende investigar livremente no domínio do espírito. Quer definir a inteligência e medi-la. Tentará explicar o funcionamento do cérebro e construir máquinas pensadoras (...). E pode-

se dizer que não há nenhum setor da atividade humana que possa ficar à sua margem (LAFONTAINE, 2004, p. 24).

Lafontaine (2004) nos remete a essa tentativa das novas pesquisas científicas terem sido direcionadas no sentido de minimizar os “fantasmas” provenientes dos tempos de dificuldades e horror trazidos pela Segunda Guerra Mundial. Para essa autora, caberia aos pesquisadores afastar a influência dos humanos ao máximo daquilo que os estudos científicos e suas novas metodologias propusessem, numa tentativa de minimizar a margem de erros e evitar repetições dos fatos terríveis cometidos durante a guerra.

Retomando a obra de Wiener, sabemos que ela fundamental para esse novo projeto tecnológico ser instaurado. Com o fracasso das comunidades alternativas, ocorreu a migração de alguns de seus membros para o que viria a ser o berço das novas tecnologias em rede – o Vale do Silício na Califórnia americana. Assim, podemos compreender que princípios como os da simplificação e da retroalimentação são levados por esses ex-hippies e servem como fundamentos para a criação de uma Internet com ambiente livre, quer das hierarquias, quer das governanças e recobertas pelos estudos de Wiener (1978) .

Seguindo com a nossa pesquisa, voltaremos agora à questão do algoritmo. Ainda na esteira da discussão levantada em nossa dissertação, vamos lembrar o que Paul Henry (2014) afirma sobre os riscos de se transpor ferramentas de uma ciência para outra sem qualquer adequação em primeiro lugar. Corremos riscos com essa simplificação de métodos e resultados atingidos se não levarmos em conta as especificidades de cada área do conhecimento envolvida.

Um exemplo disso, é essa transposição de experiências do que foi feito pelos idealizadores do movimento de contracultura e que chegam até o Vale do Silício para serem desenvolvidas para uma sociedade inteira, sem levar em consideração as especificidades desses sujeitos. Posta dessa maneira, a tecnologia - a Internet - também apaga a política, o político e o sujeito, pois pretendem que ela também se afaste das intervenções humanas. Como propõe Sfez (2002), “de objeto de discurso, a técnica (a tecnologia) torna-se discurso do objeto”, trazendo consequências como a tê-la se tornado o discurso dos objetos das ciências exatas, da sociedade. Isso significa que o sentido de maternidade constituído aqui, na técnica, é sempre distinto de outros – tem uma especificidade e é dela que a tese trata.

Assim, chegamos ao algoritmo mais (re)conhecido pelos usuários da Internet: o *EdgeRank*, o algoritmo do *Facebook*. Não desejando nos prolongar muito, escolhemos esse algoritmo apenas para apresentar o funcionamento mínimo dessa peça tão importante para estudarmos em outro momento nosso objeto, o *BabyCenter*. O *Facebook* é, desde o seu lançamento em fevereiro de 2004, a rede social que mais impactou na vida de seus usuários, algo que hoje gira em torno 2,5 bilhões de acessos/mês ao redor do mundo. Pensada inicialmente como uma plataforma para relacionamentos pessoais entre universitários de um *campus* americano, seu criador, o megaempresário Mark Zuckerberg, não parou de atualizar seus serviços e produtos e talvez essa seja a razão de seu sucesso ininterrupto, posto que ela continua sendo a mídia social mais bem-sucedida da história da humanidade.

Para o *Facebook*, é de extrema relevância esse número gigantesco de *logins*, pois são exatamente as interações feitas por seus usuários que alimentam as constantes atualizações dos serviços prestados, quer dizer, quanto mais pessoas acessando, mais trocas de dados realizadas e é dessa troca que o algoritmo se retroalimenta (*feedback*) para oferecer melhores serviços e disponibilizar aquilo que se acredita ser do “gosto do usuário”.

Para melhor entendermos os objetivos de um algoritmo, precisamos pensar que o site/aplicativo pertence a uma empresa e, como tal, sua meta final é a obtenção de lucros. Processo semelhante ao que ocorre, na arquitetura do mundo físico, quando balas e guloseimas são postas à altura do campo de visão dos consumidores, para que esses ao se aproximarem dos caixas de supermercados ou balcões de lanchonetes, sintam-se provocados como consumidores pela compulsão da compra inevitável, o algoritmo irá provocar o usuário com a oferta de seus serviços e produtos. Isso é o que Tüfekçi (2017) chama de “arquitetura de persuasão”, conceito que ela traz para o mundo digital, nos mostrando que podem ser construídas bilhões de arquiteturas como essas para serem enviadas para as telas dos nossos computadores pessoais ou *smartphones* de uma maneira privada e subliminar, isto é, promovendo visualizações diferenciadas para cada usuário desses dispositivos, tendo por finalidade a venda de produtos ou mesmo ideias.

Sendo assim, no caso do *Facebook*, são as publicações, os compartilhamentos, as classificações que retroalimentam o *EdgeRank* e direcionam seus anúncios, serviços e produtos pagos para essa imensa gama de consumidores. Diariamente, o *Facebook* coleta dados, os organiza e, em seguida, os vende,

monetizando seus gostos, hábitos e comportamentos. Os algoritmos funcionam como uma espécie de “aluno”, que tudo ouve, tudo vê, a fim de “aprender” a entender as características de seus usuários e a aplicar isso aos outros, que estão presentes na rede social, os assim chamados “amigos”, que você mesmo seleciona para a sua página.

Esses algoritmos são denominados “*learning algorithms*” e se especializam em, quando apresentado a um novo usuário, classificá-lo e, a seguir, categorizá-lo. Segundo O’Neill (2016), autora da obra *Weapons on Math Destruction*, é nesse momento que a humanidade passa a ter suas opiniões transformadas em modelos matemáticos, que poderão prever muitas das decisões que os usuários desses algoritmos passarão a fazer.

Daí a importância da sua indicação sobre quem poderá ter acesso a suas postagens. Todavia já possuem uma programação anterior que vai tomar algumas coisas e apagar outras. Não leva tudo em consideração porque nem tudo ele “lê”. O algoritmo reescreve o que é capaz de ler. Pensando na leitura como decodificação que tem um caráter histórico.

Em nossos materiais de análise, apresentaremos como esses algoritmos estão cada vez mais aprendendo com as usuárias do *BabyCenter*, que deixam seus rastros digitais para retroalimentá-los cada vez mais até alcançar a formação de perfis que serão a base da simulação dos desejos e preferências potenciais de uma delas ou de um grupo, a ponto de deixá-las se identificarem ou se reconhecerem de alguma maneira no que lhes é antecipado como comportamento ou escolha. É o modelo que está funcionando no “capitalismo de vigilância”, em que conforme Evangelista (2017)

[...] passamos a ser monitorados por dispositivos informacionais o tempo todo e isso permite a emergência dessa ideia de inteligência cibernética. O monitoramento inteligente, que é um controle informacional, garante muito mais efetividade, porque opera de outras formas, mais diretas, se estamos ou não seguindo um determinado comportamento (EVANGELISTA, 2017, p.243)

Bruno (2013) ainda acrescenta ao discorrer sobre rastreamento de dados e monitoramento que

[...] esta bulimia de dados pessoais cresce ainda mais com a web 2.0, onde toda plataforma de criação de conteúdo é também uma plataforma de captação de conteúdo em potencial. Processos sociais, subjetivos, econômicos, cognitivos tornam-se assim permeáveis ao monitoramento cotidiano. Dados antes custosos e de difícil acesso tornam-se passíveis de coleta regular, automatizada e a distância (BRUNO, 2013, p. 149).

Nesse momento, retomamos a ideia da opacidade anteriormente apresentada nesse capítulo, quando afirmamos que o funcionamento dos algoritmos como um todo, ou seja, como ele realmente trabalha e realiza esse uso dos dados coletados diretamente dos usuários da plataforma digital não é conhecido e nem parece ser do interesse de seus desenvolvedores apresentá-lo à sociedade, que, para dizer o mínimo, é a principal razão da sua existência e contribui diretamente para os lucros da empresa.

O que estamos dizendo é que os algoritmos também variam na sua complexidade e que, na sua grande maioria, eles não se apresentam com a “transparência” que deveriam ter, já que as consequências do uso desses dados coletados são de responsabilidade quer da empresa, quer do usuário que os fornece. De qualquer maneira, mais adiante voltaremos a tocar na pertinência desse comportamento.

Esclarecendo um pouco mais as relações que se passam dentro da rede, trazemos o que Primo (2014) coloca acerca do caminho percorrido para se traçar a relevância de um conteúdo para um determinado membro:

Em virtude do histórico de interações de cada cliente (publicações, curtidas, compartilhamentos, tags utilizadas etc.), o sistema seleciona que publicações julga serem relevantes e as ordena segundo seus critérios. Além disso, o *Facebook* “empurra” diversas publicações pagas, que obedecem a um critério comercial, ainda que a empresa insista em considerá-las relevantes, já que são selecionadas em virtude de interações passadas (PRIMO, 2014, p. 118).

Ainda dentro do que está sendo dito aqui sobre os algoritmos, um outro exemplo de coleta de dados que pode contribuir para a discussão é o que foi desenvolvido para o *YouTube* – plataforma de compartilhamento de vídeos, hoje de propriedade da megacorporação do mundo digital, o Google Inc., fundada há 15 anos com o slogan “*Broadcast Yourself*” (algo próximo do “Exiba-se!”), está na quarta posição entre os sites mais acessados por brasileiros.

O algoritmo do *YouTube* está programado para convencer seu usuário a ficar *online* mais e mais tempo e a estratégia utilizada é fazer com que as reproduções sobre o tema de preferência tornem-se cada vez mais extremas, radicais para “satisfazer” o usuário e promover a sua “fidelidade” ao canal. Simultaneamente, o Google faz, naquela tela, a exposição de anúncios pagos dos mais diversos produtos, repetindo, então, a já citada “arquitetura da persuasão”, que busca encontrar nesse usuário o consumidor para aquele produto exibido.

Posto isso, alcançamos a concepção dos algoritmos, que levará a conformidade das pessoas que, uma vez logadas nesses sites, ficarão à mercê das escolhas projetadas pelos algoritmos dos sites. Pensamos que cabe nesse momento, apresentar o conceito do “filtro-bolha” desenvolvido por Pariser (2012), que busca explicar como os usuários da Internet encontram-se limitados por fronteiras criadas a partir de suas próprias escolhas, isto é, uma vez retroalimentados pelos dados que chegam após a conexão, o algoritmo devolve ao usuário “mais do mesmo”.

É como se o usuário só se encontrasse com plateias semelhantes durante a exibição de um show de rock. O algoritmo se encarregaria de encontrar fãs cada vez mais extremistas, enlouquecidos por aquela banda, de modo que até pessoas que nem conheciam direito essa música passassem agora a curti-la, pois o algoritmo detectou a suscetibilidade desses usuários e os chamou para “fazer parte da turma” de roqueiros já tão devotos. Pariser (2012) nos alerta para esse funcionamento quando afirma que

[...] naturalmente, existe uma boa razão para que os filtros personalizados sejam tão fascinantes. Na atualidade, somos sobrecarregados por uma torrente de informações: 900 mil postagens em blogs, 50 milhões de tuítes, mais de 60 milhões de atualização de status no *Facebook* e 210 bilhões de e-mails são enviados para o éter eletrônico todos os dias (PARISER, 2012, p. 15).

Portanto, poderíamos ser levados a acreditar que esse funcionamento dos algoritmos está aí para nos servir, nos satisfazer e essas são as formulações que acompanham todo o discurso digital – o “maravilhamento da tecnologia”, conceito no qual iremos nos aprofundar mais adiante. Contudo, o que o pesquisador nos mostra é o alto preço que pagamos por todo esse esquema de escambo em que nos metemos no instante em que acessamos essa plataforma ou aquele canal na Internet.

É a chamada “existência filtrada” (PARISER, 2012, p. 18), na qual os sujeitos da linguagem são interpelados de tal forma pela ideologia que não se deixam notar que suas “escolhas” são trocadas por dados monetizáveis (mas não para a sua conta corrente) e, logo depois, são devolvidas em formas de outras escolhas mais “cativantes” e esse ciclo não parece ter fim.

O que parece realmente finalizar é a capacidade do usuário de ler, ver, sentir, escutar, comprar, vender, enfim, viver “fora da bolha”. O que está dentro do “filtro-bolha” depende diretamente de quem é o usuário, do que ele faz, do que gosta, do

que almeja, mas o risco aparece porque, em nenhum momento, ele decide o que entra na bolha e, o mais grave, ele não acessa mais ao que ficou de fora na escolha algorítmica. Dá-se um achatamento das diferentes formas de se viver e, assim, vão se formando os grupos/facções que não mais se encontram com outras distintas delas e a homogeneização contribui para a formação de um senso comum (que poderíamos considerar mais “duro” porque mais “representativo”) e do pensamento único. Essa filtragem passa a ser um universo de informação pessoal e intransferível com o qual viveremos no mundo digital.

A estabilidade dos sentidos, o “já-estar aí” citado por Pêcheux se reafirma pela forma como as situações são vividas pela ótica dos algoritmos e por meio da sua discursividade no digital, “aquilo que realmente importa” para o usuário. Ao permitirmos que esses sites/aplicativos tracem o “perfil do usuário”, dá-se a entrega de dados valiosos que, para eles, se transformarão em lucro (monetização de dados) e, para os conectados, em “bolha social”.

Para finalizar esse assunto, devemos dizer que, caso o usuário decida-se por uma “revolução pessoal” em seus gostos e hábitos, o algoritmo o acompanhará em suas mudanças, bastando para isso uma reorganização do conteúdo que é feita sem a percepção do mesmo, quer dizer, como no sonho das comunidades alternativas instaladas no Vale do Silício: sem a intervenção humana.

Dito de outra maneira, à luz da teoria da Análise de Discurso, o algoritmo segue aquilo que pode/deve ser dito, conforme a formação discursiva (FD) escolhida pelo sujeito que está ali clicando em suas “escolhas pessoais”. Buscaremos a seguir abordar um pouco mais isso.

3.2. A discursividade do digital

Começaremos aqui a tratar da perspectiva discursiva do algoritmo e, para tanto, descreveremos o que o teórico francês Michel Pêcheux chamou de ideologia, de formação ideológica (FI) e de formação discursiva (FD), quando da construção teórica da Análise de Discurso. Utilizando as articulações teóricas de Orlandi (2012, p. 65), explicamos que “ideologia não é um conteúdo X, mas o mecanismo de produzi-lo”.

Pesquisando a página inicial do *website* do *BabyCenter* na seção “Quem Somos”, (Fig. 1), encontramos essa formulação:

Por que mães e pais confiam no BabyCenter

Oferecemos a mães e pais orientações e apoio confiáveis. Investimos em pesquisa e apuração para garantir que nossas informações sejam precisas, atualizadas, aprovadas pela nossa equipe de especialistas da área médica e testadas pelas famílias.

Nossos jornalistas são especialistas em saúde e conhecem muito sobre gravidez e bebês. Além disso, somos mães e pais vivendo as questões relativas à criação de filhos em primeira mão, no nosso dia a dia, conforme acompanhamos o crescimento de nossos bebês e crianças mais velhas.

Figura 1 – Informe retirado da seção “Quem Somos” do *website BabyCenter*

Fonte: www.babycenter.com

A discursividade que aparece na textualidade da formulação “Por que as mães e os pais confiam no *BabyCenter*?” materializa a significação transparente do termo “tecnologia”, uma vez que esse termo vem pela memória discursiva algo já-dito, já-conhecido, sendo associado prontamente com o objeto-aplicativo. A confiança das mães e dos pais nesse aplicativo é algo que vem pela memória, dizendo que a tecnologia embutida nesse aplicativo é o que há de mais moderno e mais seguro para o acompanhamento de uma gravidez. Assim como Mariani (2018), ao discorrer sobre a historicidade da tecnologia, aponta:

[...] nos dias de hoje, dada a ampla circulação do termo “tecnologia” e dada a naturalização com que a tecnologia se encontra associada a objetos inseridos nas práticas sociais, encontramos o tratamento automático da linguagem associado a um imaginário de progresso e inovação em todas as instâncias sociais (MARIANI, 2018, p. 373).

Winner (1986, p.1) já nos mostrava em seu artigo “*Artefatos têm política?*” que “nas controvérsias sobre tecnologia e sociedade, nenhuma ideia se mostra mais provocativa do que a noção de que coisas técnicas possuem qualidades políticas”. Dessa maneira, a política da técnica traria a ideia de que os artefatos – em nosso caso, os aplicativos – não somente seriam vistos e reconhecidos pela sua eficiência, como também pelas formas como incorporariam rastros de poder e autoridade.

Essa política tem efeitos na constituição de sentidos do aplicativo *BabyCenter*, dito de outra forma, daquilo que ele, aplicativo, “mostra”, “representa” ou ainda “mostra

algo” para suas usuárias. E o que observamos é a produção do referente como efeito desse discurso próprio à tecnologia.

Orlandi (2012) nos esclarece que é, na ideologia, que encontramos a constituição de sentidos, que, assim, está fora do nosso alcance e, para formularmos, é preciso passar “pela opacidade, pela espessura semântica, pelo corpo da linguagem, que chamamos sua materialidade, sua discursividade, sua historicidade. Em uma palavra pela ideologia (2012, p. 76), Orlandi (1999, p. 15) concorda com Pêcheux quando diz que a ideologia é o que interpela indivíduos em sujeitos de linguagem:

Em um primeiro momento, temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Essa é a forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive (ORLANDI, 1999, p. 15).

Althusser (1980) já havia afirmado que a ideologia interpela indivíduos em sujeitos e é por meio da noção das formações ideológicas (FIs) que compreendemos esse fato. Orlandi (1999, p. 2) afirma que “as formações ideológicas se caracterizam por serem elementos capazes de intervir como força em confronto com outras na conjuntura ideológica de uma determinada formação social”, ou seja, as formações ideológicas são compostas pelas formações discursivas (FDs).

De acordo com Indursky (2005, p. 4), a formação discursiva pode ser entendida como “o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem saberes regulados pela *forma-sujeito* e apresenta-se dotada de bastante unicidade”. Todavia, a autora complementa dizendo que “uma *forma-sujeito* abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, daí decorrendo uma *formação discursiva heterogênea*, cujo traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva” (INDURSKY, 2005, p. 8).

Posto isso e sabendo que a materialidade específica que nos interessa é a do digital, é importante nesse ponto da tese verificar que não somente essas noções produzem seus efeitos de uma maneira específica, mas também outras em desenvolvimento teórico. Entre elas, me ocorre citar, a das formações algorítmicas (FAs), apresentada por Ferragut (2018) em sua dissertação. O autor fundamenta a sua noção baseado no pensamento de Pêcheux (2014), quando esse afirma que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo’ com dominante das formações

discursivas” (FERRAGUT, 2014, p. 149). Dias (2018, p. 76) define esse ‘todo complexo’ como “memória digital”, uma noção que decorre da “memória metálica” que Orlandi (2006) descreve assim:

A memória metálica está ligada à noção do arquivo, no sentido de acúmulo de dados. É a memória produzida pelos autômatos, pelas máquinas, pela informatização da linguagem, distinta da memória discursiva que se constitui pelo esquecimento. Ela funciona algorítmicamente. É um dizer continuamente presentificado que funciona como se fosse memória, quando, na verdade, ele não é uma memória, ele é o dizer repetidamente re-atualizado (ORLANDI, 2006, p. 26-27).

Dias (2018) ao afirmar que a memória digital “escapa à estrutura totalizante da máquina – memória metálica, saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso” provoca a diferenciação que nos interessa na formação algorítmica. Sendo assim, podemos dizer que, se entre a memória metálica e o algoritmo existe uma relação de repetição, a que existe entre a memória digital e a formação algorítmica é o heterogêneo que escapa à repetição da máquina, embora continue tendo relação com ela, posto que se trata da materialidade específica da qual já comentamos, o digital.

Assim, conseguimos pensar o algoritmo por meio dessa articulação teórica, onde o sentido somente é construído ao se dissimular todo o conteúdo da rede, que está depositado na memória metálica. Isso explica o fato de que o sujeito/usuário só considere aquilo que lhe é apresentado durante o seu *login* da maneira como o algoritmo lhe oferece, não restando a opção dos demais discursos da memória metálica, que lhe são apagados. Esse comportamento nos será relevante quando da discussão das análises realizados posteriormente.

3.3 Aplicativos móveis

Conforme mostrado anteriormente, a primeira vez que o *BabyCenter* apareceu na Web foi através de um site⁵. Todavia, com a evolução tecnológica, foi possível que os desenvolvedores, agora num momento em que o mercado oferecia dispositivos móveis a baixo custo, de modo que a grande maioria dos consumidores poderia ter acesso a um *smartphone*, associado a um sinal de conexão sem fio de melhor

⁵ <http://www.babycenter.com>

qualidade posto à disposição pelas operadoras, decidiram investir no aplicativo “*Minha Gravidez, meu Bebê*” e o colocaram para disponibilização gratuita nas plataformas digitais mais conhecidas na rede.

Mas afinal o que é um aplicativo móvel? Mais conhecido por sua forma abreviada **app**, trata-se de um *software* desenvolvido para ser instalado em um dispositivo eletrônico móvel, tais como um telefone celular, um smartphone ou mesmo um leitor de MP3. Este aplicativo pode vir instalado no dispositivo, ou, se o aparelho permitir, ser descarregado pelo usuário por meio de uma loja on-line, tais como *Google Play, Apple Store, Windows App Store* ou *Amazon Store*, apresentando ou não custo para esse *download*.

A grande disseminação dos aplicativos deve-se, em grande parte, a facilidade com que, especialmente, os *smartphones* passaram a fazer parte do cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo. Os usuários dos celulares mais remotos viram suas possibilidades de acesso e de funcionalidade se multiplicarem com o desenvolvimento de aplicativos para as mais diversas funções e com a disponibilidade de encontrá-los em diferentes plataformas de distribuição. A popularização ocorreu a partir de 2008.

Uma pesquisa de mercado a cargo da Gartner⁶, apontou que 102 bilhões de aplicativos foram instalados durante o ano de 2013, sendo 91% gratuitos e, ainda assim, gerando 26 bilhões de dólares americanos. Conforme um relatório analítico dessa pesquisa, estima-se que as receitas provenientes da distribuição de aplicativos ultrapassem os 10 bilhões de dólares americanos por ano dentro da União Europeia, bem como mais de 529.000 empregos poderão ser criados como resultado do aumento exponencial do mercado das aplicativos em mais de vinte e oito países dessa mesma região. Tudo isso nos mostra o quanto esse mercado tem força e veio para crescer cada vez mais.

É importante salientar que o desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis envolve processos mais ou menos complicados e a complexidade dos processos é reflexo da experiência do criador e proporcional à estrutura e configurações do software a ser produzido, ao número de dispositivos distintos em que estas vão operar, às especificações do hardware e às plataformas que o vão disponibilizar.

⁶ <http://www.mundodigital.net.br/index.php/produtos/portateis/693-us-26-bilhoes-em-aplicativos-moveis>

Ademais, sabe-se que as aplicações podem vir pré-instaladas com os dispositivos móveis, podem ser transferidas pelos utilitários ou seus representantes, descarregando-as de plataformas de distribuição de software, no caso de empresas e redes de comunicação ou, ainda, transferindo-as diretamente da Web para o dispositivo. É preciso, igualmente, submeter as atualizações e avaliar a necessidade de possíveis modificações mais ou menos extremas dentro de cada plataforma.

Por tudo isso, podemos imaginar que o mercado dos aplicativos veio para ficar e, com ele, vieram as marcas de um grande negócio que envolve diferentes setores e milhões para qualquer economia neoliberal. Portanto, mais do que uma simples ferramenta do mundo digital, os aplicativos são sofisticados métodos de persuasão postos à serviço das grandes marcas capitalistas. Daniel Madureira, em seu site <https://usemobile.com.br/aplicativo-nativo-web-hibrido/>, definiu em três tipos os aplicativos: nativos, web apps e híbridos. Detalhando, temos:

- **Aplicativos nativos:** são aplicações desenvolvidas exclusivamente para uma plataforma específica, como o iOS ou o Android. Dessa forma, uma aplicação criada para a plataforma Android não funcionará no iOS. Nos aplicativos nativos, é possível utilizar os recursos existentes no smartphone, como câmera, GPS, etc..WhatsApp, *Facebook*, Waze e Uber são exemplos de aplicativos nativos. São os mais recomendados e por, na maioria dos casos, possuírem um melhor desempenho e por apresentarem baixo custo de produção.
- **Web Apps:** Não é um aplicativo real. Os Web apps são executados por um navegador e, uma vez que o programa reconhece que o usuário esteja acessando o site através de um smartphone, se adapta a ele. Não estão disponíveis para instalação nas Apps Stores. Estes aplicativos não são recomendáveis para empresas ou ideias que querem proporcionar uma grande qualidade do aplicativo para os usuários. Geralmente, fábricas de aplicativos usam essas tecnologias, mas não são recomendadas pela comunidade de desenvolvimento de aplicativos de alcance internacional.
- **Aplicativos híbridos:** É uma junção de um aplicativo nativo e um Web app, gerando, desse modo, uma aplicação multiplataforma. Também estão disponíveis nas Apps Stores. Plataformas de streaming como Netflix e Steam

são exemplos de aplicativos híbridos, bem como Twitter, Instagram e Google Docs.

A partir dessa categorização podemos dizer que o aplicativo *Minha Gravidez, Meu Bebê Hoje* do *BabyCenter* é um aplicativo nativo, composto por várias ferramentas que irão utilizar os recursos dos dispositivos móveis de suas usuárias por meio de uma interface amigável, como veremos mais adiante durante as análises. Por agora, vamos falar um pouco sobre essa denominação aplicativo “móvel”.

Móvel, que se movimenta, passível de se deslocar de um lugar para outro. Mobilidade que traz a dispersão contida no dia a dia dos usuários da sociedade moderna. Já dissemos nesse capítulo que foi essa mobilidade, surgida com o desenvolvimento tecnológico e com a propagação do sinal de conexão sem fio, que fez dos aplicativos um sucesso de aceitação por parte das usuárias. Viu-se que, graças a uma demanda, elas migraram do site *BabyCenter* para o aplicativo e muito provavelmente pela facilidade tecnológica oferecida. Trazido para dentro das bolsas femininas (estamos falando de tentantes/gestantes/mães), os *smartphones* já haviam se tornado um grande aliado delas. Com tarefas mil a serem cumpridas diariamente, esses dispositivos passaram a fazer parte do cotidiano dessas mulheres e não somente, pois se mostraram auxiliares hábeis para se ganhar tempo – algo muito importante para esse grupo de usuárias em especial.

Para além disso, essa mobilidade também foi estendida para outras tarefas que não somente a bancária, o correio eletrônico ou mesmo a simples leitura das notícias diárias. Abriu-se a oportunidade de elas terem em suas mãos a chance de se informar sobre o período gestacional minuto a minuto (como se diz no discurso do digital) – da concepção ao momento do parto, incluindo até cuidados iniciais do primeiro ano do bebê pelo aplicativo do *BabyCenter*. Acrescentamos, portanto, à mobilidade a ubiquidade. A perspectiva de estar o tempo todo e em todos os lugares é sedutora e atrai mais e mais usuárias para esse aplicativo, cuja promessa é “acompanhar a sua gestação e o seu bebê”, como aparece em uma das peças publicitárias do *BabyCenter*. Essa onipresença parece ser a resposta tecnológica que as usuárias esperavam para ficarem mais tranquilas. Todavia, essa “tranquilidade” pode e deve ser vista como forma de controle. Como nos alerta Deleuze (1990), “diante das próximas formas de controle incessante em meio aberto, é possível que os mais

rígidos sistemas de clausura nos pareçam pertencer a um passado delicioso e agradável".

O aplicativo, ao ter acesso às ferramentas de busca (Safari, Google), de posicionamento global (GPS), de câmera, entre outros, passa a ocupar a vida dessas usuárias de uma forma muito mais ampla, de modo a conseguir rastrear seus passos/dados digitais para sair em busca de regularidades que expressem tendências e potencialidades, que serão utilizadas pelas empresas responsáveis pelo desenvolvimento do mesmo. Segundo Pfeiffer (2003) "os consumidores terão à sua disposição um conjunto de tecnologias trabalhando juntas para assegurar que alguém ou alguma rede sempre saiba onde você está, o que você está procurando e aonde você precisa chegar". Abordaremos esse fato mais detalhadamente no próximo capítulo da tese.

4 MATERNIDADE ALGORÍTMICA NO APLICATIVO BABYCENTER

(...) estaríamos passando das estratégias de interceptação de mensagens ao rastreamento de padrões de comportamento.

G. Deleuze

Nesse capítulo, falaremos um pouco mais sobre o aplicativo *BabyCenter*, objeto de nossa pesquisa. Dentro de um leque bem amplo de opções, podemos apresentar os cinco aplicativos mais utilizados no Brasil por tentantes, gestantes e mães. São eles, o *Gravidez+*, desenvolvido pela Phillips; o *Gravidez Sprout*, da MedArt Studios; os brasileiros *Canguru Gravidez* (iniciativa de profissionais da área de saúde) e o *Meu Pré-Natal* (desenvolvido pela UFMG-BH) e o líder em *downloads* nas plataformas da Apple store e Google, o aplicativo *Minha Gravidez, Meu Bebê hoje* da marca *BabyCenter*, companhia de mídia *online*, com sede em São Francisco, EUA. A seguir, esses aplicativos em sua página inicial (Figs. 2 - 6).

O aplicativo de escolha para nosso objeto de análise, como já dito anteriormente, foi *Minha Gravidez, Meu Bebê Hoje* da marca *BabyCenter* – que optamos por chamar de *BabyCenter* ao longo de toda a nossa pesquisa por ser essa a forma mais conhecida do site e do aplicativo mundialmente. O *BabyCenter* oferece informações sobre a concepção, a gravidez e o nascimento do bebê e a subsequente primeira infância para futuros pais. Páginas de sites, aplicativos, endereços eletrônicos, publicações impressas e uma comunidade online para essa usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora poder se conectar a uma lista bem variada de tópicos que é disponibilizada e atualizada diariamente.

Em um primeiro momento, durante uma breve pesquisa sobre o *website*, vimos que ele foi desenvolvido, no final de 1997, por dois estudantes de graduação da universidade americana de pesquisa privada de Stanford, situada em Palo Alto, Califórnia, na forma de uma *start up*, com investimentos de aproximadamente 13,5 milhões de dólares americanos, que iniciaram o desenvolvimento do *site* a partir da percepção de um nicho de mercado: tentantes (termo que indica aquele casal que vem tentando a contracepção), gestantes, mães da primeira infância e também como consumidoras que buscavam por informações as mais diversas acerca do período que se estendia desde a concepção (vontade de ser pai/mãe) até os cuidados diários com um bebê.



Figura 2 – Gravidez Sprout da MedArt Studio

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/12/aplicativo-de-gravidez-veja-apps-para-acompanhar-gestacao-no-celular.ghtml>

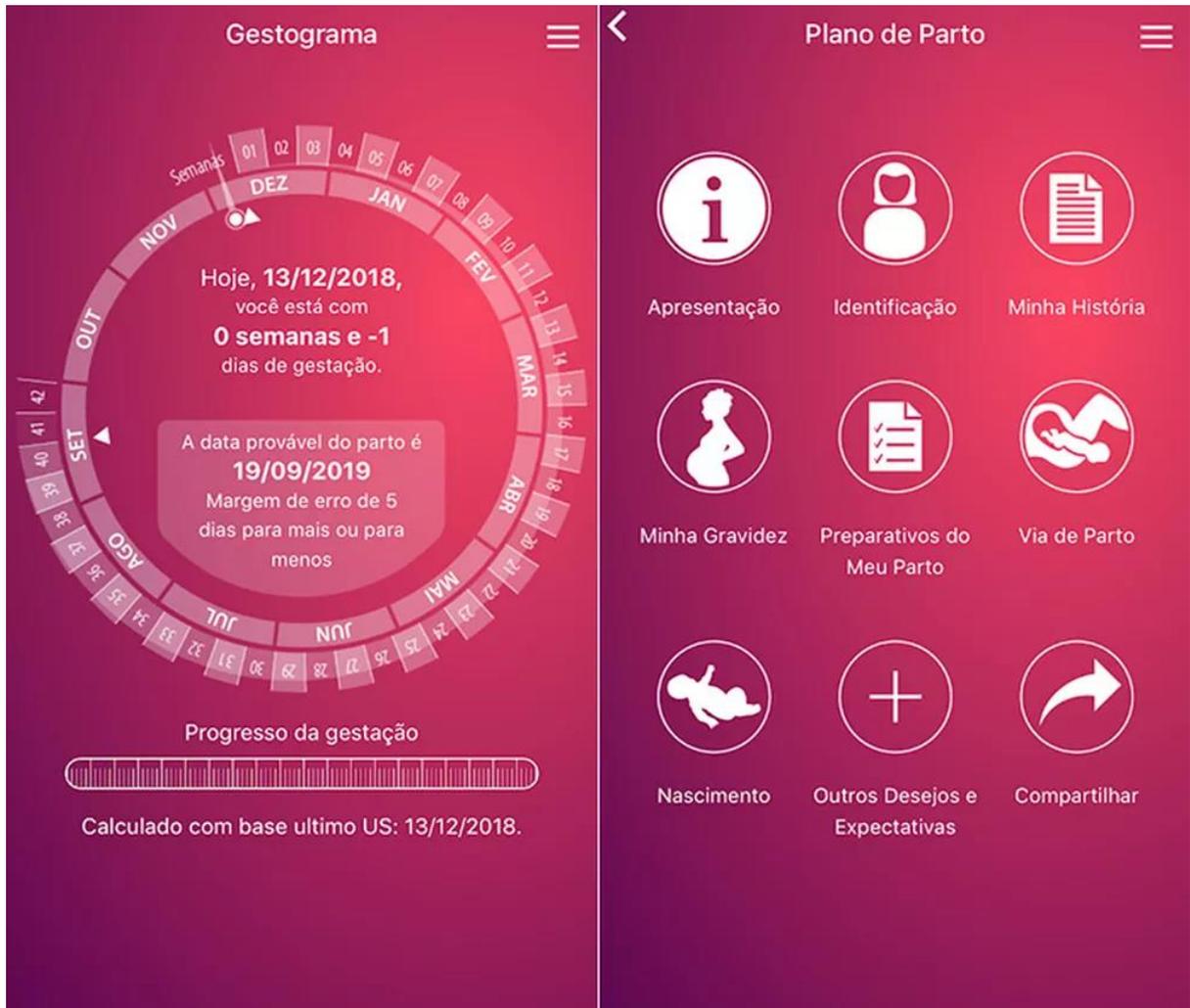


Figura 1

Figura 3 – Meu Pré-Natal (UFMG/BH)

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/12/aplicativo-de-gravidez-veja-apps-para-acompanhar-gestacao-no-celular.ghtml>



Figura 4 – Gravidiz+ (Phillips)

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/12/aplicativo-de-gravidez-veja-apps-para-acompanhar-gestacao-no-celular.ghml>

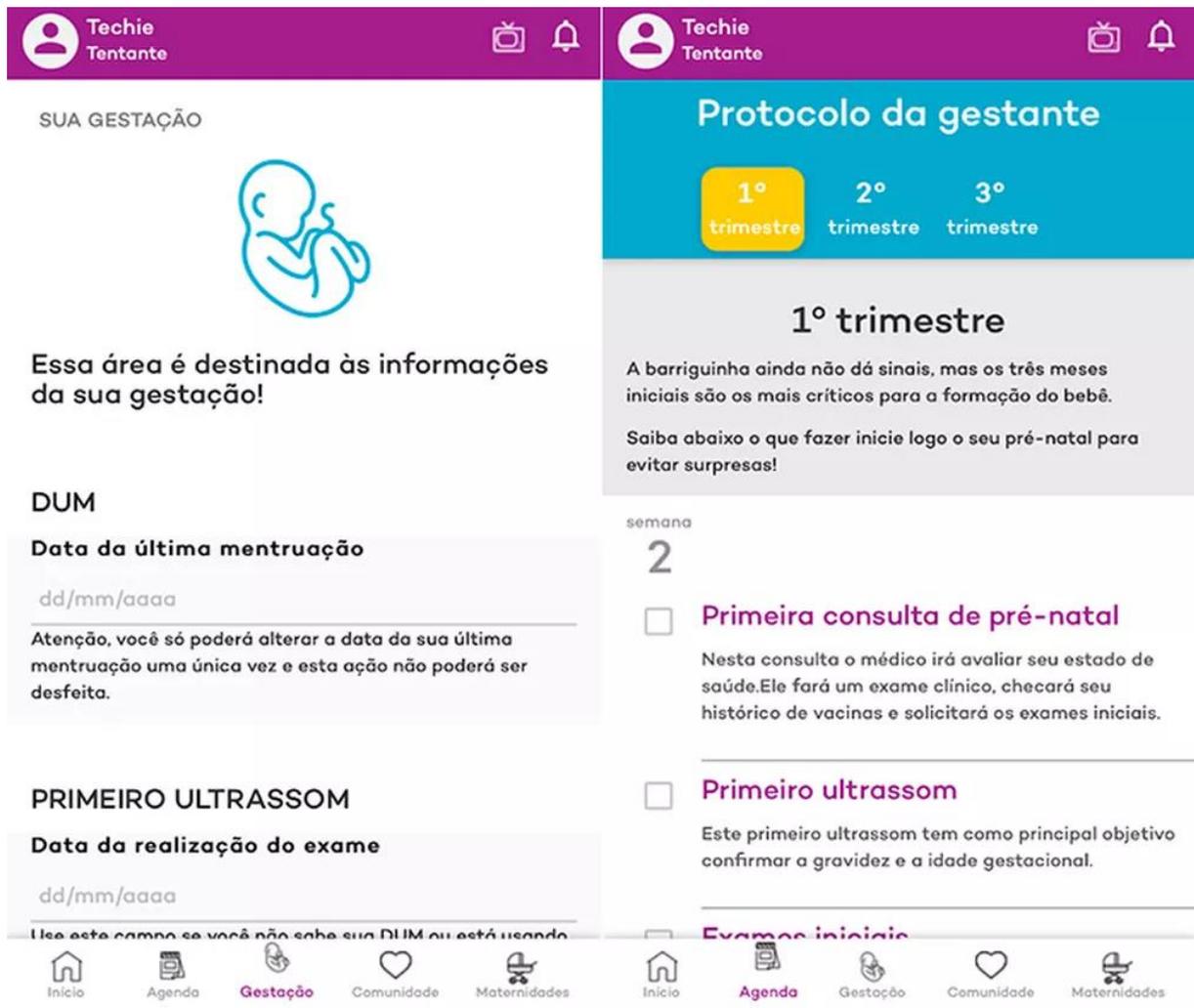


Figura 5 – Canguru Gravidez

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/12/aplicativo-de-gravidez-veja-apps-para-acompanhar-gestacao-no-celular.ghml>



Figura 6 – Minha Gravidez, Meu Bebê hoje do *BabyCenter*

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/12/aplicativo-de-gravidez-veja-apps-para-acompanhar-gestacao-no-celular.ghml>

Quando o *website* do *BabyCenter* foi anunciado (Fig. 7), ele oferecia produtos e serviços direcionados a um público que passava pelo período de uma gestação ou, pelo menos, a intenção de uma gestação. Esse site foi sendo construído com informações médicas supervisionadas e também um guia com dicas de fertilidade tais como, tabelinhas para os dias férteis, parto; dicas para os momentos que antecedem a hora do parto para diminuir a ansiedade da futura mamãe até cuidados básicos com o recém-nascido – como cuidar do umbigo; como aliviar as cólicas, entre outros.

Outro serviço colocado à disposição das usuárias foi o envio de um e-mail semanal com descrições acerca da “semana da gravidez”, isto é, uma vez criado o acesso ao site, era pedido à usuária do *BabyCenter* que informasse a provável data da concepção do bebê, para que, assim, a mãe pudesse navegar pelas abas e “acompanhar” o desenvolvimento fetal e, dessa forma, receber informações úteis, como, por exemplo, um espaço de bate-papo entre as gestantes (fóruns) para tirarem dúvidas daquele período gestacional - uma espécie de clube com membros que possuem interesses em comum.



Figura 7 – Página inicial do website *BabyCenter*
Fonte: www.babycenter.com

Tendo sido premiado como o “Best Home site”⁷ em 1998, não demorou para que esse website alcançasse o faturamento anual de 35 milhões de dólares

⁷ Tradução livre: melhor site doméstico/inicial

americanos⁸ e, em 1999, seus desenvolvedores o venderam para a megacorporação *Johnson & Johnson*, que decidiu disponibilizá-lo também como aplicativo móvel. Essa estratégia surgiu a partir da ideia que os aplicativos são desenvolvidos com a intenção de atender os interesses dos usuários mediante a disponibilização de conteúdos vindos, muitas vezes, de websites já consagrados, em novas interfaces, permitindo a esses usuários maior usabilidade, uma vez que o acesso a esses aplicativos é feito via *smartphones*.

Surgia, assim, o “*Minha Gravidez e Meu Bebê Hoje*” do grupo *BabyCenter*, que entraria para o mercado por intermédio dos sistemas operacionais para aplicativos móveis, entre os mais bem-sucedidos, o iOS da Apple Inc. em agosto de 2010 e o Android do Google Inc. em abril de 2011⁹.

Sabemos que o aplicativo móvel é o componente responsável pela maioria das inovações e usos diferenciados quando levamos em conta aspectos como usabilidade e interatividade. O avanço tecnológico, por meio da conexão sem fio à rede internet, oferece ainda outras perspectivas de crescimento nas inserções de novos usuários.

No que se refere ao comportamento, esses usuários são mais exigentes e estão mais preocupados em otimizar o tempo (KOSAKA, 1993), perfil que vai ao encontro das potencialidades dos aplicativos como o do *BabyCenter*, que permitem o acesso a todo tipo de informação de qualquer local e de forma contextualizada, fato que, para uma gestante, é de muita importância, pois essas informações estão alinhadas com o bem-estar dela. As dúvidas dessas usuárias serão respondidas “a tempo”, promete o aplicativo *BabyCenter*. É a ilusão tecnológica de uma resposta *online* 24/7 para todas as suas questões e que será tomada pelas usuárias como um lugar de segurança que aumentará sua confiabilidade no aplicativo.

Ainda seguindo esse pensamento, podemos afirmar que um dos objetivos em se desenvolver esses aplicativos móveis não foi tão somente facilitar o acesso à informação, mas também reduzir o tempo de tomada de decisões, criando, dessa forma, um ambiente favorável para esses usuários. O aplicativo passou, assim, a ser o componente responsável pela maioria das inovações e usos diferenciados, considerando aspectos como usabilidade e interatividade, tornando, por isso, o

⁸ <https://www.foliomag.com/babycenter-sold-ziff-davis-parent-j2-media-news-notes/>

⁹ Fonte: www.BabyCenter.com/quemsomos

dispositivo móvel mais flexível e útil (TORRES, 2017)¹⁰. Por isso, podemos apontar que um dos fatores do “sucesso” do aplicativo *BabyCenter* foi o fato de que, por essas gestantes encontrarem-se em uma situação gestacional que se modifica a todo momento, os atendimentos às demandas dessas usuárias estariam sendo feitos *online*.

A tecnologia móvel ganha projeção como plataforma de distribuição de produtos e serviços. Estão entre as fontes de informação mais utilizadas [...] que se popularizam no formato de aplicativos para dispositivos móveis, visando manter o usuário informado e orientado de modo dinâmico. (BRILHANTE, M.D.N.; CORRÊA, C., 2015, p. 358)

Outro aspecto importante é observar que, ao aplicativo, foram acrescentadas outras ferramentas tais como um guia de alimentação com tabelas de consumo diário de calorias. Agora as atualizações para a “semana da gestação” passam a ser diárias, sendo oferecido também um mostruário de imagens e vídeos em resolução 3-D, que acompanham o desenvolvimento fetal “*in utero*”.

Além disso, há sugestões de atividades para tornar o dia a dia das gestantes mais agradável e prepará-las para o momento do parto. Ainda oferecem uma calculadora capaz de criar uma estimativa da data em que se dará o nascimento do bebê e até uma contagem regressiva, caso o parto seja previamente marcado, repleta de dicas para diminuir a ansiedade das parturientes – tudo pensado para o bem-estar da futura mamãe e do bebê.

Em uma escalada evolutiva, o aplicativo *BabyCenter* passa a oferecer ferramentas mais sofisticadas do ponto de vista tecnológico (Fig. 8), voltadas para os recursos imagéticos, tais como um diário para postar as fotos da mulher gestante durante os nove meses e um outro, para documentar o primeiro ano do bebê, marcando as principais passagens dessa jornada familiar.

Interessante observar as diferentes áreas as quais o aplicativo *BabyCenter* busca se dedicar: elas vão desde questões biológicas, como o controle do momento da ovulação até as mais culturais, como a seleção de nomes, passando ainda pelo econômico, quando apresenta uma ferramenta para calcular os custos de se ter um bebê. Mais uma vez, aparece aqui o efeito do totalizante sendo produzido: é como se ele, por um lado, desse conta de “tudo” que se referisse ao bebê, enquanto, por outro, produzisse os próprios sentidos sobre o que é “ter um bebê”. Ao descrever, prescreve

¹⁰ Comunicação pessoal de Carlos Eugênio Torres, engenheiro de Computação, na palestra *Mobilidade - Computação móvel, dispositivos e aplicativos*, proferida em 07. out. 2017.

a experiência e, no caso do *BabyCenter*, o sentido de “ter um bebê” se reduziria as variáveis que buscam descrever a totalidade dessa experiência.



Figura 8 – Ferramentas para a Gravidez no website *BabyCenter*

Fonte: www.babycenter.com

4.1 Funcionamento oracular no digital

Um outro exemplo na esteira dessa apresentação do aplicativo, é disponibiliza uma outra seção denominada “*Is it safe? / É seguro?*” (Fig. 9), que busca responder as dúvidas das gestantes sobre aspectos de segurança em seu cotidiano de gravidez, tais como a segurança sobre a ingestão de alguns medicamentos, a segurança em se ingerir bebidas alcoólicas e até a segurança sobre tomar banhos ao longo da gestação. A forma como a seção é chamada, “*É seguro?*”, observamos duas elipses, uma no início e outra no fim da formulação. Podemos, assim, perguntar “O que é seguro?” e “Para quem é seguro?”.

Na ilusão construída nessa formulação, temos os efeitos de evidência de completude desse aplicativo aparecendo mais uma vez para as usuárias, isto é, por meio desse serviço, o aplicativo responde a usuária *online* se a gestação dela continuará preservada, sem riscos caso ela faça ou não tal coisa.



The screenshot shows the BabyCenter website interface. At the top, there is a navigation bar with a menu icon on the left, the 'babycenter' logo in the center, and 'LOG IN / SIGN UP' on the right. Below the navigation bar is a decorative horizontal line with a small leaf icon in the center. The main content area is titled 'Pregnancy Safety: Health' and features four article thumbnails arranged in a row. Each thumbnail consists of an image, a title, and the author's name.

Thumbnail 1	Thumbnail 2	Thumbnail 3	Thumbnail 4
			
Is it true that pregnant women shouldn't take baths?	Weed during pregnancy: Is it safe?	Is it safe to take vitamin C during pregnancy?	Is it safe to use a nasal spray decongestant during pregnancy?
By Darienne Hosley Stewart	By Claudia Boyd-Barrett	By Melinda Johnson, MS, RD	

Figura 9 – Ferramentas de Segurança para a Gravidez: Saúde

Fonte: www.babycenter.com

Dito de uma outra forma, o aplicativo vai funcionar como um “Oráculo de Delfos”, que, como para Orestes na Antiguidade, aconselha o que deve/não deve ser feito pela usuária, tomando para si a responsabilidade que deveria ser delegada a um profissional competente da área da saúde. Um efeito de sentido de que ela e seu bebê podem se sentir protegidos, longe dos riscos de uma má escolha. Todas as suas dúvidas são possíveis de serem dirimidas com essa ferramenta, algo da ordem do impossível, visto que nem todas as inseguranças passíveis de sentir uma grávida poderiam estar contidas ali. Trata-se novamente do sentido totalizante e universal que a maternidade algorítmica carrega em seu discurso.

Para além disso, é relevante dizer que essa usuária, que está acessando o aplicativo em busca de “segurança”, é vista de maneira uniforme, homogênea, como se todas as gestantes no mundo do *BabyCenter* fossem iguais, assim como seus bebês, sem qualquer diferenciação quer de idade, quer pela presença de alguma doença pré-existente ou qualquer outra razão. Isso, ainda na discursividade envolvida na formulação, advém da ilusão construída a partir de uma memória discursiva já em curso, que produz sentidos para a “tecnologia” vinculados ao imaginário da inevitabilidade de uma mudança social em progresso: a onipresença de objetos tecnológicos, seja um celular, seja um aplicativo móvel no meio digital.

Orlandi (2007, p. 2) nos lembra que “como diz M. Pêcheux, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Eu diria que, ao inscrever-se na língua, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórica. No nosso caso, o sujeito do capitalismo”. É esse sujeito capitalista – o sujeito da contemporaneidade – que constrói uma dupla evidência: a primeira, de ser ele a origem de seu dizer, sendo, portanto, livre para dizer o que quiser e a segunda, da ordem da literalidade, ou seja, aquilo que ele diz só pode ser aquilo, como se a dizer que há uma relação termo a termo entre linguagem/pensamento/mundo. São essas evidências que estão operando sobre as usuárias do *BabyCenter* nesse momento *online* de informar sobre uma gestação e também ao tirar dúvidas por meio da ferramenta “*É seguro*”.

Avançando um pouco mais, podemos apresentar algo sobre essa regulamentação que o aplicativo parece poder ter sobre a vida das usuárias e dos bebês. Ela precisa ser mostrada com todas as limitações que o sujeito do capitalismo possui (ele acredita ser livre, mas não o é). Um bom exemplo disso, é a questão de se nomear um bebê. O Estado legisla que todo cidadão nascido em território nacional precisa ser registrado com nome e sobrenome em um cartório de registro civil. Todavia, a escolha desse nome não é da alçada governamental. Então, é nesse espaço que o aplicativo *BabyCenter* entra e regula a escolha das usuárias por meio de uma ferramenta “Que nome devo escolher?” (Fig. 9), que sugere os nomes que a futura mamãe poderá escolher para seu bebê. Assim, parece ser o funcionamento – onde o espaço se dá, aparece o aplicativo.

Desse modo, o website *BabyCenter* e seu aplicativo *Minha Gravidez e Meu Bebê Hoje* popularizaram-se e hoje contam com algo perto de 400 milhões de usuárias¹¹ distribuídas em 11 países e algumas regiões específicas (Estados Unidos, Brasil, Reino Unido, Malásia, Canadá, Países Árabes, Austrália, Alemanha, Índia e América Latina), recebendo conteúdos, de acordo com as recomendações das autoridades médicas de cada país ou região envolvido. Como, por exemplo, relatou-nos uma usuária brasileira do *website* (nessa ocasião, o aplicativo ainda não estava disponível) *BabyCenter*¹², que, ao se ver grávida na França e ter feito uso dos *websites* *BabyCenter* francês e brasileiro simultaneamente, deparou-se com formas diferentes

¹¹ Fonte: www.babycenter.com.br/home

¹² Depoimento da prof^a Luciana Nogueira, PPGCL-Univas, durante a apreciação desse texto para a qualificação da tese

de contar a semana gestacional, isto é, de observar o desenvolvimento fetal semana a semana. Em nosso país, espera-se o nascimento de um bebê até 40 semanas, ao passo que, em território francês, essa contagem se estende até 41 semanas. Especificidades que buscam ser atendidas pelo aplicativo, de modo a dar uma impressão de conseguir estar atualizado com tudo o tempo todo. Onisciência e onipresença – prerrogativas do digital.

Tratando-se mais especificamente do aplicativo *BabyCenter* usado no Brasil, objeto de estudo dessa tese, temos a dizer ainda que ele está sendo usado em larga escala não somente pela usuária/gestante/tentante/mãe, como também por médicos obstetras e ginecologistas, que o têm tomado como um auxiliar no acompanhamento não presencial de suas pacientes. Esse comportamento dos profissionais da saúde obstétrica e neonatal tem a ver com a inovação da telemedicina, conceito que abrange o atendimento médico via redes sociais, evitando a ida da mulher aos consultórios para atendimentos que não sejam de grande complexidade e liberando os profissionais para outras atividades.

Essas inovações tecnológicas da saúde digital permitem, segundo as políticas públicas implementadas nesse sentido, um esvaziamento, principalmente, do setor público de saúde tão carente de infraestrutura quanto de profissionais. Todavia, nossa pesquisa nos mostra o que poderemos ter que enfrentar quando aplicativos móveis passam a tomar decisões para a vida humana com base em algoritmos.

4.2 Controle: *login* e subjetividade



Recorte 1

Fonte: www.babycenter.com/avaliacoes

Passaremos às análises desta seção com o Recorte 1, que chamaremos de R1 de agora em diante, em que temos a imagem de uma peça publicitária do aplicativo *BabyCenter*, divulgada em seu site, contendo a imagem que poderia ser descrita como a postagem de uma usuária – “Deia0913” – que declara sua opinião por meio da formulação “AMO! Estou na primeira gestação e adorando acompanhar meu bebê”.

A formulação do nome da usuária que aparece, “Deia0913”, refere-se à automatização do próprio aplicativo, à individualização de maneira particular, que evita a repetibilidade de *logins*. Detalhando um pouco esse processo, temos que o aplicativo nomeia o usuário quando esse faz um cadastro, oferecendo sugestões de *login* e isso produz o efeito de sentido que se trata de uma pessoa real, isto é, uma usuária real que pode fazer propaganda do aplicativo. Mecanismos de controle no aplicativo *BabyCenter* na sociedade de controle do século XXI.

Retomando Deleuze (2000), aprendemos que as sociedades disciplinares existentes desde o século XVIII até o seu declínio em meados do século XX deram lugar às sociedades de controle caracterizadas pela infiltração dos espaços, pela suposta inexistência de fronteiras definidas (com o surgimento da “espacialidade da rede”) e pela introdução de um tempo contínuo, no qual os indivíduos nunca

conseguiriam terminar suas tarefas, pois estariam sempre presos em situações indissolúveis, como, por exemplo, os “devedores de uma dívida impagável”.

Em outro momento importante, Deleuze (2000, p.1) explica que as sociedades disciplinares possuíam dois polos, “a assinatura que indicava o indivíduo” e “o número de matrícula que indicava sua posição numa massa”. Nas sociedades de controle, no entanto, “o essencial não seria mais a assinatura nem um número, mas uma cifra: a cifra que é uma senha (...) A linguagem digital do controle é feita de cifras, que marcam o acesso ou a recusa a uma informação” (COSTA, 2004, p. 2). E é dessa relação entre identidade pessoal e senha ou código intransferível que tratamos no acesso via *login*. A passagem de um a outro implica que os indivíduos deixam de ser, justamente, “indivisíveis”.

Quando assinamos um documento, um cheque, estamos imprimindo ali nossa identidade. A assinatura, historicamente, sempre foi o signo maior da identidade pessoal. O CPF, que é o número de registro numa massa, assegura ao indivíduo seu estatuto de existente regulamentado. Com a sociedade de controle, a assinatura é posta em dúvida, deve ser verificada, e o CPF é usado para checar seus movimentos financeiros. Mas o controle inventa ainda seus próprios dispositivos: o código e a senha no lugar da assinatura (COSTA, 2004, p. 25).

Os sujeitos dessa sociedade de controle passam, pois, a sofrer uma espécie de divisão, a partir do resultado que se tem na leitura de sua senha, de seu código, podendo ser ora aceito, ora recusado. O sujeito é sujeito para algumas coisas, e não é sujeito para outras porque a senha dele não foi aceita em determinado sistema que use *login*. Esse conceito é chamado de modulação universal de que nos fala (DELEUZE, 2000, p. 2), onde o indivíduo passa a ser divisível, ora podendo, ora não. De fato, a modulação ocorre sobre um conjunto ou grupo de códigos, podendo o sujeito ter ou não acesso a um serviço liberado pelo sistema que está sendo utilizado (Netflix, aplicativos de bancos, acesso a provedor). As massas, por sua vez, nessa mesma modulação, tornam-se dados, mercados, que precisam ser rastreados, cartografados e analisados para que padrões de comportamentos repetitivos possam ser percebidos. Para Deleuze (2000, p. 3), “diante das próximas formas de controle incessante em meio aberto, é possível que os mais rígidos de clausura nos pareçam pertencer a um passado delicioso e agradável”.

Portanto, Deia0913 não é qualquer pessoa, não é qualquer sujeito, mas sim é um sujeito muito específico do digital – o usuário – aquele com perfil, *login* e senha, inscrito numa comunidade “secreta”, isto é, restrita àqueles “membros” de um aplicativo.

Seguindo esse caminho, podemos afirmar que “Deia0913” não é um nome, nem um apelido, mas sim um *login* – a nova forma de reconhecimento no digital – que nomeia as pessoas por sugestão. Assim, ao tentar criar um novo e-mail em um dos serviços de correio eletrônico, a você é pedido que preencha seu nome próprio, uma sugestão de apelido e como você quer aparecer antes do domínio desse e-mail. Ao preencher as caixas de sugestão, logo aparecem os “disponíveis”, quer dizer, surgem as recomendações de como você poderá ser nomeado pelo *login*, cuja finalidade é particularizar o usuário, sendo quase sempre uma combinação alfanumérica, com base no que você forneceu para a criação dessa conta. Mussel¹³ nos explica que o *login* corresponde a identidade do usuário e, por isso, trata-se de um caso único de identificação no digital, de modo que, ao ser escolhido, esse “nome” não poderá ser utilizado mais de uma vez para o mesmo domínio. Trata-se de um processo automático de nomeação no digital que afeta a produção de sujeitos e sentidos.

Orlandi (2015, p. 33) nos fala de formas de esquecimento no discurso sugeridas por Pêcheux (1975) como do esquecimento número 2, que é “da ordem da enunciação; ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro”. Com o *login*, isso não é suportado, havendo uma rigidez nele que não permite que ele possa se referir a dois usuários. Trata-se de uma especificidade própria desse sistema de nomeação, que difere da nomeação por meio da escolha de nomes próprios, realizada quando desejamos nomear pessoas por exemplo.

É certo que conhecemos muitas mulheres com o nome de Maria; outras tantas como Maria da Silva ou ainda Andrea da Silva, podendo se tratar de pessoas com laços familiares próximos ou não, contudo, a nomeação automática dessas usuárias não passará pela repetição dessas escolhas, pois, para o processo de nomeação automática, será necessária a individualização que corresponde a algo que se quer único para funcionar. São modos de subjetivação que funcionam nessa prática. Voltando a Deleuze (2000), temos a subjetividade, ao mesmo tempo, única (código/senha) e estatística (dados/perfil).

Voltando em R1, podemos dizer que “Deia0913” não se trata de uma usuária “idealizada”, como se via, por exemplo, no discurso publicitário de propagandas antigas quando a escolha era por atores, cantores, enfim, pessoas famosas, que iriam

¹³ Comunicação pessoal, 2019.

simular a pessoa/consumidora que iria usar aquele produto à venda. Em nosso caso, é o próprio consumidor que está no papel da celebridade, produzindo a evidência de um consumidor real.

4.3 Publicidade e consumo

A formulação, “*Baixe o app*”, ainda no R1, faz parte de um discurso publicitário, que sabemos ser muito mais da ordem do discurso autoritário, uma vez que ele é formulado por alguém que sabe do que diz para um outro alguém que não sabe, estabelecendo, assim, uma contenção dos sentidos, dando a essa formulação um sentido único, absoluto, de verdade supostamente incontestável muito presente em nossa sociedade dada a sua constituição, organização e funcionamento.

Para a teoria da Análise de Discurso, muito mais importante que caracterizar um discurso em tipologias, tais como simplesmente categorizá-lo como um discurso histórico, político, sociológico, etc., é dar visibilidade à historicidade desse processo discursivo, que são as condições de produção, remissão das formações discursivas e o modo de funcionamento desse discurso. Orlandi (2012, p. 85) ao distinguir os diferentes modos de funcionamento do discurso, nos apresenta 3 tipos: “o discurso autoritário, o polêmico e o lúdico”, levando em consideração não somente as condições de produção, mas também o modo de produção de sentidos.

Vê-se que, na divisão proposta pela autora, a polissemia, a multiplicidade de sentidos, é o que os separa primordialmente, pondo, pelo jogo da linguagem, a questão de como o referente aparece ou não em sua relação com o (s) interlocutor (es). A nomeação em autoritário, polêmico ou lúdico, assim, ultrapassa um juízo de valor, isto é, o analista não está “julgando” os sujeitos do discurso. Trata-se, segundo (ORLANDI, 2012, p. 86), de uma descrição do funcionamento discursivo em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas.

Podemos dizer, assim, que o que se tem nessa formulação é ser imperativo que a usuária se conecte ao aplicativo, ou seja, promovendo a evidência de sentido que, sem essa conexão, a gestação do bebê não será a mesma, pois ela não terá ao seu alcance as benesses tecnológicas do aplicativo *BabyCenter*.

É ainda importante registrar que o discurso publicitário é uma das forças que contribui para levar o usuário a tomar conhecimento da existência de um produto,

apresentando a ele as suas características e possíveis vantagens para assim alcançar seu objetivo final que é a sua aquisição.

É preciso olhar para as peças publicitárias como formas materiais que emergem de um fazer determinado por sentidos que se relacionam com o próprio modo como hoje a sociedade se organiza em torno de uma forma-sujeito histórica de direito, que tem no capitalismo sua formação ideológica dominante. [...] esse olhar sobre a publicidade possibilita perceber que não se trata apenas de uma informatividade da propaganda, mas de algo a mais que faz com que ela, além de informar, arrebanhe o sujeito direcionando-o para uma determinada ação, neste caso, o consumo (de um produto, um serviço, uma ideia) (CAROZZA, 2010, p. 23).

Assim, a publicidade tem por tarefa “divulgar as características deste ou daquele produto e promover-lhe a venda. Esta função objetiva permanece em princípio sua função primordial” (BAUDRILLARD, 1978, p. 272). Todavia, para a Análise de Discurso, mais importante do que o que a publicidade faz, é pensar nos efeitos de sentido que ela irá produzir ao se utilizar dos testemunhos dos consumidores para emplacar um determinado produto. Em particular, no caso do aplicativo que estudamos, observam-se vários desses testemunhos relatando de forma aparentemente direta, ou seja, não mediatizada pela propaganda, a experiência da usuária com o aplicativo.

4.4 Da *opinião* ao conhecimento: personalização no digital

Retomando a análise de R1, observamos ainda o discurso publicitário dissimulando a sua própria inexistência e que todo o recorte (re) monta a discursividade publicitária. “Baixe o app”, é apenas uma marca que dissimula a distinção de posições, como se isentasse a posição responsável pela “opinião” dada como certa propriedade/autoridade. A questão que surge seria o que significa “opinião” quando estamos frente ao funcionamento do digital? Podemos dizer que esse “alguém”, presente no modo Imperativo da formulação, autoriza o uso desse aplicativo e “eu”, a usuária, passo a também poder produzir opiniões – fato comprovado pelo bombardeio de pedidos do tipo “Avalie aqui”, que surgem ao longo da navegação digital no *BabyCenter*. Avaliar significa retroalimentar a inscrição dessa posição na discursividade do digital e na memória algorítmica, algo pertencente a própria constituição do algoritmo, já que esse precisa dos dados provenientes dessas avaliações para gerar novas atualizações no próprio funcionamento algorítmico.

Dito de outra maneira, devemos lembrar que essas “opiniões” serão a base de quase todo o algoritmo do aplicativo em estudo, uma vez que o algoritmo inicial, isto é, aquele que deu início ao desenvolvimento do *BabyCenter*, já era formado a partir de opiniões embutidas em um código que buscavam “traduzir” as expectativas das futuras usuárias. Assim, após serem coletadas, essas novas avaliações são transformadas em outros códigos e, na forma de *input*¹⁴, irão (retro)alimentar esse algoritmo com “hábitos”, “gostos” e “dúvidas” dessas usuárias. A tecnologia parece, assim, provocar um deslizamento na questão existencial que traz a formulação “Quem sou eu? ”, pois, nessa evidência, a resposta possível pela tecnologia seria “Sou tudo aquilo que posto/ que compartilho”, dito de outra maneira, “Sou os dados que forneço para o algoritmo”.

Aprendemos com Dias que

[...] não se deve deixar de pensar nas formas históricas de assujeitamento na sociedade digital – o sujeito de dados, centrado no princípio tecnológico da sociedade digital, na qual o sujeito e o sentido se constituem por uma capitalização constante dos dados, fornecidos por ele ao utilizar os dispositivos e os sistemas digitais universalizantes. (DIAS, 2018, p.16).

Essa mesma autora, ao falar de tecnologia, nos indica que “a relação homem-máquina não diz respeito a um mundo metálico, habitado por robôs desengonçados”. Lembramos que já nascemos afetados pela relação com a máquina, ou seja, a tecnologia tem efeitos no processo de interpelação do indivíduo em sujeito. E o que estamos vendo nesse compartilhamento de dados para a retroalimentação algorítmica é parte desse funcionamento. Baseados na teoria da Análise de discurso, podemos afirmar que todo fato se abre ao simbólico e ao político e que o sujeito pode se filiar a tantas teorizações quanto desejar, mas ele precisa ser advertido de que a transparência desejada não existe. Desse modo, quando a usuária faz o *login* no aplicativo, ela aceita seus termos e condições de uso e isso significa dizer que ela acredita que seus dados serão preservados e que a transparência será total. Mas será apenas a onipotência da completude e da onipresença totalizante apagando o político, o sentido e seus efeitos.

¹⁴ *Input*: s.m. Operação através da qual dados são inseridos num computador ou em outro mecanismo periférico (impressora, scanner etc.); entrada. [Informática] Reunião desses dados inseridos e que, processados, se transformam em informações de saída (output). Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

A usuária está sendo afetada pela forma como o aplicativo funciona, de tal maneira a devolver para ele o “conhecimento” que ela precisa/deseja receber a partir das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo.

Avançando com a análise nesse mesmo Recorte 1, vemos outra forma de apresentar opinião: as “estrelas”, que, totalmente preenchidas, reforçam a opinião da usuária, qualificando o aplicativo como “Ótimo! ”. O que nos interessa agora é compreender como foram interpretados os efeitos de sentido produzidos por esse elemento (estrelas) nesse recorte. O que nos parece é que está sendo produzida a evidência de que a avaliação construída sob a forma de dados e consolidada será utilizada pela própria usuária.

Essa nova forma de avaliação por meio da coleta de dados permite que ela seja tabulada e, assim, passível de ser comparada a outras, diferentemente da opinião discursiva, que carregada de subjetividade, não poderá ser transformada em dados por não ser algorítmica, quer dizer, não aparecer em linguagem de programação e, desse modo, não poder ser transformada em *input*.

Essas avaliações datificadas fazem parte do “Big Data”¹⁵ e são obtidas por meio de um processo conhecido como *Profiling* ou *User profiling*, que é o processo de criação de um perfil abstrato que não corresponde a ninguém na atualidade, mas que consegue reconhecer, dentre os usuários, aqueles que mais teriam chance de baixar um aplicativo X, comprar um produto Y e assim por diante. Todo o processo inicia-se com a “personalização do usuário”, que hoje tem muita importância no campo da ciência da computação, sendo específica sua aplicação nos Sistemas de Recomendação, isto é, sistemas que podem gerar recomendações específicas do usuário com precisão e eficiência.

A criação de perfil do usuário ajuda nessa “personalização”, em que a recuperação de informações permite que se entenda mais sobre ele, de tal forma que esse conhecimento pode ser usado para proporcionar satisfação a esse mesmo usuário. Podemos avaliar ainda que são muitos os usuários com os quais um sistema de recomendação precisa lidar e também que cada usuário tem seus próprios requisitos de preferência. Desse modo, o Sistema de Recomendação precisa ainda

¹⁵ Tecnologia que capacita o armazenamento de um grande número de dados, mas sua principal função é a precisão na recuperação de dados específicos, que agreguem valor a tomada de decisões. Sua aplicabilidade abrange Governos, cientistas, empresários, profissionais da mídia e publicidade.

atender a esses requisitos individuais, recomendando itens específicos a ele ou ainda modificando-se, de acordo com as suas necessidades.

Portanto, o perfil do usuário ajuda o sistema a conhecer esses requisitos e a se comportar de acordo com eles. Compreendemos, então, que a criação de perfil do usuário tem dois aspectos igualmente relevantes: conhecer o usuário com eficiência e, com base nesse conhecimento, poder recomendar itens de seu interesse. A figura 9 ilustra um esquema sobre a criação de um perfil de usuário pelo modelo de “Descoberta de Dados do Usuário” (UDD):

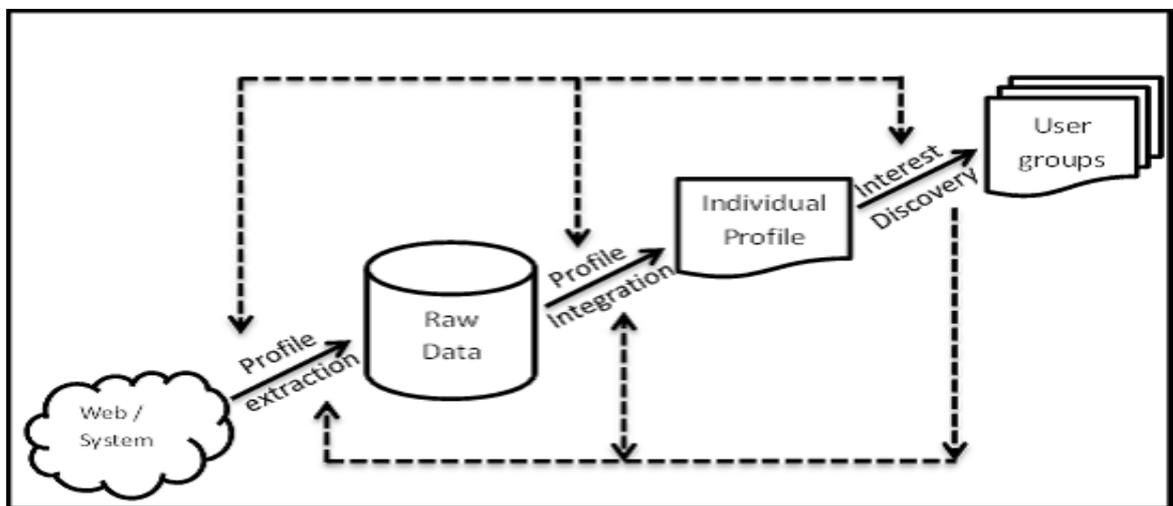


Figura 10 – User Data Discovering – UDD (Descobridor de Dados de Usuário)
 Fonte: International Journal of Advance Foundation and Research in Computer (IJAFRC)

Na era do “Big Data”, em que a informação cresce sob todos os aspectos, extrair conhecimento é uma tarefa difícil. De acordo com a “Teoria da Cauda Longa” (ANDERSON, 2006), se um usuário tem tantas opções para escolher, existe o perigo de ele se perder no excesso de opções. É aqui que a descoberta de informações sociais e o perfil de usuário desempenham um papel importante. Acredita-se que as pessoas tendem a saber a opinião de seus amigos, antes de fazer sua própria escolha e, assim, um perfil de usuário implícito por meio da descoberta e do conhecimento dos gostos e hábitos dos usuários ajudará a resolver alguns problemas.

Como afirma SUMITKUMAR; SHEETAL; DEBAJYOTI, 2014, compreendemos que

[...] a personalização no contexto do perfil de usuário não é um conceito novo; grande parte do estudo realizado nesta área tenta entender melhor o usuário, o que ajudará a facilitar as decisões de escolha, selecionando um item

apropriado, ao qual o usuário está interessado (SUMITKUMAR; SHEETAL; DEBAJYOTI, 2014, p. 10).

O *Profiling* ou *User profiling*, dessa maneira, se inicia com a coleta de dados do usuário e algumas informações mais genéricas. Sistemas mais antigos faziam esse procedimento buscando os dados diretamente do usuário, por exemplo, fazendo-o participar de pesquisas online, em que os dados eram coletados por meio de perguntas na forma de avaliação de satisfação. Todavia, por não terem se mostrado muito eficientes, já que nem sempre as pesquisas eram respondidas por um número satisfatório de usuários, esses sistemas foram abandonados e a coleta de dados passou a ser feita pela busca por meio do perfil do usuário, tomando por base suas ações e comportamentos no meio digital.

Na figura acima, encontramos esse processo de extração de dados do usuário sendo realizado e indo mais além, quando esses interesses, gostos e hábitos ainda servem para serem inseridos em outros grupos de usuários em um processo de retroalimentação algorítmica, sempre em busca da “personalização” da usuária do aplicativo que estudamos, por exemplo.

Em detrimento ao rigor científico, o que será produzido é um discurso de legitimidade que é aferido pelas avaliações positivas ou não. O aplicativo *BabyCenter*, assim, torna-se confiável muito mais por meio das avaliações do que por referência a um discurso científico, comprovado e sustentado por pesquisas ao longo do tempo. O efeito de confiabilidade ou de fidedignidade do aplicativo resulta do modo como as “informações” se acumulam e se reproduzem no digital, ou seja, por meio da avaliação, as opiniões fazem do aplicativo uma fonte confiável e relevante.

Dessa forma, confiança e relevância encontram-se em relação sinonímica. É muito mais uma evidência do que uma crença para aquela usuária, que irá consumir produtos e serviços do aplicativo, que ela poderá confiar neles, que o que está sendo oferecido a ela para o período da maternidade é essencial e relevante. Não restarão dúvidas para essa usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora que as respostas dadas para as suas dúvidas são “verdadeiras”. A relação de confiança estabelecida entre ela e o aplicativo é da ordem do pessoal, uma vez que chega a substituir a figura humana de um médico ou qualquer outra fonte de conhecimento.

Tomamos a formulação na sua evidência ideológica, apagando a materialidade da palavra, apagando a memória das redes de filiação de sentidos. A ideologia produz o apagamento dessa desigualdade, da não coincidência da cadeia de significantes

possíveis. Por isso, também, a sinonímia entre informação e conhecimento passa a ser aceita. Sob efeito da ideologia, informação e conhecimento parecem se sobrepor no discurso das novas tecnologias.

Sabemos que se há linguagem, há ideologia funcionando. A ideologia é estruturante de toda a significação e de todo o funcionamento dos processos semânticos, isto é, de todas as práticas nas quais o homem aparece. O papel da ideologia nas práticas é ser a produtora de evidências, trabalhando para dar um efeito de inequivocidade ao sentido. A ideologia busca, portanto, controlar o funcionamento, a fazer ver a estabilidade dos sentidos, o que sabemos não existir.

4.5 O *i-Bebê*

Indo além, no (R1), podemos ler que a usuária declara que conseguiria “acompanhar o bebê” pelo aplicativo, ou seja, podemos supor que o aplicativo permitiria acompanhar, representar e, até mesmo, compartilhar informações sobre “o bebê” - efeito de produção do referente que será retomado mais adiante.

E cabe aqui a pergunta: que bebê é esse? Não nos parece que seja o bebê por ela concebido, o real, uma vez que esse bebê é acompanhado pelo e no aplicativo – e é por meio desse artifício que o bebê passa a ser “acompanhado”. A partir dos materiais de análise e dos efeitos de sentido que esses materiais produzem, supomos haver um imaginário estabilizado de sentidos, uma ilusão de sentidos para podermos dizer que, a partir da formulação, há uma formação imaginária em funcionamento para essas usuárias e percebemos ainda que essa mesma formulação produz equívocos – equivocidade que faz parte do processo da historicização do discurso tecnológico digital.

À propósito da equivocidade, Ferreira (1996, p.46) nos recorda que “a perspectiva de que a língua comporta em seu interior um espaço para as falhas, as brechas, o impossível valida e legitima a tese de que o equívoco é estruturante”. O equívoco é tomado como estruturante justamente por não ser a língua na Análise de Discurso considerada como um sistema fechado, mas, pelo contrário, por ser aberta e, em função disso, ser constituída pela falta: um furo que permite a materialização de discursos não previstos pela ideologia.

Como sabemos, esses equívocos em Análise de Discurso apontam para a multiplicidade de sentidos, e o que fica é o jogo de sentidos e o imaginário estabilizado

que nos levam a questionar a que bebê estamos nos referindo. O bebê real? Ou o i-Bebê? Dos aplicativos, da conectividade, das tecnologias?

A denominação, que aqui funciona também como um gesto de interpretação da analista, formulada para esse bebê produzido pelo discurso do *BabyCenter*, é “*i-Bebê*” e se relaciona com o “i-” escolhido pelo fundador da Apple, Steve Jobs, para marcar toda uma geração de dispositivos lançados pela sua empresa. Quando Jobs mostrou ao mundo seu primeiro desktop pessoal, em 1998, escolheu nomeá-lo “iMac” e o fez explicando aos futuros usuários do computador que esse “i-” era referente à Internet – destacando que o primeiro uso que um consumidor esperava fazer ao adquirir um computador nessa época nos Estados Unidos era ter acesso à Internet.

Com o passar do tempo, todavia, Jobs continuou batizando suas criações dessa mesma maneira: tivemos a chegada do “iPod”, “iPad”, até o desenvolvimento do revolucionário *smartphone*, o “iPhone”. Aqui Jobs já admitia a deriva do significado desse “i-”, uma vez que ele mesmo veio a afirmar que o “i-” também viria de “*inform*”; “*instruct*”; “*inspire*” e de “*individual*”, todos os sentidos devidamente aplicáveis ao marketing de suas produções. Dessa forma, entendemos que esse “*i-Bebê*” é efeito de referente que se produz nesse discurso do aplicativo *BabyCenter*, isto é, via algorítmica.

Seguindo com essa descrição, em termos de análise, buscamos responder a nossa pergunta inicial: como tal efeito de sentido está sendo produzido na peça publicitária e que poderia vir a contribuir para a produção de sentidos de maternidade no digital?

Não há coincidência entre o bebê real e o “*i-Bebê*”, como quer nos fazer acreditar a formulação. Ocorre que, como dito por Orlandi (2009, p.19), do questionamento da Linguística, vem o pressuposto de que “a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação que se faz termo a termo, isto é, não se passa diretamente de um termo a outro” e, assim, mostramos a não transparência da linguagem, conceito fundamental para a teoria da Análise de Discurso.

A usuária passa a acreditar que está acompanhando a gestação do bebê que está sendo gerado por ela e não que se trata de um “*i-Bebê*”. Dito de outra forma, essa usuária/gestante/mãe dá testemunho acerca de um bebê que não é o dela, o orgânico, mas o do aplicativo *BabyCenter*.



Recorte 2 – i-Bebê
 Fonte: www.babycenter.com

Mais uma vez a relação de equivalência que o aplicativo produz entre as imagens que esse aplicativo oferece diariamente às usuárias sobre o desenvolvimento fetal e a maternidade *real*. Parece haver aqui um apagamento do político, ou seja, a “divisão dos sentidos” (ORLANDI, 2010) – a univocidade prevaleceu. Houve o triunfo da homogeneidade – assim como há o usuário-padrão, há também o bebê-padrão. Chegamos à utopia tecnológica, em que toda a possibilidade de uma vida perfeita, sem contratempos está assegurada. Sobre o político, Orlandi (2010) nos ensina que

[...] o político está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmos para todo mundo, embora “pareçam” os mesmos. Esta divisão tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões (ORLANDI, 2010, p. 12).

Essa percepção se faz por meio da noção que temos acerca da tecnologia, em especial com o digital. A tecnologia nos impõe uma realidade na qual os sujeitos se identificam fortemente, acreditando nela como algo transparente e definitivo. Mais uma vez, encontramos algo da ordem daquilo que Pêcheux (1995, p. 159) chama de “norma identificadora” que, pelo funcionamento da ideologia, fornece/impõe as evidências pelas quais “Todo mundo já sabe!”, “É claro!”, “É evidente!”. São

evidências de um discurso absoluto e universalizante, em que os sujeitos acreditam saber tudo sobre a tecnologia: não só o que ela é, como também para o que ela serve.

O *i-Bebê* surge com essa forma: a imagem corresponde a um bebê no imaginário da futura mamãe. O algoritmo alimentado pela usuária desenvolve esse *i-Bebê* ao longo dos nove meses de gestação; ele cresce dia após dia, toma forma, vai chorar, se mexer, enfim, será mostrado para a usuária, como se fosse o bebê que está dentro da barriga dela até o momento do nascimento. Tudo o que for dito e também não dito dentro do aplicativo será visto por essa gestante/mãe/usuária e servirá não só para essa mulher X, mas para qualquer outra usuária do *BabyCenter*. Entretanto, o que buscamos mostrar nessa tese é exatamente o contrário, pois, a despeito de toda a difusão dessa realidade de transparência, muito em função do “maravilhamento” que as pessoas sentem pelas “facilidades” trazidas pela tecnologia no digital, o conceito de “tecnologia” é imensamente opaco.

Quando é do funcionamento do discurso da tecnologia que estamos falando, devemos considerar que, para os sujeitos, as evidências já estão dadas, isto é, já foram construídas a partir do lugar social que cada um desses sujeitos ocupa na constituição desse discurso. Trata-se, conforme nos mostra Pêcheux (1975) do “‘sempre já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e ‘seu sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 164), o que corresponde ao pré-construído do discurso. E isso nos remete ao exemplo do soldado francês, citado por Pêcheux (1995, p. 159-160), que mostra como a “norma identificadora” determina os lugares sociais de cada sujeito, sob o efeito do ideológico.

A este respeito, o autor escreve “[...] é a ideologia que, através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes por meio de ‘desvios’ linguisticamente marcados entre a constatação e a norma [...]”. Ou seja, não se trata apenas de um discurso descritivo, ou ainda de um bebê que “representa” o bebê orgânico, mas de um discurso prescritivo. As marcas do discurso autoritário aqui se tornam menos visíveis, se travestindo de informação “gratuita”.

O aplicativo ao “auxiliar” no entendimento, ao informar, prescreve como deve ser o bebê, ou seja, nos informa como deve ser o peso, a altura e até os possíveis movimentos desse bebê, entre outros detalhes da vida do bebê nessa determinada semana/mês da gestação.

4.6 Vulgarização científica ou produção de conhecimento?

A imagem do recorte 2, (R2), representa mais uma das ferramentas do aplicativo *BabyCenter*, em que a usuária/tentante/gestante/consumidora pode “conferir” essas informações prescritas para um bebê.



Figura 11 – Ferramenta de acompanhamento semanal do desenvolvimento do bebê
Fonte: www.babycenter.com/gestação

A opção por ícones com frutas ou legumes na linha do tempo dessa ferramenta é mais uma atratividade de uma plataforma que se quer “amigável”, de “fácil compreensão”, visto que, ao invés de números e tabelas de conversão geralmente escolhidas nos modelos prescritivistas de livros sobre/para o bebê, (“A Vida do Bebê”, do pediatra brasileiro favorito das mães das décadas de 1960-70, o Dr. Rinaldo de Lamare ou “Meu Filho, Meu Tesouro” um best-sellers na área médica, traduzido para mais de 40 idiomas do pediatra americano Dr. Benjamin Spock), o aplicativo *BabyCenter* escolhe expor as informações da semana gestacional por meio de comparações com a forma e o tamanho dessas frutas e legumes presentes no cotidiano da usuária/gestante/mãe. Qual a natureza do conhecimento que se produz (e distribui) nesse formato?

Optamos por analisar e refletir sobre isso, pensando no que há de problemático na tensão não resolvida entre as duas dimensões quando se trata da divulgação da ciência. Sabemos, que, de um lado, a divulgação científica é pautada pela erudição, o que faz com que ela esbarre na verticalização dos conhecimentos produzidos pela

ciência. Isso aparece, por exemplo, na dificuldade com que as gestantes enfrentam para entender o que está prescrito para elas e os bebês em tabelas de peso e medidas utilizadas pelos pediatras em consultas presenciais e igualmente presentes na Carteira nacional da criança (documento obrigatório no momento das consultas de pré-natal até o primeiro ano de vida). “O sujeito mobiliza diferentes formas de conhecimento, entre elas, para além do senso comum, também as formas do saber erudito” (ORLANDI, 2004, p. 133). Toda essa linguagem erudita para o leigo é responsável pelo afastamento desse grande público do acesso ao saber historicamente produzido.

Nesse espaço, surge a vulgarização da divulgação científica, que pode transformar os resultados da ciência em mera notícia informativa, buscando atrair seu público-alvo por meio de, entre outras coisas, recursos imagéticos – ícones – que são de fácil compreensão por permitirem uma associação rápida com o que se deseja mostrar, muito embora pouco tragam das pesquisas científicas e de sua precisão. Dito de outra maneira, nos parece ser pouco provável que uma imagem de uma abóbora, por exemplo, represente um bebê em equivalência ao seu tamanho e peso, quando o falamos do discurso científico. Desse modo, o aplicativo parece tomar para si essa dificuldade da publicização dos conhecimentos científicos e se aproveita para cativar ainda mais as suas usuárias no tocante ao utilitarismo dessa tecnologia. Aparecem traços do lúdico incorporado ao conhecimento científico, visando atingir um espectro maior de pessoas.

4.7 Maravilhamento e completude



Recorte 3

Fonte: www.babycenter.com

Isso dito, seguimos analisando uma outra peça publicitária do aplicativo *BabyCenter*, Recorte 3, (R3), em que encontramos um outro exemplo do que já foi visto em (R1). Com a formulação “Perfeito, te deixa ligada em tudo o que acontece com o bebê – CarolineBarros2016”, a usuária classifica o aplicativo como “Ótimo”, “Perfeito” e também dá a ele cinco estrelas.

Num olhar mais atento, notamos que, nessa formulação, aparece a locução verbal “deixa ligada” e isso permite explorar uma série de efeitos de sentidos que são postos em circulação a partir do digital – “ligar”/“linkar”/“logar”. A formulação mobiliza, em um certo sentido, o que está mais em voga no momento, as palavras de ordem do mundo digital – conectividade, todos ligados por um único sinal.

Outras derivas também podem ser apresentadas como “ligada em tudo o que acontece com o bebê”, que nos remonta a uma imagem de que o aplicativo se liga a mãe usuária ao “*i-Bebê*”, assim como o cordão umbilical o faz com a mãe real/humana ao seu bebê. Duas dimensões. Uma imaginária, virtual – “*links*” e “*logins*”. Outra, real – cordão umbilical, capilares, sinapses.

Indo mais um pouco com a análise, perceberemos que o equívoco agora vem por meio da sensação de completude que acompanha essa discursividade no digital

– a evidência de estar sabendo “tudo”. A formulação enuncia: “Perfeito, te deixa ligada em tudo o que acontece com o bebê”, isto é, tudo o que se passa na sua própria gestação será mostrado para a mãe-usuária pelas ferramentas do aplicativo, ou seja, nada lhe é apagado, essa mãe-usuária terá “todas as informações necessárias” para atingir a sua própria tranquilidade, no tocante aos cuidados com o pré-natal já definidos pelo uso diário do aplicativo que ela tem ao alcance das mãos. Um clique diário nas ferramentas do menu desse aplicativo e, como num passe de mágica, o bebê estará salvo. “Perfeito! ”.

Mais uma vez é importante dizer que, como a ciência e o conhecimento, a tecnologia é sentido e, assim não escapa do funcionamento da ideologia, funcionamento de dissimulação, isto é, outra vez a ideologia age sobre a tecnologia, se fazendo despercebida ao sujeito. Ao produzir essa evidência de sentido, a ideologia segue, ao mesmo tempo, dissimulando-a e essa usuária/mãe/gestante sofre esse efeito e passa a ter o aplicativo como verdade absoluta para a sua gestação.

Dito isso, essas análises nos levam a refletir no pensamento do filósofo brasileiro Vieira Pinto (2005, p. 234) que coloca em sua obra que “toda época teve as técnicas que podia ter” e, com a chegada do séc. XXI, não seria diferente. Para essa sociedade neoliberal contemporânea, o discurso da inovação tecnológica é (re)formulado e produz um imaginário do “novo” como sinônimo de “progresso e sucesso” – num sentido já naturalizado, dificilmente sendo entendido um sem o outro.

Por isso, podemos dizer que, discursivamente, o sucesso faz parte da relação simbólica da tecnologia com nossa realidade. Ter o aplicativo *BabyCenter* e suas ferramentas tecnológicas dentro de um dispositivo móvel como o celular ou um tablet traz à tona esse imaginário. São inovações muito desejadas por essas mães da era tecnológica do digital, que parecem agora dar conta do acompanhamento de uma gestação que, em gerações anteriores, precisava de um deslocamento até o consultório médico, de uma consulta com um especialista obstétrico e de todo um passo a passo do pré-natal até a chegada do bebê.

Vieira Pinto (2005, p. 219-220), nos mostra os efeitos ideológicos do modo como o conceito de tecnologia foi se constituindo e se formulando nesse modelo econômico-político neoliberal com o qual a sociedade contemporânea está comprometida fortemente.

Questionando o “maravilhamento” dos homens frente à ciência e à tecnologia, o filósofo afirma que esse comportamento advém da própria constituição de uma

sociedade bipartida entre os que têm acesso a bens e conhecimento científico-tecnológico e aqueles que não os têm, sendo os primeiros os que divulgam a “ideologização da técnica”, ou seja, o uso que o poder dominante faz da tecnologia para constitui-la em ideologia com duas finalidades básicas: conseguir o apoio inegável das massas e fazer da tecnologia uma forma bastante eficaz de dominação sobre essas mesmas massas.

Essa ideologização é o que parece responde, portanto, pelo fato de usuárias/tentantes/gestantes/mães/consumidoras em vários lugares do mundo aderirem ao uso de um aplicativo como o *BabyCenter* para fazer o acompanhamento dessa fase tão importante da vida deles. A tecnologia impõe uma realidade e os sujeitos se identificam com ela e, dessa forma, os desenvolvedores podem trabalhar em suas ideias “geniais” e terem seus pequenos “objetos de desejo” vendendo cada vez mais, sendo aceitos como algo seguro e eficaz.

4.8 Da imagem como representação

Na esteira das análises apresentadas anteriormente, trazemos agora um quarto recorte, (R4), que é um conjunto de imagens de vídeos disponibilizados pelo aplicativo *BabyCenter*. Nele, podemos encontrar novamente o “*i-Bebê*”, agora representado em diferentes momentos da fase gestacional.

Essa seção é oferecida às gestantes que desejam “ver” seus bebês dentro da cavidade uterina, de maneira que possam assim “acompanhar” o desenvolvimento fetal ao longo das semanas gestacionais até chegar o momento crucial: “o parto normal”, conforme se lê no sexto e último vídeo do recorte (R4).

A finalidade da seção “A Gravidez por dentro”, segundo formulação presente no próprio aplicativo, é oferecer a essas mães a chance de “descobrir em nossos vídeos, como o bebê se desenvolve dentro do útero, como o sexo da criança se define”, assistindo, em formato tridimensional – 3D, ao bebê crescer dentro da “barriga”, desenvolvendo-se, movimentando-se, na tentativa de criar uma imagem de um bebê que seja o que essa usuária tem como seu.

Para Orlandi (2012, p. 63), “assim como qualquer materialidade significativa, também a imagem não é transparente. É materialidade. Tem seu modo de funcionamento”. Assim, podemos afirmar que as imagens desse vídeo produzem o efeito de sentido de representação, uma imitação, uma reprodução. Dito de outra

maneira, as imagens de um bebê em desenvolvimento que produziram para a futura mamãe / usuária do aplicativo a ilusão desse bebê ser o dela, aquele que se desenvolve semana após semana dentro do útero dela.

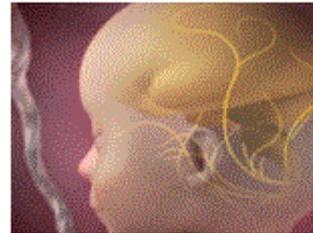
Vídeos sobre gravidez



A gravidez por dentro -
Primeiras nove
semanas: vídeo



A gravidez por dentro -
Semanas 10 a 14:
vídeo



A gravidez por dentro -
Semanas 15 a 20:
vídeo



A gravidez por dentro -
Semanas 21 a 27:
vídeo



A gravidez por dentro -
Semanas 28 a 37:
vídeo



A gravidez por dentro -
O parto normal: vídeo

Recorte 4
Fonte: www.babycenter.com

Embora estejamos tratando de vídeos nesse (R4), para ilustrar a questão teórica que vimos trazendo, buscamos em Orlandi (2012), em um exercício de análise, suas reflexões acerca de uma estátua, a qual, inicialmente, nada colocaria à disposição de nosso estudo a não ser o fato de que tanto um vídeo, quanto uma estátua se constituiriam de outras materialidades discursivas. Para nós, é importante lembrar que Orlandi (2012, p. 58) afirma que “a língua não pode ser pensada sem a possibilidade de outras formas materiais significantes”. Reconhecendo a abertura do simbólico, a autora chama-nos à atenção que a língua, sujeita a falhas, pode ser

pensada em relação a essas diferentes materialidades significantes, que também são/estão sujeitas à falha.

Diante disso, ressoa em nós o que Orlandi (2011) escreve:

Uma estátua, assim como qualquer objeto simbólico, que aqui tomamos com um discurso, não significa apenas em si. Todo sentido é “relação a” (Canguilhem, 1980). E, no caso de uma estátua, também os discursos a atravessam, os que ela produz – uma estátua não fala, mas produz discursos e que são parte de seus sentidos Orlandi (2011, p. 15)

Nesse momento, vamos buscar compreender como essas imagens significam, como produzem sentidos. Brust e Petri (2013, p. 29), nos lembra da questão “de que uma imagem também comporta um programa de leitura assinalando um lugar ao espectador, como se houvesse um limite para as leituras”, isto é, como significar essa imagem seguindo alguma orientação. Nesse recorte, considerando um programa de leitura proposto, podemos considerar que haveria uma narratividade prevista pela sequência de vídeos, que orienta para uma certa construção, relacionada à passagem do tempo, uma linearidade, uma temporalidade que é efeito da justaposição das imagens.

Dito de outra maneira, é como se, nessa seção, fosse contada uma história para a usuária/gestante/mãe, apoiada numa sintaxe própria da imagem, que apela para o conhecimento científico da Biologia, onde encontramos, nos livros de Ciências, como deve se dar tal passagem da formação do bebê até o seu nascimento. Esse seria o programa de leitura previsto que as imagens do aplicativo buscam textualizar, ou seja, formulam quando pensamos a imagem como formulação de sentidos, efeito de realidade sobre a passagem do tempo.

No entanto, sabemos que se trata de gestos de interpretação, que apresentam equívocidade, assim como nas formulações já analisadas, pois, mesmo se relacionando ao que está visível para as usuárias, o equívoco permanece. Lançando mão mais uma vez da teoria da Análise de Discurso, sabemos que o equívoco é uma marca de resistência que afeta a regularidade do sistema da língua e, por isso, suas manifestações – falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos, entre outros também fazem parte da língua.

A equívocidade dessas imagens estaria relacionada ao efeito de equivalência ou coincidência entre o bebê gerado por ela e o da imagem. Realiza-se nessas imagens um desenvolvimento gestacional de um *i-Bebê* “perfeito”, já que desenvolvido num corpo virtual e controlado em suas falhas orgânicas por meio do

algoritmo que o constitui. Dito de outra forma, mais uma vez, é a opacidade das imagens que são, de fato, polissêmicas e que, portanto, admitem outras articulações no âmbito da memória, que circulam no aplicativo e promovem a produção de sentidos de um ser diferente do que está na barriga da usuária do aplicativo.

Esse lugar de representação que se quer sem equívoco e sem falta está fadado a não existir. Todavia, sabemos que é do aplicativo guardar esse lugar de completude, onde ele dá a ver o bebê para o acompanhamento de uma gravidez segura.

Ainda dentro de recortes que trazem imagens e seguindo o que já apontamos sobre a opacidade dessas imagens quando do seu funcionamento, optamos por trazer nesse momento um recorte composto por duas imagens que se complementam da mesma seção do aplicativo *BabyCenter* vista anteriormente em (R4).

Desenvolvimento fetal - 20 semanas de gravidez

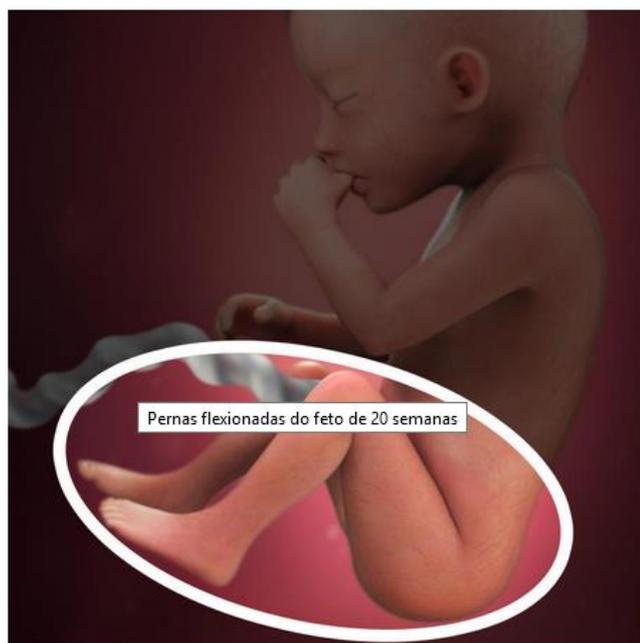
Escrito para o BabyCenter Brasil
Aprovado pelo Conselho Médico do BabyCenter Brasil



Veja o desenvolvimento do bebê com 20 semanas de gravidez

Recorte 5

Fonte: www.babycenter.com



Se você ainda não sentiu, logo começará a sentir os chutes do bebê.

Recorte 6

Fonte: www.babycenter.com

Da seção “Vídeos para a Gravidez”, trazemos o recorte 5 (R5), intitulado “Desenvolvimento fetal – 20 Semanas de gravidez”, em que vemos uma imagem que procura mostrar à usuária/gestante/mãe como deve estar a aparência do *i-Bebê* em desenvolvimento durante a fase em que ele completa 20 semanas de gravidez. Aparece nessa imagem, um bebê com sua formação ainda incompleta, chupando seu dedinho, passando para quem o vê a sensação de que ele deve estar tranquilo. Chamamos atenção também para a imagem do cordão umbilical em destaque por uma coloração mais clara, que aponta para a ligação física/nutricional com a mãe. A imagem apela para uma situação de conforto e acolhimento, produzindo para essa usuária/gestante/mãe a evidência de sentido de que está tudo bem com a gestação, ainda que o referente aí, o *i-bebê*, seja uma construção do próprio aplicativo e não um exame laboratorial do bebê real.

O recorte 6 (R6), é a imagem do *i-Bebê* que aparece no (R5) com destaque para um detalhe na composição fetal. Diz a formulação dentro do balão: “pernas flexionadas do feto de 20 semanas”, isto é, agora busca-se pela evidência que o *i-Bebê* se desenvolveu a tal ponto que consegue dobrar os membros inferiores. Movimenta-se na cavidade uterina simulada. A evidência de movimento é tal, que,

complementando, do lado externo dessa imagem, surge a segunda formulação que nos interessa para a análise e que nos diz: “Se você ainda não sentiu, logo começará a sentir os chutes do bebê”.

Novamente, a equivocidade dessas imagens dá à usuária/gestante/mãe um efeito de evidência de estar diante da imagem de um bebê que está dentro do corpo dela, crescendo a cada dia. Mexendo-se pelos recursos audiovisuais existentes no aplicativo, esse *i-Bebê* produz, por meio da memória, o gesto dos chutes que indicariam uma gestação saudável. Apelando para a opacidade dessas imagens, que aparece pelo funcionamento algorítmico, apaga-se o fato, mais uma vez no funcionamento do aplicativo, de que ali se encontra o *i-Bebê*, o bebê concebido por uma maternidade algorítmica que se pretende pela memória fazer funcionar como o bebê da concepção natural para essa usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora.

4.9 “Oráculo de Delfos” científico

Aprofundando um pouco mais nessa análise, também podemos observar o efeito de sentido de “oráculo”, que se estabelece por meio da formulação “Se você ainda não sentiu, logo começará a sentir os chutes do bebê”. Língua e história funcionando na produção de sentidos. Lembremos que, como o “oráculo de Delfos”¹⁶, que previa o futuro, o aplicativo aqui parece carregar um anseio em profetizar, em fazer uma previsão de que a usuária/tentante/gestante/consumidora “logo começará” a perceber não só visualmente a movimentação do bebê, mas a “sentir esses chutes”.

Dando mais ênfase à superfície linguística, temos também como fazer uma análise em outra base do processo discursivo. O verbo no futuro do indicativo (“começará”) determina, em partes, a produção do efeito de sentido de futuro do qual não se escapa. Assim, mais que mostrar a organização do enunciado a sintaxe pode nos levar a compreensão da ordem do discurso.

¹⁶ Durante pelo menos 10 séculos, o Oráculo de Delfos, também conhecido como o Oráculo de Apolo, foi uma das mais influentes instituições do mundo antigo, especialmente entre os séculos VIII e IV antes de Cristo. Era procurado por todos os povos do Mediterrâneo e de outras regiões do globo, desde o cidadão comum, que buscava orientações sobre saúde, dinheiro e amor, até governantes e generais que queriam conselhos a respeito de guerras e conquistas territoriais. O Oráculo teria previsto, por exemplo, a Guerra de Troia e a aprovação das leis democráticas de Atenas. Foi em Delfos que Édipo ouviu a profecia: mataria seu pai e se casaria com a própria mãe.

Fonte: <https://www.lugaresdememoria.com.br/2018/10/oraculo-de-delfos-um-lugar-de-profecias.html>

Nas palavras de Orlandi (1996):

Na análise, não é a relação entre, por exemplo, sujeito e predicado (SN e SV) que é relevante, mas o que essa organização sintática pode nos fazer compreender dos mecanismos de produção de sentidos (linguístico-históricos) que aí estão funcionando em termos da ordem significante. Orlandi (1996, p. 46)

Na sequência de recortes abaixo, (R7), (R8) e (R9), vemos outras ferramentas que também são desenvolvidas para as usuárias do aplicativo *BabyCenter*. Trata-se das *calculadoras* da ovulação, da gravidez e do sexo do bebê. Com elas, a tentante poderá acompanhar seu período fértil e, no fluxo das tentativas, satisfazer *a priori* o seu desejo de descobrir se está grávida e uma vez positivo para esse diagnóstico, seguirá calculando o sexo da criança, não dependendo dos tradicionais exames de ultrassom ou mesmo de sangue que detectam pelo DNA para saber se estamos diante de uma menina ou um menino.

Em (R7), a formulação “Descubra seus dias férteis e aumente suas chances de engravidar”, que aparece como legenda da imagem da “Calculadora da ovulação”, mostra como o aplicativo *BabyCenter* tenta ocupar um espaço de um auxiliar aos métodos de concepção.

Calculadora da ovulação



Qual foi o primeiro dia da sua última menstruação?

7 nov 2019

Quanto dias dura seu ciclo em média?

28

Calcular

Descubra seus dias férteis e aumente suas chances de engravidar!

Recorte 7

Fonte: www.babycenter.com

Nessa calculadora, existe um serviço de contagem matemática simples que responde à usuária sobre qual seria o seu período fértil, ou seja, o aplicativo está oferecendo uma ajuda ao casal que está tentando engravidar.

Isso mais do que uma ajuda, parece nos remeter à situação da usuária-tentante que, em busca de uma gravidez, já começa a encontrar no aplicativo as primeiras respostas para a maternidade, funcionando como um apelo publicitário, uma espécie de amostra grátis do que está por vir se a escolha pelo *BabyCenter* como aplicativo para monitoramento de maternidade acontecer.

Voltando à superfície linguística da formulação, temos como fazer uma análise baseada no processo discursivo que ocorre com a presença do conectivo de adição E, que coordena os dois períodos, não só como acréscimo, mas também no estabelecimento de uma relação de consequência. Em última instância, se a usuária usar o aplicativo, terá mais chances de engravidar. Outra vez a completude do digital.

Calculadora da gravidez



Você já quebrou a cabeça fazendo as contas e vasculhou o calendário? Use nossa calculadora para descobrir a data prevista para o nascimento do seu filho.

Recorte 8

Fonte: www.babycenter.com

O recorte 8, (R8), traz a “Calculadora da gravidez” e, na legenda da imagem, a formulação “Você ‘já quebrou a cabeça fazendo contas’ e vasculhou o calendário? Use nossa calculadora para descobrir a data prevista para o nascimento do seu filho”. Podemos iniciar a análise desse recorte afirmando que algo aqui aponta para o estereótipo do discurso pedagógico que diz: “Matemática é difícil”, “Só aprende Matemática quem é inteligente” e assim por diante, já que, no questionamento que o

aplicativo faz para a usuária, fazer contas simples está associado a “quebrar a cabeça”, ou seja, à dor, ao sofrimento imposto pelos cálculos matemáticos.

O que está funcionando nessa formulação é mais uma evidência trazida pelo digital e que está em concordância com o que falamos em capítulos anteriores da nossa pesquisa. A sociedade moderna parece ter atração pelo “mais fácil, mais rápido, mais simples”, como, por exemplo, quando aceita a comida enlatada, a bebida industrializada, o entretenimento de fácil entendimento. O aplicativo se utiliza disso para, mais uma vez, apelar para a facilitação – nesse recorte, do cálculo da data do parto – das atividades do cotidiano de uma usuária/tentante/gestante/consumidora que deseja, sem ter que consultar o médico, fazer a previsão do nascimento do bebê. Aplicativo oracular. Onipotência algorítmica.

Calculadora do sexo do bebê

Menino ou menina? O [BabyCenter](#) foi atrás da ciência por trás dos fatores que influenciam a definição do sexo do bebê.

Atenção: Embora a calculadora seja baseada em pesquisas, os estudos são limitados, então ela é mais uma brincadeira. Espere até [descobrir o sexo de verdade](#) para sair fazendo compras. E, quando descobrir, conte para a gente [se a calculadora acertou ou não](#).



Você tem mais de 35 anos?

Sim

Não

Recorte 9

Fonte: www.babycenter.com

Seguindo com esse algo da ordem do divino, da adivinhação, presente no funcionamento algorítmico próprio do aplicativo, em que se parece crer que todos os dados estão postos nessa equação de variáveis matemáticas, chegamos ao recorte 9, (R9). Já dissemos, em outro momento da tese, que o algoritmo é alimentado pela usuária e novamente lembramos que, ao fazer o *login*, ela está fornecendo um

conhecimento que será extraído por um processo indutivo da mineração dos rastros digitais. De tal modo, que ao retroalimentar esse algoritmo, ali serão encontradas as regularidades associadas aos interesses, aos comportamentos, aos traços psicológicos da usuária/tentante/gestante/consumidora. É o *Big Data* brincando de Deus, o “oráculo de Delfos” do digital – a divindade consultada por intermédio de um ser humano (usuária) que transmite a resposta; é o lugar sagrado onde a resposta é dada. E, como já mostramos, para essa usuária, isso funciona na evidência da produção de sentidos na onipotência e completude do digital.

Observamos que esse jogo de perguntas e respostas *online* pode ser interpretado como algo do mundo científico, todavia sem preocupação com o rigor das ciências, já que existem alertas de que os resultados ali apresentados possuem uma margem de erro. O algoritmo agora parece querer entrar no mundo do entretenimento – são ferramentas para divertir a usuária/tentante/gestante/consumidora num período de muita tensão – e trazer à tona o funcionamento, que o aproximaria de suas usuárias, ao simular resolver as dúvidas, que não cansam de circular em rodas de conversa de tentantes e gestantes.

“*Você tem mais de 35 anos?* “ é a pergunta que a “Calculadora do sexo do bebê” faz para a usuária numa espécie de “Conte para a gente” – um espaço para inserção de informações pessoais que, no funcionamento algorítmico, irá se transformar em *input*, de modo que os dados aí gerados servirão também no processo de personalização do algoritmo – o retorno da informação em forma de mais informações, todavia não sem que haja um direcionamento nessas informações.

Dito de outro modo, é a formação do “filtro-invisível”, como cita Pariser (2012), cuja máxima diz que “você recebe mais daquilo que você já tem”. Ainda que na ilusão da transparência do funcionamento algorítmico, essa usuária/gestante/mãe é retroalimentada por um banco de dados digitais que prevê o que ela gostaria de receber, numa simulação de suas preferências, cujo efeito de verdade surge quando ela se reconhece no que o aplicativo oferece para ela.

4.10 Prescritividade no aplicativo

10 passos para uma gravidez saudável

Escrito para o BabyCenter Brasil
Aprovado pelo Conselho Médico do BabyCenter Brasil



A gravidez é um momento ideal para começar a se cuidar a sério, tanto em termos físicos como emocionais. Sua chance de ter uma gestação tranquila e um bebê saudável aumentarão muito se você seguir algumas orientações simples:

Neste artigo

1. Comece seu pré-natal o quanto antes
2. Alimente-se bem
3. Tome cuidado com o que come

Recorte 10

Fonte: www.babycenter.com

Chegando ao décimo recorte, (R10), encontramos formulações organizadas como um manual – “10 passos para uma gravidez saudável”. Nessa seção, o algoritmo do aplicativo *BabyCenter* busca atender as gestantes – consideradas marinheiras de primeira viagem – nas supostas dúvidas iniciais do período de gravidez. Por meio dessas formulações, os dez passos são descritos como conselhos sobre hábitos e comportamentos, que deverão ser assumidos por elas durante e após a gestação.

Trata-se de um manual, em que o discurso prescritivo é formulado sob a égide dos verbos no imperativo, de tal forma que as condutas ali descritas devem ser adotadas e se apresentam como um todo universal. Nesse momento, é possível acionar na memória algo que pode nos remeter, em sua estrutura, a “Os 12 Passos”¹⁷,

¹⁷ Fonte: <https://www.aa.org.br/informacao-publica/categorias/principios-de-a-a/os-doze-passos>

um programa desenvolvido pelos A.A.¹⁸, como método usado na recuperação de pessoas dependentes do álcool. Nesse programa, os passos parecem ser guiados com o auxílio de um interlocutor que *a priori* não existe, mas se faz presente na formulação e que diz ao interessado que ele não pode pular nenhuma etapa, sob o risco de o ritual falhar.

Chiaretti (2013, p. 93), ao falar da prescritividade presente em manuais de autoajuda afirma que “é na medida em que condutas se colocam como universais por um encadeamento prescritivo de passos que o discurso do livro de autoajuda se aproxima da forma do discurso religioso”. Assim, compreendemos que o aplicativo *BabyCenter* propõe expor o passo a passo que irá assegurar às gestantes uma gravidez sem riscos desnecessários que ponham o bebê em perigo, pensamento que precisa ser afastado de qualquer futura mãe, de maneira prescritiva, isto é, formulando de tal maneira que ela passe a ler aquilo como verdade absoluta, na ilusão da transparência da linguagem.

Todavia, ao contrário do que seria esperado, os “passos” não vêm embasados em algum conhecimento científico. Aliás, ao lermos os tais passos, o que é visto são formulações tais como: “Comece o seu pré-natal”; “Alimente-se bem”; “Tome cuidado com o que come” e assim por diante. Trata-se de um conjunto de regras organizadas para serem seguidas desde o momento da confirmação da gravidez sem, contudo, apresentar qualquer embasamento declarado das ciências ou mesmo em referência às narrativas tradicionais, do tipo “todo mundo sabe que”.

Essa nossa afirmação pode ser corroborada pelos dizeres que aparecem logo após o título do artigo: “produzido para o *BabyCenter* Brasil e aprovado pelo Conselho Médico do *BabyCenter* Brasil”. Isto é, esse postulado vem para reafirmar o funcionamento do discurso digital de produtos feitos “sob medida para o usuário” – a “personalização” dos produtos e serviços dos dispositivos digitais¹⁹. O que está sendo formulado no manual dos “10 Passos para uma Gravidez Saudável” tem a ver com o banco de dados digitais do próprio aplicativo. Sendo assim, vemos que o algoritmo outra vez reafirma a sua necessidade de extrair dados, ou seja, de rastrear as opiniões, as escolhas, os percursos das usuárias durante o seu funcionamento, de modo a aumentar a sua usabilidade.

¹⁸ Alcoólicos Anônimos do Brasil

¹⁹ Personalização: recurso que permite recomendar aos clientes os produtos que melhor se adaptam ao seu perfil, aumentando, dessa forma, as chances de compra.

Continuando com a análise do (R10), vemos a imagem de uma grávida com a gestação avançada sorrindo e com um *tablet* nas mãos que também diz algo para nós. Adjacente a essa gestante, que subentendemos estar acessando a aba dos “10 Passos”, existe um pequeno texto do qual retiramos a formulação “Sua chance de ter uma gravidez tranquila aumentará muito se você seguir algumas orientações simples”. Esse dizer de “aumentar a chance de” nos faz mostrar que a prescritividade está fortemente inserida no funcionamento de uma evidência que associa a leitura seguida da obediência a essas regras, como se a ameaçar essa usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora.

É a ausência de regras morais ou a vacância desse lugar de porta-voz dessas regras que configura, de acordo com a nossa hipótese, um contexto fértil para a produção de um discurso prescritivo, no qual estão presentes instruções que têm como finalidade promover uma boa adaptação social dos indivíduos que se encontram órfãos dos antigos processos de disciplinarização promovidos pelo Estado, pela Igreja ou outros órgãos (CHIARETTI, 2013, p. 110).

É fato que, na saúde em tempos neoliberais, essas prescrições ganham força porque, com tamanha tecnologia à disposição da sociedade, por qual razão ela não faria uso dessas informações nem tão científicas assim? Afinal, o algoritmo cumpre seu papel – tudo está posto, tudo à disposição. Então, se a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora corresponder às expectativas, a possibilidade de algo sair da normalidade nessa gestação parece ser quase zero e, se acontecer, risco mínimo para mãe/bebê na ótica algorítmica.

Ao propor essa normatividade sobre a maternidade, podemos afirmar que o algoritmo o faz com o que ele aprende dos mesmos usuários que buscam nele uma resposta para suas dúvidas.

Parece incoerente e, provavelmente, o seja, mas o que nos importa nesse momento da pesquisa é dizer, então, que esse aplicativo não é desenvolvido apenas para ajudar numa fase da vida da usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora de seus serviços, mas é um aplicativo que prescreve/impõe condutas, que dificilmente serão refutadas ou abandonadas, visto que são dessa ordem do digital – qualquer erro será absorvido e como *input* novamente será usado para aprimorá-lo. Dito de outra forma, como na lei de Lavoisier, “nada se perde, tudo se transforma” e, assim, nascerão as “versões atualizadas” do próprio aplicativo.

4.11 Cientificidade ou experiência?

A seguir, o recorte 11, (R11), retrata o “Conselho Médico do *BabyCenter* Brasil” o qual é responsável pela aprovação do manual discutido anteriormente e produzido para o aplicativo aqui analisado. Interessou a nós, trazê-lo para análise nesse momento da pesquisa para que fosse mostrado como a legitimidade do conhecimento afastou-se do discurso científico com todo o rigor que lhe cabe e passou para a mão de especialistas da escolha dos próprios responsáveis pelo aplicativo.

Conselho Médico do BabyCenter Brasil



Todos os artigos da área médica são revisados por especialistas em saúde da mulher ou desenvolvimento neonatal e infantil.

Conheça a seguir alguns dos profissionais que aprovam e atualizam os textos e que nos ajudam a tornar o BabyCenter cada vez melhor.

Eleonora F. Stocchero Fonseca

Filha e neta de obstetras, Eleonora Fonseca é formada em ginecologia e obstetria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Tem três filhos: Enzo, Allegra e o caçula Massimo.

Fábio R. Picchi Martins

Especialista em pediatria, neonatologia e terapia intensiva pediátrica, Fábio Picchi conta com quase 35 anos de experiência clínica, e atualmente integra as equipes dos hospitais Albert Einstein, Sírio Libanês e Santa Catarina, em São Paulo.

Recorte 11

Fonte: www.babycenter.com

Ainda que apresentados como especialistas em saúde (ginecologia, obstetrícia), nos parece extremamente curioso que, no descritivo do Conselho, conste que uma determinada profissional seja mostrada como vinda de uma “família de médicos”, como um valor agregado ao seu currículo. Cientificidade difusa. Sempre relacionada à “experiência” – a verdadeira fonte do conhecimento para o *BabyCenter*.

Senão vejamos: muito embora não se trate de um modelo de currículo tradicional, daqueles apresentados em situações mais formais da vida do profissional de saúde, parece-nos estranho que, numa espécie de seção do tipo “Quem Somos”, a dra. Eleonora Stocchero Fonseca seja descrita como a especialista que aprova e atualiza os artigos da área médica do *BabyCenter* por ser “filha e neta de obstetras e mãe de três filhos”.

A formulação parece carecer da credibilidade que cerca a seriedade da questão tratada. Poderíamos, assim, verificar um tom mais infantilizado, que está previsto com a simplificação da atividade profissional da médica. Ela se torna capacitada para a sua atividade no Conselho Médico do *BabyCenter* por possuir “experiência pessoal” na maternidade.

A busca pela aproximação com a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora aparece como faz o aplicativo quando da escolha por uma interface “mais amigável”. Dito de outra maneira, o efeito de evidência parece fazer funcionar aqui um sentido de aproximação, acolhimento, numa tentativa de relativizar as dificuldades impostas pelo conhecimento científico e sua linguagem erudita característica.

O uso de termos que não são de fácil compreensão, levam as usuárias a preferirem essa linguagem mais simples, de conteúdos mais familiares, mesmo que em detrimento de uma credibilidade profissional devida ao cargo dessa especialista.

Afinal, ela é a responsável por revisar os conteúdos sobre saúde da mulher e do desenvolvimento neonatal e infantil, sendo assim, a responsável pelo que será publicado ou não para as usuárias tomarem como verdade científica para si e para o bebê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos que inovações tecnológicas das mais variadas formas introduzem transformações em nossas vidas. Há aquelas transformações que nos são contadas por meio de livros, filmes e até por experiências relatadas em encontros pessoais entre familiares que viveram em épocas distintas ou mesmo em outros lugares. E há outras que experimentamos em nosso próprio viver. Tudo isso nos ajuda a perceber as transformações que a tecnologia pode gerar na humanidade de antes e compará-las com o agora.

Qual de nós não sabe como foi a vida até a chegada da energia elétrica? E que depois da energia elétrica, nossos hábitos familiares foram mudados, a família pôde passar a ouvir rádio com todos reunidos na sala e a conviver mais intimamente. Não parece mesmo haver dúvida sobre como nossos comportamentos e hábitos foram/são alterados com a chegada de novas tecnologias.

Com a chegada da Internet, o desenvolvimento dos *smartphones* e dos aplicativos móveis, portanto, não seria de se esperar outra coisa que não o impacto que eles vêm provocando no mundo, quer na maneira de pensar ou agir das pessoas. O grande desafio seja talvez perceber que esse impacto possa ser bem mais profundo sobre os seres humanos quando a eles são expostas novas tecnologias que passam a provocar transformações mais profundas e que arrisca alterar o modo de ser deles.

Em nossa tese, interessou-nos o estudo de um desses aplicativos móveis desenvolvidos para a maternidade, o *Minha Gravidez e Meu Bebê hoje* do *BabyCenter*. Nosso estudo iniciou-se com a retomada da desnaturalização da maternidade, quando pudemos ver como o sentido de maternidade é sempre historicamente marcado, construído. A maternidade se significa a partir de certas condições materiais de produção. Vimos como, através dos tempos, a maternidade tem seus sentidos construídos, tendo as relações econômicas um papel muito importante nessa construção.

Dessa maneira, maternidade será compreendida como felicidade, que é tanto um valor da tecnologia como também do neoliberalismo. Nesse sentido, não há nada de natural, de espontâneo sobre a maternidade, ainda que ela ocorra dentro de um corpo orgânico.

Diante dessa desnaturalização da maternidade, nossa questão foi compreender como a maternidade é significada na atualidade em aplicativos móveis no discurso digital como o do *BabyCenter*. Para responder a essa questão, foi preciso constituir um *corpus* composto por uma série de materiais de natureza heterogênea. Iniciamos a seleção pelo *website* do *BabyCenter*, desenvolvido antes do aplicativo surgir, em especial, a página inicial (homepage) de modo a apresentar as primeiras ferramentas postas à disposição da usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora para se dar o acompanhamento da maternidade.

O *corpus* também envolveu outras ferramentas que foram agregadas quando do desenvolvimento do aplicativo, entre elas, as calculadoras oferecidas para saber o dia ideal para a fecundação ou ainda conhecer o possível sexo do bebê. Também selecionamos peças publicitárias que aparecem trazendo as opiniões dadas pelas usuárias com base na experiência delas ao longo da navegação pelos recursos do aplicativo. Finalmente, utilizaremos as imagens em 3-D e os vídeos que são disponibilizados para aumentar a satisfação da experiência de acompanhar o desenvolvimento fetal semana após semana. A partir da descrição e da interpretação desses materiais, o objeto discursivo, a maternidade algorítmica, que é a maternidade no digital, começa a surgir. As reflexões e análises formuladas nos ajudaram a compreender algo desse funcionamento e do processo histórico que o determina.

Passando um olhar pelo processo de construção desse objeto também nos foi necessário compreender um pouco da sua gênese, quando, ao longo do percurso, pudemos observar que ele se apoia em uma lógica dos manuais, ou seja, espaços de prescritividade. Entretanto, notamos que, muito embora o aplicativo tenha um forte apelo para prescrever condutas e normas, houve um certo deslocamento nesse ato, uma vez que sabemos que os manuais de outrora eram legitimados pela prescrição feita por médicos e outros profissionais da saúde envolvidos com a maternidade e que, para o aplicativo, o que se deu foi a prescrição ser própria do funcionamento algorítmico. De um modo geral, vimos que os próprios *inputs* – um conjunto de opiniões produzidas pelas usuárias – servirão para traduzir as expectativas do que seria oferecido pelo aplicativo.

É importante lembrar que o algoritmo é desenvolvido a partir de uma linguagem de programação e, por isso, nos foi possível observar que esse funcionamento também estava marcado pela opacidade. Daí podermos afirmar que o funcionamento discursivo do aplicativo *BabyCenter* está pautado no funcionamento algorítmico, da

linguagem binária, que se dissimula como transparente e esse algoritmo apresenta um modo de individuação específico, que produz alguns efeitos, que conseguimos apontar ao descrever e interpretar os recortes das análises citados anteriormente.

Ademais, podemos compreender que é por essa opacidade no funcionamento dos algoritmos, que se torna possível afirmarmos que até essa programação do aplicativo é dissimulada para as usuárias, numa tentativa de produzir as evidências que farão essas mães encontrarem no funcionamento maquínico “tudo aquilo que buscavam e poderiam sonhar em buscar sobre maternidade” num ambiente tecnológico confiável, acolhedor e de simples alcance.

Entre esses efeitos, encontramos a evidência da completude significativa relativamente aos efeitos decorrentes do modo como a tecnologia funcionaria como discursivo no aplicativo *BabyCenter* que, com uma prerrogativa de exaustividade, tenta esgotar as questões que as usuárias pudessem ter acerca da maternidade, circunscrevendo o conhecimento produzido no/pelo aplicativo, de modo a reforçar a identificação das usuárias com esse aplicativo. Outro efeito que se produz pelo funcionamento algorítmico é o funcionamento oracular dessa discursividade.

Como uma divindade premonitória, o aplicativo busca desvendar os mistérios da maternidade via ferramentas tecnológicas disponibilizadas pelo aplicativo quer na forma de vídeos e imagens quer em seções que nos conduzem pela mão a um manual de prescrições num jogo de perguntas e respostas. Vimos também o efeito de confiabilidade ou de fidedignidade do aplicativo que resulta da forma como as “informações” se acumulam e se reproduzem no digital, ou seja, por meio das avaliações, as opiniões fazem do aplicativo uma fonte confiável e relevante.

Isso o torna incontestável muito mais por conta dessas avaliações do que por referência a um discurso científico, comprovado e sustentado por pesquisas. Assim, confiança e relevância encontram-se em relação sinonímica, promovendo nas mães usuárias uma relação da ordem do pessoal, do familiar, dando a elas muito mais que um aplicativo, um algoritmo, um oráculo para se encontrar a resposta para uma maternidade segura.

Pensando nos modos de individuação, indagamos quais sujeitos resultariam desse discurso digital e chegamos ao *i-Bebê* e a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora. Ele, algo do imaginário tecnológico vira, sobe e desce com a tecnologia do 3-D, se faz presente na memória dessa usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora que quer acompanhá-lo durante todos os

dias até o momento do nascimento. Mais uma vez, na onipresença do digital, surgem a evidência da exaustividade e a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora que assiste aos vídeos e não se pergunta quem está ali, pois, explicado no efeito de confiabilidade, o *i-Bebê* é tomado para ela como o bebê orgânico que ela irá gestar.

Outra consequência a ser destacada é a da prescritividade. Uma vez que se estabeleceu todas essas variáveis que se esgotam, que são exaustivas na maternidade, que dizem o que a usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora pode/deve ou não fazer, surge um código de conduta, que advém dessa discursividade que estabelece todos os parâmetros possíveis de uma maternidade, tudo atrelado à lógica do consumo neoliberal.

Navegando pelo aplicativo *BabyCenter*, foi possível encontrar muitos anúncios que publicizavam os mais diversos produtos, bem como serviços de toda ordem relativos à maternidade. Uma maternidade que acaba por ser colonizada por esses bens de consumo. Bens que são oferecidos tomando por base o mecanismo de personalização dos dispositivos digitais. Novamente para reafirmar o funcionamento do discurso digital, encontramos os *inputs* traçando o que deveria aparecer para a mãe-usuária, ou seja, formulado a partir do rastreamento dos dados digitais, era formado um perfil computacional que se encarregaria de antecipar escolhas que fariam com que a identificação com o aplicativo se tornasse ainda maior. Produtos feitos “sob medida”, aumentando a aceitação do produto tecnológico.

Assim posto, podemos dizer que quando o funcionamento algorítmico propõe essa normatividade sobre a maternidade, ele o faz com o que ele aprende das mães-usuárias e estabelece entre eles uma relação de dependência que dificilmente será abalada, uma vez que para elas o caráter das “verdades” é da ordem da completude do digital, do totalizante e da exaustividade e, mesmo se houver algum deslize nessa relação, nem mesmo assim o aplicativo será posto em dúvida pela usuária, visto que até essa informação poderá ser utilizada para atualizações futuras do sistema que alimenta o próprio algoritmo

Uma das características do aplicativo *Minha Gravidez e Meu Bebê hoje* do *BabyCenter* consiste em estabelecer versões dos saberes sobre maternidade que circulam socialmente sob a forma de narrativas que se dispõem sob a forma de um aplicativo de celular. O sujeito usuário/tentante/gestante/mãe/consumidor se inscreve como um *login* e uma senha e se torna capaz de navegar por entre seções e ferramentas, identificando-se e reconhecendo-se bem-sucedido na execução de

determinada tarefa que o aplicativo lhe impõe. Dessa maneira, os aplicativos móveis funcionam socialmente como instrumentos para a produção e disseminação de discursos.

Enquanto usuária/tentante/gestante/mãe/consumidora experimenta os produtos e serviços dos aplicativos estabelecendo com eles relações diversas. Significamos e somos significados por estas relações. As formulações que compõem o universo semântico do aplicativo nos cercam, produzindo efeitos sobre nossa subjetivação e, dessa maneira, lidamos com sentidos que nos significam e sustentam a significação que atribuímos ao nosso redor. Dá-se, desse modo, uma padronização nas possíveis formas de ser e de viver. Grupos homogêneos são formados com opiniões semelhantes acerca de quase. Existência filtrada imposta pelo algoritmo e que sucumbe no pensamento único, um senso comum que irá nos representar.

Assim, podemos concluir que os aplicativos podem ser compreendidos como produtos tecnológicos decorrente do funcionamento da discursividade hegemônica das novas tecnologias da informação e do conhecimento. No aplicativo *BabyCenter*, sentidos de maternidade articulam-se ao sentido de poder, condição de produção da significação da maternidade algorítmica como evidência, em sua transparência. Nessa direção, o aplicativo móvel é efetivado, de maneira que ele se apresente como um produto ao consumo inequívoco, sem qualquer contra-indicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, [1970] 1980.

ALGRANTHI, L. M. **Famílias e Vida Doméstica**. In Novais, F. A. (coordenador-geral); Mello e Souza, L. (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. Vol. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 84-154.

ANDERSON, Cris. **A teoria da Cauda Longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ARAÚJO, Regina Borges de. *Computação Ubíqua: Princípios, Tecnologias e Desafios*. Departamento de Computação – Universidade Federal de S. Carlos (UFSCar). Disponível em: www.comp.ufscar.br/~rafagpf/TOPICOS_4/apostila.rtf. Acesso em 22 de maio de 2017.

BADINTER E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova. 1985.

BAUDRILLARD, J. **Significação da Publicidade**. In LIMA. L.C. (Org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BOCK, A. M. B. **A Psicologia Sócio-histórica: uma Perspectiva Crítica em Psicologia**. In Bock, A. M. B., Marchina, M. G., Furtado, O. (orgs.) *Psicologia Sócio-histórica: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001, pp.15-35.

BOWERS, T. **The Politics of Motherhood: British Writing and Culture, 1680–1760**. Cambridge, 1996.

BRILHANTE, M.D.N.; CORRÊA, C. **Análise comparativa de guias turísticos em formato de aplicativo: lonely planet e mtripTurismo** - Visão e Ação, vol. 17, núm. 2, maio-agosto, 2015, pp. 354-386 Universidade do Vale do Itajaí, Camboriú, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261056064006>. Acesso em 12. Mar. 2019.

BULLFINCH T. **O Livro de ouro da mitologia**. História de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro. 2000.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Fernanda Bruno Porto Alegre: Sulina, 123, 2013.

BRUNS, A. **Towards Producers**: Futures for User-Led Content Production. In *Sudweeks*, Fay and Hrachovec, Herbert and Ess, Charles, Eds. *Proceedings Cultural Attitudes towards Communication and Technology*, 2006, p. 275-284, Tartu, Estonia.

BRUST, Viviane Teresinha Biacchi; PETRI, Verli. **O que quer, o que pode um discurso? O que quer, o que pode esta foto?** RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 1 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos

de Urbanos do Núcleo Desenvolvimento da Criatividade -
<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

CANGUILHEM, L. **Le Cerveau et lá Pensée**. Paris, Murs, 1980. Apud ORLANDI, Eni p. 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

CAROZZA, N. Publicidade: o consumo e sua língua. Campinas, 2010. 157f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

CHIARETTI P. Subjetividade e discurso em livros de autoajuda. Ribeirão Preto, 2013. 187p.
 Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

COSTA, R. D. Sociedade de controle. **São Paulo em perspectiva**, v. 18, n. 1, p. 161-167, 2004.

CURTIS, Adam. **Tudo Vigiado por Máquinas de Adorável Graça**. BBC, 2011. Disponível em: <https://vimeo.com/130053688>. Acesso em: 20 jun. 2016.

DA COSTA, Frederico Lustosa; ZAMOT, Fuad. **Brasil: 200 anos de Estado, 200 anos de administração pública**. Editora FGV, 2010.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações**: 1972-1990. Trad.de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 219-226, 1992.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 1-202.

DE ALMEIDA EVANGELISTAA, Rafael. **Capitalismo de vigilância no sul global**: por uma perspectiva situada. 5º Simposio Internacional LAVITS | Vigilancia, Democracia y Privacidad en América Latina: Vulnerabilidades y resistencias. 29 y 30 de noviembre, 01 de diciembre de 2017. Santiago, Chile, p. 243-253. ISSN 2175-9596

FERRAGUT, G. Sentidos em circulação pelo digital: Justiça e Polícia e seus efeitos na sociedade. Campinas, 2018. 132f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade de Campinas, Campinas, 2018.

FERREIRA, M. C. L. O estatuto da equivocidade da língua. In: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo. (Org.) **Estudos da linguagem**, v. 10. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

FORNA, A. **A Mãe de todos os mitos – como a sociedade modela e reprime as mães**. Trad. Angela L. Andrade. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

INDURSKY, F. **Formação Discursiva**: ela ainda merece que lutemos por ela? SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, II. Santa Maria, nov. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIn dursky.pdf>. Acesso em: 25. nov. 2019.

KOSAKA, M. et al. **Computer aided real-time decision support system and method**. U.S. Patent n. 5,267,148, 30 nov. 1993.

LAFONTAINE, C. **O império cibernético**: das máquinas de pensar ao pensamento máquina. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

MARIANI, B. **Linguagem, conhecimento e tecnologia**: a Enciclopédia Audiovisual da Análise do Discurso e áreas afins. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.21, n. esp., [VIII SENALE] p. 359-393, 2018.

NUNES, José Horta. **Dicionários**: história, leitura e produção. Revista de Letras, v. 3, n. 1/2, 2010.

O'NEIL, C. **Weapons of math destruction**: How big data increases inequality and threatens democracy. Broadway Books, 2016.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013a.

_____, E. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes. 2012:150-68.

_____, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____, E. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____, E. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. v. 2, 2013b. Consultada no Portal Labeurb - Laboratório de Estudos Urbanos. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em: 20. ago. 2016.

_____, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____, E. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C. **Análise de discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz. 2007. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi.pdf>. Acesso em 15. Mai. 2020.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Kahar, 2012.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje [1982]. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. **Gestos de Leitura: da história no discurso.** 3. ed. SP: Campinas, Editora da Única, 1994. p. 55-66.

_____, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____, M. **Delimitações, inversões, deslocamentos.** Trad. de José Horta Nunes. Caderno de Estudos Linguísticos, n. 19, Campinas: Unicamp, jul/dez. 1990.

_____, M. **Ler o arquivo hoje.** In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

_____, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

_____, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M; GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística.** Campinas: Pontes, 2004.

PFEIFFER, E. **Technology review.** Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 out. 2003. Folha Informática.

PRIMO, A. **Industrialização da amizade e a economia do curtir: estratégias de monetização em sites de redes sócias.** Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/13208711/Industrializa%C3%A7%C3%A3o_da_amizade_e_a_economia_do_curtir_estrat%C3%A9gias_de_monetiza%C3%A7%C3%A3o_em_sites_de_redes_sociais?auto=download. Acesso em: 15. Dez. 2018.

RODRIGUES E.A.; SANTOS G.L.; CASTELO BRANCO L.K. **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre.** Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, Editora RG. 2011.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social.** (revista e ampliada). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ROMÃO, L. M. S.; FERREIRA, M. C.; DELA-SILVA, S. D. Arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (orgs.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 11-21.

SFEZ, L. **Técnica e ideologia: uma questão de poder.** Lisboa: Piaget, 2002.

SUMITKUMAR K.; SHEETAL G.; DEBAJYOTI M. **User Profiling Trends, Techniques and Applications.** In: International Journal of Advance Foundation and Research in Computer (IJAFRC) Volume 1, Issue 1, Jan 2014.

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

TORRES, C. E. **Mobilidade**: Computação móvel, dispositivos e aplicativos. Disponível em: <http://www.slideshare.net/cetorres/palestra-mobilidade-computao-mvel-dispositivos-e-aplicativos>>, Acesso em: 1. out. 2019.

TUFEKCI, Z. **Twitter and tear gas**: The power and fragility of networked protest. Yale University Press, 2017.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 2, p. 794, 2005.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. Cultrix, 1978.

WINNER, L. **Artefatos têm política?** *Analytica*. Revista de Filosofia 21.2 (1986): 195-218.

ZOPPI-FONTANA, M. Arquivo jurídico e exterioridade. **A construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação**. In: GUIMARÃES, E.; BRUM-DE-PAULA, M. (orgs.). Sentido e memória. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 93-116.